

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH**  
**Programa de Pós- graduação em Antropologia e Habilitação em Arqueologia.**

**Paula de Aguiar Silva Azevedo**

**Do barro às panelas de cozer: variabilidade das cerâmicas artesanais  
na senzala da Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos  
Goytacazes - RJ.**



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH  
Programa de Pós- graduação em Antropologia e Habilitação em Arqueologia.

Paula de Aguiar Silva Azevedo

Do barro às panelas de cozer: variabilidade das cerâmicas artesanais na senzala da  
Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes - RJ.

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
com Habilitação em Arqueologia da  
Universidade Federal de Minas Gerais

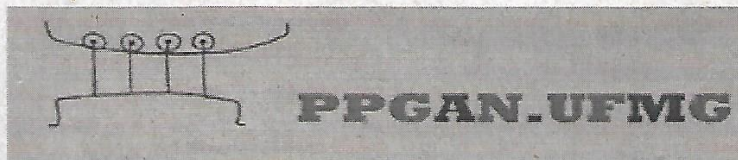
Orientador: Prof. Dr. Luís Cláudio Symanski.

Belo Horizonte

2019


306 Azevedo, Paula de Aguiar Silva.  
A994d Do barro às panelas de cozer [manuscrito] : variabilidade  
2019 das cerâmicas artesanais na senzala da Fazenda do Colégio dos  
Jesuítas, Campos dos Goytacazes – RJ / Paula de Aguiar Silva  
Azevedo. - 2019.  
178 f. : il.  
Orientador: Luis Cláudio Pereira Symanski.  
  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.  
  
1. Antropologia – Teses. 2. Arqueologia e história – Teses.  
3. Cerâmica - Brasil - História - Teses. I. Symanski, Luis  
Claudio Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

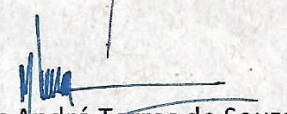


**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE PAULA DE AGUIAR SILVA AZEVEDO (MATRÍCULA Nº 2017656377)**

Aos 20 (vinte) dias do mês de maio de 2019 (dois mil e dezenove), reuniu-se no Auditório Prof. Bicalho - 1º andar prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, a Comissão Examinadora para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: **“DO BARRO ÀS PANELAS DE COZER: variabilidade das cerâmicas artesanais na senzala da Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes – RJ”**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de concentração: Arqueologia - Linha de Pesquisa: Arqueologia do Mundo Moderno e Contemporâneo. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Luis Cláudio Pereira Symanski (PPGAN/UFMG) – Orientador; Mariana Petry Cabral (PPGAN/UFMG) e Marcos André Torres de Souza – UFRJ/Museu Nacional (Por Videoconferência)**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Luis Cláudio Pereira Symanski após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestrande Paula de Aguiar Silva Azevedo para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestrande e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 20 de maio de 2019.

  
Prof. Dr. Luis Cláudio Pereira Symanski  
(Orientador)

  
Profa. Dra. Mariana Petry Cabral

  
Prof. Dr. Marcos André Torres de Souza

Dedico a minha mãe Isis e ao meu Tio Mando que me apoiaram durante essa jornada, mas já não estão aqui para ver a sua finalização.

## Agradecimentos

A escrita de uma dissertação sempre é um processo penoso, mas também nos transforma e amadurece durante o andamento da redação. Quando ainda refletia sobre a possibilidade de pesquisar a região Norte Fluminense do Rio de Janeiro, minha terra e de minha família, meu Tio Mando junto com a minha mãe e Tia Lídia, me levaram para um passeio. Passamos à tarde de domingo andando pelas antigas fazendas de cana-de-açúcar. Mostraram-me a antiga venda onde meu bisavô trabalhou em Conde de Araruama, a Fazenda Machadinho onde meu tio costumava brincar quando criança e uma capelinha onde seus pais tinham casado. Contaram-me histórias da minha família, de meus avós e bisavós e lugares onde meus antepassados tinham vivido e trabalhado. Nunca antes eu tinha sentido a minha família tão íntima entre o que eu estudo e o que eles vivenciaram e memoraram. Se antes eu tinha alguma dúvida sobre o projeto de pesquisa, depois dessa tarde de domingo eu tinha certeza que era algo que eu queria fazer. Dessa forma o meu primeiro agradecimento não poderia deixar de ser para eles, pessoas que sempre me ancoraram. Família essa cheia de mulheres extraordinárias que sempre irei admirar profundamente.

Acredito que muito do que somos como pessoas e mesmo o que conquistamos em nossas vidas é referente às relações que constituímos com as pessoas que estão a nossa volta. E por sorte sempre tive pessoas incríveis comigo. Agradeço a todos os meus amigos que estiveram envolvidos no processo e que tanto me ensinaram Mauricio, Suzana, Nathalia, Patrícia e Victor. Aos colegas do Museu Nacional que tão rapidamente ganharam um espaço no meu coração e que me apoiaram Letícia, Gabriel, Mário e todos da equipe do Resgate. Aos meus amores Luísa e Julia por sempre estarem comigo me dando equilíbrio emocional. E ao Daniel que incrivelmente e contra todas as chances esteve desde o início do mestrado dividindo umas Heineken's comigo e me lembrando de que o mundo é um cadinho maior que a academia. Agradeço ao meu orientador, Luís Symanski, por toda a paciência e ensinamentos. Também pelo carinho, Luís sempre se preocupou em agrupar e acolher seus orientandos, muitos deles vindos de fora da cidade que encontraram nesses momentos de socialização um espaço de camaradagem e companheirismo. Agradeço também aos professores Carolina Borges e Marcos André por compartilharem seus conhecimentos e perderem algumas horas de seus dias pra conversar e refletir comigo sobre a pesquisa.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>16</b>
<b>1. A Planície Goytacá nos tempos coloniais.....</b>	<b>23</b>
1.1. Indígenas no Norte-fluminense do Rio de Janeiro .....	23
1.2. Aldeamentos.....	29
1.3. Histórico da ocupação: da Capitania de São Thomé à cidade de Campos dos Goytacazes. ....	37
<b>2. Desde os cacos cerâmicos: teoria e método. ....</b>	<b>47</b>
2.1. Cerâmicas Históricas e Neo-brasileira .....	47
2.2. Miscigenação, criouliização e o <i>habitus</i> .....	56
2.3. Métodos na análise das cerâmicas coloniais da Fazenda do Colégio dos Jesuítas .....	63
<b>3. O conjunto cerâmico do Colégio dos Jesuítas .....</b>	<b>70</b>
3.1. Contexto arqueológico e histórico das intervenções .....	70
3.2. Resultados gerais da análise cerâmica.....	76
3.3. Decorações .....	83
3.4. Asas .....	89
3.5. Projeções dos recipientes.....	103
3.6. Relações sincrônicas e diacrônicas dos vasilhames.....	126
<b>4. Da argila às panelas de cozer.....</b>	<b>137</b>
4.1. Casos de resistência.....	137
4.2. Questões de identidades étnicas e individuais .....	143
<b>5. Conclusões e perspectivas futuras.....</b>	<b>149</b>
Anexo I.....	165
<b>1. Classificação das asas.....</b>	<b>166</b>
Anexo II .....	173
<b>1. Resultado da análise multivariada (CA) .....</b>	<b>173</b>
<b>2. Tabela das análises estatística .....</b>	<b>176</b>
<b>3. Análise de Chi.....</b>	<b>177</b>
<b>4. Tabela de fatores decrescentes .....</b>	<b>177</b>
<b>5. Tabela com cálculo de variáveis.....</b>	<b>177</b>

## Lista de imagens

Figura 1. Desenho baseado no formato do fruto Sapucaia. Fonte: autora.....	27
Figura 2. Recorte do Mapa Etnográfico Curt Nimuendajú (1981 [1941]) mostrando o estado do Rio de Janeiro e sul do Espírito Santo.....	28
Figura 3. Distribuição de aldeamentos no Rio de Janeiro no século XIX. Fonte: Bessa Freire e Malheiros <i>in</i> Silva (2016).....	32
Figura 4. Capitâneas hereditárias no momento de sua criação (1534-1536). Fonte: Cintra (2015). .....	38
Figura 5. Distribuição das áreas de intervenção tendo o Solar do Colégio com referência. Fonte: (Symanski & Gomes, 2014) .....	71
Figura 6. Detalhe da área NW, com as distribuições de quadricula entre os setores 8.3 e 8.2. ....	72
Figura 7. Divisão de setores dentro da área SE. Fonte: (Symanski & Gomes, 2014) ....	74
Figura 8. Estratigrafia da do setor 8.9 da área SE. Fonte: autora .....	74
Figura 9. Representação da estratigrafia da área NE. Fonte: autora.....	75
Figura 10. Intervalo de deposição das áreas NE, NW e SE. Fonte: autora .....	76
Figura 11. Exemplos das cerâmicas modeladas encontradas na área NE. 1. Dois fragmentos de borda. 2.3. Fragmentos de borda e 4 fragmento do que aparenta ser um apêndice.....	77
Figura 12. Detalhe aproximado 50x da pasta dos fragmentos cerâmicos. Fotografia tirada com o microscópio digital portátil.....	81
Figura 13. Mapa com o Rio Paraíba do Sul com seus afluentes. Os asteriscos sinalizam os cinco sítios identificados por Odemar Dias Jr. Fonte: Odemar Dias Jr. (1968). .....	82
Figura 14. Fragmento 1. Beliscado associado ao ungulado. Fragmento 2. Decoração ungulado com ponteadado. Fragmento 3. . Inciso com ponteadado e depósito de carbono na superfície interna. Fragmentos específicos da área NE nível F2 (segunda metade do século XVIII).....	84
Figura 15. Decoração do tipo escovado, com a presença de fuligem na superfície externa .....	85
Figura 16. Fragmento de borda com o beliscado. Especifico do nível F2, NE. ....	85
Figura 17. Prancha com decorações da Fase Mucuri. Fonte: Dias Jr. (1969) .....	86
Figura 18. Fragmento de borda com o polido estriado. Área SE. ....	87
Figura 19. Fragmentos 1 e 3 do nível F1s (1825-1850) e fragmentos 2. do nível F1i (1800-1825). ....	88



Figura 20. Fragmento de borda frente com decoração ponteadada, e o verso. Específico do nível F1s 1825-1850, NE.....	88
Figura 21. Fragmento 3.6.5 frente e verso.....	91
Figura 22. Fragmento 3.6.5 na imagem a. uma foto mais aproxima da parte interna da asa. Imagem b. as setas vermelhas mostram o movimento de deslocamento da argila enquanto que a linha também em vermelho acompanha essa sobreposição da argila do rolete sobre o pote cerâmico. Fotos com luz rasante.....	91
Figura 23. Fragmento 1.92.C3. Imagem a. mostra a face externa do fragmento enquanto a imagem b. mostra a face interna.....	91
Figura 24. Fragmento 1.92.C3. A seta esta destacando esse deslocamento de argila provocando uma sobreposição.....	92
Figura 25. Fragmento 1.89.F2 (NE). Imagem a. mostrando a "costura" na parte inferior da asa. Imagem b. mostrando o beliscado na parte superior da asa. Fotos de luz rasante. ....	93
Figura 26. Fragmento 1.43.4 (NW). ....	93
Figura 27. Detalhes do fragmento 1.43.4 (NW). Imagem a. mostrando o detalhe na parte interna e imagem b. a parte externa da asa.....	93
Figura 28. Fragmento 1.91.F2 (NE). ....	94
Figura 29. Imagem a. mostra a área onde a "costura" é mais visível, próximo de um ponto com resto de material carbonizado. Na imagem b., detalhe do beliscado na parte superior da asa.....	95
Figura 30. Fragmento de asa 1.89.F2 (NE). Vista de cima do fragmento com o beliscado na parte superior em conjunto com o ungulado.....	95
Figura 31. Foto da vista superior do fragmento mostrando o ungulado junto com o beliscado. Luz rasante para ressaltar o ungulado. ....	96
Figura 32. Fragmento 1.106.F2 (NE). Fotografia com luz rasante.....	97
Figura 33. Fragmento 1.90.F2. Parte inferior alisada e o ponteadado na parte superior	97
Figura 34. Fotografia a. da parte superior com luz direta. E fotografia perpendicular à peça com luz transversal.....	97
Figura 35. Fragmentos 1 e 2 de borda com asa e fragmento 3 de bojo. Ambos com asas alisadas. ....	99
Figura 36. Fragmento 1 mostra fragmento de bojo com asa, alisado e com brunidura. Fragmento 2 mostra a uma imagem superior do mesmo fragmento 1 onde se pode ver a junção da asa com o corpo cerâmico. ....	99

Figura 37. Imagem a, vista da parte superior do fragmento 1.88.F2. Imagem b, vista frontal do fragmento. Luz rasante.....	100
Figura 38. Fragmento 1.94.F2. Luz rasante.....	100
Figura 39. Face interna do fragmento 1.94.F2. ....	101
Figura 40. Fragmento de asa 1.88.C3. Foto com luz rasante. ....	102
Figura 41. Distribuição das asas nas áreas da senzala. ....	102
Figura 42. Projeção baseada no fragmento 3.16.5 (SE), $\emptyset=32$ . ....	104
Figura 43. Projeção baseada no fragmento 3.5.6 (SE), $\emptyset=23$ . ....	105
Figura 44. Projeção baseada no fragmento 3.13.3 (SE), $\emptyset=16$ . ....	105
Figura 45. A direita, fotografia do fragmento de borda 3.11.2. $\emptyset =16$ . E a direita fragmento de borda 3.13.3, $\emptyset =16$ .....	105
Figura 46. Projeção de borda baseada no fragmento 3.9 (SE), $\emptyset=30$ . ....	106
Figura 47. Projeção baseada no fragmento de borda 3.7.4 (SE), $\emptyset=36$ . ....	106
Figura 48. Projeção baseada no fragmento de borda 3.16.2 (SE), $\emptyset=14$ . ....	107
Figura 49. Fotografia do fragmento de borda 3.16.2 (SE) ....	107
Figura 50. Fragmentos, esquerda da área SE e a direita da área NE com diâmetro de 3 cm. ....	109
Figura 51. Projeção de borda baseada no fragmento de borda 3.4.4 (SE), $\emptyset =12$ .....	110
Figura 52. Projeção do fragmento de borda 1.15.2, $\emptyset =26$ . ....	110
Figura 53. Borda 1.15.2 (NW), $\emptyset =26$ .....	110
Figura 54. Projeção baseada no fragmento de borda 1.98.F1s, $\emptyset =14$ .....	111
Figura 55. Fotografias da face interna do fragmento de borda 1.98.F1s. A imagem a direita com luz rasante realçando as marcas do alisamento e a esquerda a face externa do fragmento.....	111
Figura 56. Projeção do fragmento de borda 1.102.F1s.....	112
Figura 57. Projeção do fragmento de borda 1.103.F2, $\emptyset =26$ . ....	113
Figura 58. Projeção do fragmento de borda 1.104.F2. $\emptyset =25$ cm ....	113
Figura 59. Fragmento de borda 1.104.F2 (NE), $\emptyset =25$ cm. Fotografia de luz rasante. ....	113
Figura 60. Projeção do fragmento de borda 1.23.3 (NW), $\emptyset =32$ . ....	114
Figura 61. Fragmentos de borda dos pratos 19, 20 e 21.....	115
Figura 62. Imagem a. mostra a superfície interna do fragmento de broda 1.92.F1s. A imagem b. mostra a face externa, rugosa e irregular. ....	115
Figura 63. Projeção de borda baseada no fragmento de borda 1.38.5 (NW), $\emptyset =12$ ....	116
Figura 64. Projeção do fragmento de borda 1.19.1 (NW), $\emptyset = 19$ .....	116

Figura 65. Projeção do fragmento de borda 1.22.1 (NW), Ø = 12. ....	117
Figura 66. Projeção do fragmento de borda 1.15.1 (NW), Ø =8 cm. ....	117
Figura 67. Fragmento de borda 1.15.1 (Forma 25). Fotografia de luz rasante .....	117
Figura 68. Vasilhames utilizados no preparo e processamento de alimentos.....	120
Figura 69. Grupo de vasilhames relativo à estocagem. ....	121
Figura 70. Serviço e consumo. ....	122
Figura 71. Grupo de vasilhames multifuncionais.....	123
Figura 72. Outras funções.....	124
Figura 73. Primeira imagem, fragmento 1.17.4, segundo 1.54.3 e terceiro fragmento 1.23.1.....	125
Figura 74. Projeções baseadas nos fragmentos 1.17.4, 1.54.3, 1.23.1, respectivamente. .....	125
Figura 75. Distribuição das projeções de vasilhames desde o início do século XVIII até pelo menos 1870 em diante. ....	128
Figura 76. Distribuição das formas nas áreas SE, NE e NW no período de 1835-1850. .....	131

## Lista de Gráficos

Gráfico 1 Classificação dos fragmentos NW .....	73
Gráfico 2 Espessura dos fragmentos NW .....	73
Gráfico 3. Classificação dos fragmentos (n=1842) .....	76
Gráfico 4. Porcentagem de distribuição dos fragmentos analisados pela Espessura (mm) (n=1842) .....	78
Gráfico 5. Diâmetros de borda (n=134). Coluna vertical com os diâmetros de borda em centímetros e linha horizontal com os valores de porcentagens.....	79
Gráfico 6. Composição das pastas cerâmicas analisadas (n=1772).....	80
Gráfico 7. Distribuição cronológica das asas .....	103
Gráfico 8. Porcentagem dos fragmentos cerâmicos polidos distribuídos na cronologia da senzala do Colégio dos Jesuítas (n=528). .....	130
Gráfico 9. Gráfico à esquerda: resultado da análise estatística ( <i>cluster</i> ) da variabilidade de formas entre os setores NE, NW e SE. Gráfico à direita: resultado da análise estatística com relação do tratamento estético nas três áreas. ....	133
Gráfico 10. Resultado da análise multivariada com base na variabilidade das formas cerâmicas em relação as áreas SE, NW e NE.....	134
Gráfico 11. Cluster das áreas no século XIX. Gráfico a esquerda com todas as morfologias. Gráfico a direita apenas com as morfologias relacionadas a preparação de alimentos.....	135
Gráfico 12. Resultado da análise multivariada com base na variabilidade das formas cerâmicas em relação as áreas SE, NW e NE.....	136

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Porcentagem de crioulo, cabra, negro e mulato segundo o inventário da Fazenda do Engenho Velho.....	42
Tabela 2. Porcentagem de antiplástico na pasta cerâmica.....	81
Tabela 3. Dados quantitativos de vasilhames e formas em relação as áreas SE, NW e NE.....	132

## Resumo

Durante as campanhas de escavações arqueológicas na senzala do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes – RJ foram encontradas cerâmicas acordeladas de produção local. A aparente homogeneidade da amostra foi aos poucos desconstruída com uma análise detalhada, revelando as diferenças estilísticas e morfológicas ao longo do tempo e do espaço. Dessa forma optou-se por uma visão mais integrada do estilo cerâmico que engloba aspectos decorativos, formais e técnicos que se baseiam em uma análise de uma série de atributos e escolhas dos ceramistas. Visto os contrastes encontrados entre as áreas escavadas, trabalhou-se com a ideia de que grupos dentro dessa comunidade de cativos estavam fazendo escolhas diferenciadas sobre a sua cultura material. Da mesma forma, a escala cronológica nos apresentou continuidades e rupturas nas escolhas dos vasilhames cerâmicos ao longo do tempo. Discutem-se os contrastes e relações materiais entre a comunidade da senzala e a sede da fazenda, abordando temáticas sobre a relação entre cerâmicas, às práticas alimentares e a manutenção nas técnicas através da conservação da tradição ceramista.

**Palavras-chave:** Arqueologia; Escravidão; Variabilidade cerâmica.

## **Abstract**

During the campaigns of archaeological excavations in the senzala of the College of the Jesuits, Campos dos Goytacazes (RJ) pottery ceramics of local production had been found. The apparent homogeneity of the sample was slowly deconstructed with a detailed analysis revealing the stylistic and morphological differences over time and space. The analysis involved a more integrated view of the ceramic style, encompassing decorative, formal and technical aspects, based on a series of attributes. Given the contrasts found between the excavated areas, the hypothesis formulated was that groups within this community made different choices about their material culture. The chronological scale presented continuities and ruptures in the ceramic vessels' choices. What at first seemed to be a homogeneous sample, presented, in fact, several particularities, which included the styles of wings, the decorations within a specific chronology, and the morphological variability over time and space. The contrasts and material relations between the slave community and the headquarters of the big house are here discussed. A reflection over the relationship between ceramics, food practices and the maintenance of ancestral practices through the maintenance of this ceramic tradition is likewise presented in this dissertation.

**Keywords:** Archeology; Slavery; Ceramic variability.

## Introdução

A história da Fazenda do Colégio dos Jesuítas se inicia em 1652, quando os Jesuítas se tornaram proprietários das “fertilíssimas” terras da antiga Capitania de São Tomé. Nelas foi estabelecida a Igreja de Santo Inácio, anexa ao Solar do Colégio “reliquia venerável plantada na vasta planície Goitacá, não longe da cidade de Campos” (Leite, 1945, p. 84). A fazenda de S. Inácio do Campo dos Goitacazes ficou conhecida, em 1727, como Fazenda do Colégio, ficando esta a sua denominação mais referenciada. Nas terras havia uma fábrica de cerâmica, plantações de cana, um grande e famoso engenho de açúcar e uma enfermaria isolada da residência (Leite, 1945). Inicialmente com atividade de criação de gado, ao longo do século XVIII iniciou-se na economia da cana-de-açúcar, como a maioria das fazendas da região. O local onde foi estabelecido a Fazenda do Colégio era território dos índios Goytacá, antes da ocupação portuguesa. O nome da cidade até hoje faz referência a eles. Descritos como muito bravios, foram ferozmente combatidos e dizimados.

A Planície Goytacá e proximidades tinham uma grande diversidade étnica no momento da chegada dos portugueses em solos brasileiros. Os povos nativos e dentre eles os Puri, Coroado, Goytacá, Tupinambá e Coropós tinham dinâmicas sociais e culturais diversas e, apesar de terem sofrido o duro impacto da colonização, não deixaram de existir nem fazer parte da sociedade colonial. Da mesma forma que os africanos, essas populações indígenas pertenciam a uma multiplicidade de etnias, e mesmo perante todo o processo de escravidão, não deixaram de resistir e nem abandonaram suas matrizes culturais.

Justamente por esse apelo da história indígena o projeto inicial tinha como objetivo explorar a escravidão indígena, a sua relação com os inacianos e a sua presença na Fazenda do Colégio. Apesar de existirem fortes indicativos que nos períodos iniciais da Fazenda a mão de obra indígena tenha sido usada, a análise cerâmica desencadeou para as questões de variabilidade das cerâmicas nesse contexto. No século XVIII é provável que as decorações plásticas e o beliscado nas asas façam uma referência a esses grupos.

E é nesse contexto que o foi desenvolvido o trabalho aqui apresentado. As intervenções arqueológicas na área de senzala da Fazenda do Colégio dos Jesuítas recuperaram uma quantidade de cerâmicas acordeladas sendo o tema central desta



dissertação. A análise técnico-funcional permitiu uma caracterização detalhada dessas peças. Entende-se que as técnicas e a cadeia operatória do material são importantes, pois estão entrelaçadas com questões culturais e de significância. Mas isso não pode ser visto como reflexo de uma estrutura cognitiva uniformemente compartilhada, e sim em relação a um processo histórico para entender a mudança dos estilos dentro da sociedade. Assim em vez dos padrões, o foco desse trabalho é nas diferenças e semelhanças, na distribuição dessas cerâmicas e principalmente no contexto em que se dá essas diferenças (Shanks & Tilley, 1988; Wiessner, 1985; Dietler & Herbich, 1988).

Essa variabilidade, como será mostrada, ocorrem tanto numa escala tanto diacrônica quanto espacial. Visto os contrastes encontrados entre as áreas da senzala escavadas, trabalhou-se com a ideia de que grupos dentro dessa comunidade de cativos estavam fazendo escolhas diferenciadas sobre a sua cultura material. Da mesma forma que a escala cronológica nos apresentou continuidades e mudanças nas escolhas e preferências dos vasilhames cerâmicos ao longo do tempo.

A teoria do *habitus* de Bourdieu (1977) foi uma norteadora dos questionamentos deste trabalho. A maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre o *habitus* e uma conjuntura. Assim, as estratégias são parte inconsciente do *habitus*, como ação prática estimulada por determinada situação histórica (Setton, 2002). A proposta que amarra os capítulos perpassa por essa disposição para, num primeiro momento, fazer uma reflexão sobre uma sociedade colonial escravocrata. Através dos métodos de análise e dos resultados obtidos, buscou-se evidenciar um sistema de disposições construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências. Nessa dinâmica as cerâmicas desempenharam um papel ativo na afirmação de identidades, assim como resistência a ordem social vigente.

Pensando ainda no processo de constituição dessa comunidade cativa, no caso do Colégio dos Jesuítas, havia uma diversidade étnica, não apenas na tríplice africano-branco-índio, mas diferenças intra-grupos da comunidade escravizada que também se articulavam, negociavam e talvez até se antagonizassem. Mas o que foi observado é que a partir do século XIX a comunidade já se encontrada criouliada, devido principalmente ao incentivo por parte dos Jesuítas na formação de casamentos e núcleos familiares. O que as cerâmicas mostraram nesse período foi à diminuição

da variabilidade na dimensão estética, optando cada vez mais por cerâmicas escurecidas e com o polimento. Este processo diz respeito à construção de uma cultura material cada vez mais homogênea no domínio estético. No entanto, vale ressaltar que ainda assim, diferenças foram mantidas como na grande variabilidade morfológica. Fica ainda a questão de em que âmbito essas diferenças estavam acontecendo: social com diferentes acessos aos recursos ou diferenças culturais de crenças e costumes.

Dessa forma, pensar o processo de crioulização se tornou necessário para refletir as suas possíveis implicações nesse processo de mudanças e continuidades dentro da amostra. A teoria da crioulização tem o potencial de enriquecer a análise de agência, criatividade e resistência por parte da cultura subordinada. Ela foi empregada neste trabalho como referente aos encontros violentos entre as culturas dos colonizadores, dos escravos e dos povos indígenas em contextos de *plantation* (Cohen & Sheringham, 2013). Levando em consideração as relações de poder que acabavam mediando às interações entre esses grupos, essas foram as principais linhas teóricas que construíram a argumentação desse trabalho.

No primeiro capítulo faz um apanhado geral sobre o contexto regional através de textos de viajantes, historiadores e de arqueólogos. Esta contextualização histórica tem como objetivo mostrar o início da colonização europeia / colonial onde hoje é a região Norte-Fluminense do Rio de Janeiro. Alguns trabalhos de arqueologia já foram realizados no contexto da Fazenda do Colégio e exploraram o seu histórico em diferentes perspectivas (Suguimatsu, 2012; Suguimatsu, 2016; Symanski & Júnior, 2016; Júnior, 2016; Myashita, 2017; Symanski, Gomes, & Suguimatsu, 2015) dessa forma, optou-se por fazer um breve histórico, ressaltando os aspectos considerados mais relevantes para este trabalho.

O texto se inicia uma cronologia da expansão colonial e as diversas formas que ela tomou ao longo dos anos. Em um sistema colonial, essas diversas posturas e momentos da administração colonial culminaram em maneiras distintas de se relacionar com os indígenas e escravos. Ao longo dos séculos essa região passou por transformações nos seus limites deixando de ser uma capitania, com vilas sendo instituídas e que deram origens a cidades como a cidade de Campos dos Goytacazes, Macaé, São Fidélis entre outras e que irão aparecer ao longo do texto.

Em Campos dos Goytacazes a partir do século XVIII o número de Africanos aumentou exponencialmente. A economia da época sofreu mudanças profundas substituindo a pecuária pela montagem da agroindústria açucareira. A ampliação da economia pressupunha a aquisição de mão-de-obra escrava de origem africana (Faria, 1998). Dessa forma, Campos recebeu um contingente de escravos vindo da África que desembarcavam no Rio de Janeiro. A fim de mostrar a diversidade étnica na planície de Campos, João Oscar (1985), em seu livro *Escravidão e Engenho*, coloca trechos extraídos de jornais do século XIX, que traziam a indicação de algumas das nações presentes na região. Neles são descritos escravos das nações Congo, Camões, Camondongo, Caçange, Rebollo, Mohange e Benguella. É feita ainda uma discussão sobre essas classificações impostas aos cativos. Mas a narrativa ao longo desse primeiro capítulo foi no intuito que contextualizar esse universo colonial no Norte-Fluminense e ainda mostrar a diversidade étnica dessa região

No segundo capítulo questões com relação à criouliização, serão abordadas em maior profundidade e discutidas. São apresentadas também as linhas teórico-metodológicas que nortearam esse trabalho. Através de uma revisão do termo “Cerâmica Neo-brasileira” e de como ele é trabalhado em diferentes abordagens, são feitas observações sobre as contribuições que desses trabalhos. Esta argumentação teórico-metodológica serve também como embasamento aos procedimentos analíticos adotados neste trabalho e para a apresentação das categorias de análise utilizadas, sendo muitas das definições baseadas em autores clássicos (Chmyz, 1976; Rice, 1987; Shepard, 1956; Skibo, 2013; Voss & Allen, 2010; La Salvia & Brochado, 1989).

Visto que a classificação e a própria análise são processos subjetivos, que pode passar por adaptações, é necessário que explicita os critérios utilizados e as formas como as categorias de análise se articulam. Mais do que o encaixe em uma abordagem explícita, preferimos transparecer os pressupostos utilizados e o porquê das escolhas.

Durante a análise uma questão levantada foi à variabilidade das asas na amostra. Elas foram classificadas de acordo com o processo de manufatura e resultado final. Identificaram-se quatro grupos, cuja variabilidade espacial e diacrônica foram caracterizada. Também serão apresentadas as cerâmicas com decoração, compostas por poucos fragmentos, porém incidentes num período

específico da cronologia da senzala e justamente referentes a uma época em que a amostra se apresenta mais diversificada.

Seguindo para uma discussão mais teórica, o segundo capítulo também vai explorar a temática de encontros de distintos grupos culturais. Existem diferentes possibilidades entre as abordagens. Durante no século XIX teorias evolucionistas acabavam por escalonar as culturas entre primitivas e aquelas que eram as mais desenvolvidas a partir de uma visão eurocêntrica. Algumas teorias, como a da criouliização, avançaram no sentido de dar o protagonismo para grupos que antes eram subjugados e entender esses encontros como interações que dão margem a ressignificações e consequentemente, resistência. Para abordar as cerâmicas artesanais e utilitárias busca-se no *habitus* de Bourdieu, a fundamentação para se discutir a coexistência de distintas instâncias de valores culturais e referências identitárias no espaço da senzala do Colégio. Dessa forma, foi abordada a agência da comunidade que habitava a senzala e produzia cerâmica frente às relações de dominação características de uma sociedade colonial.

O terceiro capítulo apresenta os resultados das análises do conjunto cerâmico do Colégio dos Jesuítas. É feita uma contextualização das intervenções e da cronologia do sítio arqueológico, seguida por uma apresentação das características gerais que são comuns a maior parte da amostra como: queima; antiplástico; espessura; técnica de manufatura; entre outros. Esse capítulo foi dividido em seis tópicos esboçando as decorações, a contextualização, as projeções dos potes cerâmicos a partir das bordas e bases. No final, é discutida a variabilidade dessas formas nas escalas espacial e diacrônica.

A Fazenda do Colégio se destaca como sítio arqueológico com uma cronologia ampla, com mais de 200 anos de ocupação de uma comunidade escravizada e que perpassa por diferentes períodos tanto de administração, que incluem jesuítas, Coroa Portuguesa e proprietários particulares. Isso permite que os atributos cerâmicos sejam contrastados em uma ampla escala temporal. Mas há também entre as três áreas períodos contemporâneos, o que nos dá margem para uma análise da variabilidade sincrônica dessas cerâmicas nos diferentes espaços da senzala.

O quarto e último capítulo foi reservado para as discussões dos dados. Este foi dividido em duas partes. Na primeira discutem-se os contrastes e relações

materiais entre a comunidade da senzala e a sede da casa grande. Refletiu-se sobre a relação entre as cerâmicas, as práticas alimentares e a manutenção de práticas ancestrais através da manutenção dessa tradição. Na segunda são feitas reflexões sobre o estilo na pesquisa arqueológica e as diferentes linhas teóricas que encaminharam a discussão desde a década de 60. Também são levantados alguns estudos etnoarqueológicos que trataram a questão da relação entre variabilidade artefactual e identidade étnica. A identificação desta não é algo que se objetiva nessa pesquisa, mas são interessantes para discutir a relação entre a materialidade e questões identitárias. Optou-se por abordar as escolhas não como aleatórias, mas como um conjunto de traços compatíveis com a estrutura que geram o *habitus* (Dietler & Herbich, 1988). Busquei discutir, assim, os modos como essas escolhas que deram origem à variabilidade identificada na amostra podem ter sido significadas, bem como a possibilidade delas estarem demarcando fronteiras, tanto individuais, quanto de grupos.

Este é o cerne da pesquisa, uma análise conduzida para refletir como as similaridades e diferenças na cerâmica artesanal vinculam-se às formas de negociação social no espaço da senzala que envolve demarcações de fronteiras e de diferenças no interior dessa comunidade. Um dos objetivos do trabalho é ressaltar o contexto colonial de diversidade étnica tanto dos africanos quanto dos indígenas da região do Norte-Fluminense. As análises mostraram diferentes tendências na amostra demonstrando que um momento de grande variedade estética no século XVIII em contraste com uma grande variedade morfológica no século XIX. Essa variabilidade nos leva a dois pontos principais que é a discussão dos estilos e o outro ponto que se desdobra na manutenção de práticas, escolhas compartilhadas e a preferência por cerâmicas cada vez mais semelhantes. Acredito que por trás desse processo de manutenção e cerâmicas mais homogêneas se articula a um processo de criouliização.

A primeira vista, a amostra cerâmica da Fazenda do Colégio dá a impressão de ser homogênea, com poucas particularidades, porém, com a aplicação de uma análise minuciosa, o uso da ficha de 27 atributos, projeções de borda, discussões de funcionalidade, distribuição espacial e cronologia de mais 150 anos, as cerâmicas se desdobraram em inúmeras possibilidades interpretativas. Depois de passar por este processo de análise, as cerâmicas mostraram singularidades como as decorações e as asas, assim como rupturas e inovações ao longo do tempo, a exemplo das escolhas

diferenciadas na morfologia de potes para cada área dentro de um mesmo período de tempo. Enfim, uma multiplicidade que gerou novos desafios e interpretações.

Este estudo buscou revelar as diferentes camadas de significância que as cerâmicas de cozer tiveram dentro da comunidade da senzala. Elas foram utilizadas para marcar traços individuais dos oleiros. Apresentaram inovações, abandonos, continuidades e substituições. Como serão mostrados, os utensílios utilizados na preparação de alimentos foram os mais relevantes para marcar as diferenças e similitudes entre as áreas da senzala. Essa variação demonstra o significativo espaço que essas panelas exerceram nas relações entre dos grupos que compunham a senzala. Numa dinâmica de produção e utilização das cerâmicas relacionadas à ancestralidade de preparar e consumir o alimento. As panelas de barro envolvem técnicas de manufaturas, distribuição e a sua utilização que está intimamente relacionada com os hábitos alimentares. Estes têm um âmbito prático de nutrição, mas vão, além disso. Toda essa “cadeia alimentar” (Rego, 2013) envolve a convivência, compartilhamento de alimentos, transmissão de conhecimento, formação de uma tradição material, perpassando por um simbolismo, muitas vezes ligado a manifestações religiosas. Assim as panelas de barro ocuparam um espaço fundamental na vida e nos processos de reprodução cultural desses grupos que compunham a senzala da Fazenda do Colégio.

## 1. A Planície Goytacá nos tempos coloniais.

### 1.1. Indígenas no Norte-fluminense do Rio de Janeiro

A ocupação, do que hoje é o Norte-fluminense (RJ), foi marcada pela resistência indígena na região sendo os Goytacaz um dos grupos mais conhecidos e recorrentemente descritos como muito bravios. De fato, o próprio nome do município, Campos dos Goytacazes, onde está situado o Colégio dos Jesuítas é uma referência direta a esse grupo indígena que dominava as Planícies do Baixo Paraíba do Sul. Seu território chegava a alcançar o litoral, “consta que habitaram entre a Lagoa Feia de Carapebus e Ponta de São Thomé, os índios Goytacazes, possuindo também toda a costa do mar correspondente, até a vizinhança de Macaé” (Reis, 2011, p. 145). Por quase um século e meio os Goytacaz impediram o estabelecimento dos portugueses nessa região, tornando a planície inacessível fazendo com que o ingresso ao Espírito Santo pela Guanabara se desse somente por via marítima (Lamego, 1974).

As denominações a esse grupo eram diversas: *Goitacá*, *Guaitacá*, *Guatahar*, *Guiatacás*, *Ovaitagnasses*, *Ouetacá*, *Waitacá*, *Eutacá*, *Aitacaz*, *Itacaz* e *Uetacaz*. (Lamego, 1974, p. 74). A origem da palavra é Tupi-guarani e segundo José Geraldo de Menezes (*in* Lamego, 1974), significa indígenas nadadores “*gua*, *aua* ou *aba* – homem, índio, gente; *ytá*, nada e *quaa*, saber”. Em 1658 o Padre Vasconcelos relata que eles se dividiam em três grupos: Goitacá-Mopí, Goitacá-Jacoritó e Goitacá-Guaçu. Esse dado foi repetido por quase toda bibliografia que trata sobre os Goytacaz (Casal, 1817; Lamego, 1940, Dias Jr., 1979). As referências a esse grupo são basicamente históricas e é pertinente observar que apesar de suas denominações serem palavras de línguas da família Tupi-guarani, este não era provavelmente seu tronco linguístico, sendo uma atribuição realizada pelos colonizadores portugueses. O que será colocado com relação aos indígenas é a partir do ponto de vista do homem branco europeu e, em sua maioria, religioso.

Os Goytacaz foram conhecidos também por suas práticas antropofágicas. Vasconcelos (1658) descreve que em suas aldeias, junto às entradas de suas habitações, havia urnas com ossadas dos que mataram e se alimentaram. O Padre diz este ser um motivo de orgulho dentro do grupo e quanto maior a pilha de ossos maior

a “nobreza”. Ele os descreve como altos e de membros compridos e fortes, o cabelo do alto da cabeça raspado e o resto alcançando até o ombro. As habitações eram pequenas e cobertas de palha, não tinham redes nem cama, toda a sua riqueza consistia em seu arco. Seu modo de viver era pelos campos caçando e pelas lagoas, rios e costas do mar, pescando (Vasconcelos, 1658).

Eram tão indignas na pesca que se diz deles que se ajuntam em certas paragens baixas do mar e com paus nas mãos curtos e agudos de uma e outra parte punham em cerco os tubarões e arremetiam a eles e quando ia abrir a boca, lhes metiam nela a mão e o pau e os traziam a terra. Não curavam de roças nem de criações, nem doutra alguma granjearia, tudo fundavam em seu arco. No beber eram supersticiosos, porque tendo as lagoas e rios de agua doce, o seu beber era de cacimbas, que para esse efeito faziam com grandes trabalhos, e alguns afirmam que bebiam também de lagoa salgada (Vasconcelos, 1658, p. 149).

Vasconcelos (1658) os descreve como “notáveis no exercício da guerra” e sempre estavam ora com outras nações mais distantes, ora com grupos da mesma nação Goitacá. Os Goytacá-Mopi e Jacoritó eram inimigos dos Goitacá-Guaçu. O ódio era tão profundo que onde quer que encontrassem os Goitacá-Guaçu, infalivelmente os matavam e comiam (Vasconcelos, 1658). Em outro relato, este já em 1672, Vasconcelos volta a salientar a agressividade dos Goytacaz se referindo ao ano de 1594, quando os moradores da Capitania do Espírito Santo estavam em confronto com uma nação de “gentio pernicioso, bárbaro e terrível por nome de Goaytaca”. Descrevendo-os como os mais ferozes e desumanos “inimigos de todas as nações e tragadores de carne humana” (Vasconcelos, 1672, p. 331).

Os relatos como os do Padre Vasconcelos são importantes pelos seus dados etnológicos e pela multiplicidade das observações que são feitas acerca dos indígenas, mas devem ser vistos com ressalvas. Afinal como homem religioso, europeu, sua descrição está dentro de seus próprios preceitos morais da realidade e estão a serviço também de um sistema colonizador. Por isso é necessário fazer uma pausa na descrição que está sendo feita para realizar uma observação com relação à figura do “índio bravio”.

Pensando dentro da lógica do sistema colonial, a reação agressiva por parte dos nativos foi usada como justificativa para o seu aprisionamento. “Para os portugueses, qualquer ato hostil se configurava como pretexto para condenar todos os indígenas ao cativeiro ou a extinção” (Monteiro, 1994, p. 92). Então o discurso do “índio bravio e feroz” vinha a embasar a necessidade de civilidade que poderia se dar



através da escravidão ou, para aqueles que se recusassem a eliminação. Através da força, os indígenas deveriam ser conquistados em prol do estabelecimento e manutenção da sociedade colonial. Concomitante a isso havia ganhos econômicos envolvidos na transformação dos indígenas em cativos e que, dentro da lógica das guerras-justas, funcionava juridicamente (Perone-Moisés, 1971).

Um episódio narrado por Vasconcelos (1658) relatava um navio naufragado nessas costas e da suspeita de que a sua tripulação tivesse sido devorada pelos Goytacaz. Dessa forma, “índios civilizados” de Cabo Frio e Retiriba sob o comando dos portugueses, subiram a planície “e os mataram todos”. O próprio Padre conclui dizendo que essa presunção teria sido falsa e que os Goytacaz não possuíam relação com o sumiço da tripulação. Esse episódio ajuda a exemplificar como esse discurso criado em torno do indígena selvagem e feroz, serviu na construção de uma narrativa e que fez parte de um processo que objetivava a sua sujeição (Monteiro, 1994; Almeida, 2015) No caso dos Goytacaz são variadas as referências a sua propensão ao combate, não só com os portugueses, mas também com outras tribos da região, mas é interessante pensar até que ponto essa “selvageria” foi utilizada dentro de uma narrativa de algo a ser combatido. Uma justificativa que funcionava no âmbito moral e religioso concomitante com as necessidades da colonização (Vainfas, 1986).

Ainda com relação às populações indígenas do Norte-fluminense, vale ressaltar que era uma região com uma diversidade de etnias que não se restringia apenas aos Goytacaz. A chegada dos portugueses em 1500 não eliminou essa diversidade nem interrompeu essa história, apesar de que a constituição da sociedade colonial tenha causado duros impactos nessa dinâmica. No início dos setecentos os Goytacaz entraram em confronto com os Coropós, estes sendo assimilados e “de vencedores e vencidos adotarem conjuntamente o nome de Coroados” (Coutinho *in* Lamego, 1940, p.72).

Nesse período a ocupação da planície já estava estabelecida, mas o território indígena ainda era vasto, desde as margens do Paraíba ao Xipotó (MG). A colonização foi lhes empurrado cada vez mais em direção ao sertão. Os jesuítas arrebanharam muitos dos Goytacaz para a Lagoa da Carioca em Tocos, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia e Macaé.

Os jesuítas de sumo ardil e propriedade para a catequização entraram na conquista do seu ministério, levando em uma mão a Cruz, e na outra as ocultas cadeias: reduziam uns, e os menos

amantes da sujeição, ou para melhor dizer da escravidão, procuraram o retiro, onde pereceriam debaixo do jugo dos seus contrários (Couto Reis, 2011, p.146).

Esse trecho é interessante para refletir o entendimento do autor com relação aos Jesuítas. Pois a ideia que ele transmite é que estes arrebanharam os indígenas sob o discurso religioso (a cruz), mas que mantinham encoberto outros interesses (as ocultas cadeias). Ainda com relação a esse texto de 1785, Couto Reis faz uma descrição das características dos Campos dos Goytacazes. Nesse compilado há uma parte dedicada “Em que se dá notícia dos índios selvagens, que possuíram as terras deste Distrito, dos que se extinguiram, e dos existentes presentemente nos Sertões dos mesmos e sua circunvizinhança”.

Couto Reis (1785) ao descrever os Coroados não faz referência à forma como esse grupo foi constituído, deixando incerto se é o mesmo ao qual se refere Lamego (1940) como sendo aquele resultante do confronto dos Goytacaz com os Coropós. Mas outros autores como Casal (1817) fazem referência aos Coroados como “resto dos antigos Goitacás”. É interessante ressaltar que, na historiografia, a partir do século XVIII os Goytacaz deixam de aparecer e surge uma referência cada vez maior aos Coroados que, por sua vez, não aparecem nos textos históricos do XVII ou XVI. Isso pode ser um indicativo de que houve uma mudança na nação Goytacaz numa reconfiguração para os Coroados.

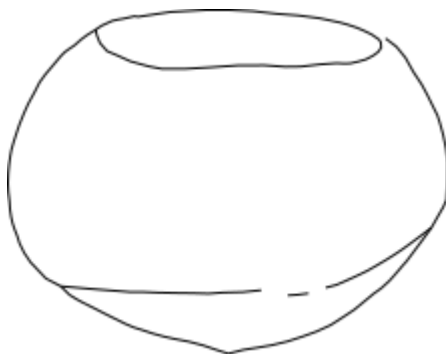
No final do XVIII este grupo é narrado como tendo seu território entre a margem Setentrional do Paraíba. Suas habitações são descritas como grandes (acomodam de 50 a 100 casais e filhos) e fabricadas de fortíssima madeira, paredes de barro e cobertas com casca de pau ou palha. Cada unidade de habitação era uma aldeia, sendo raro encontrar duas ou três no mesmo sítio. Utilizavam de redes com fogueiras próximas, que eram aumentadas de acordo com o frio. Tanto os Coroados como os Saruçus usavam canoas, sendo suas aldeias construídas próximas de rios (Couto Reis, 2011).

As ocupações em que se empregam é em preparar as suas flechas, e torcer alguma corda para os seus usos: as mulheres em fazer panelas, - no que são bem curiosas- ou potes, ou camocins; porém isto não é sempre, senão quando entendem ser preciso. A sua indústria não passa a mais que de fazer as redes e outras coisas insignificantes, a tempo; que lhes não falta habilidade (Reis, 2011, p. 150).

É relatada ainda a quebra de uma aliança com os Coroados e Puris, estes que habitavam os sertões do Rio Pomba estendendo o seu domínio do Norte do Muriaé, até Minas do Castelo. “São estes índios assaz corpulentos, audazes, destemidos, vigilantes, e de máximas muito atraíçoadas, inclinados a toda a desumanidade, dando a morte a qualquer vivente que encontram” (Reis, 2011, p. 147). São referidos como nômades, fazendo pequenos acampamentos em lugares mais fartos de alimentos.

Odemar Dias Jr. (1979), propõe que os Puri-Coroado formam uma família linguística. E que muito provavelmente formassem uma única “nação”, mas que vieram a se diferenciar formando grupos distintos e inclusive, inimigos. É colocado ainda que seriam descendentes dos Goytacaz fugidos do litoral. Os Coroados combateram os predadores de escravos até 1763, quando vencidos, sendo reduzidos em 1776 na Aldeia de São Fidelis pelo capuchinhos, no baixo curso Paraíba.

Uma das diferenças entre os Puris e Coroados era que os primeiros baseavam-se na agricultura enquanto que os segundos seriam predominantemente caçadores e coletores, com ambos os grupos produzindo cerâmicas. Os Coroados teriam a forma da cerâmica predominantemente da fruta Sapucaia (*Lecythis ollaria*) (Dias Jr., 1979).



**Figura 1. Desenho baseado no formato do fruto Sapucaia. Fonte: autora.**

Os Guanhans já nessa época (final do XVIII) não habitavam mais a região. Não se sabe o que lhes passou durante esse processo de colonização. Seu território era entre o Rio Imbé e a Paraíba à Ponte da Lagoa de Cima. Por volta de 1750, parece que tentaram retornar a região, mas foram expulsos pelos Coroados (Couto Reis, 2011).

As práticas alimentares foram descritas mais genericamente. Couto Reis (2011) informa que se alimentavam de frutas silvestres, cocos de várias espécies, Jaracatiás, Jenipapo, Guacás, Bacuparis, Sapucaias, Jabuticabas. Também caçavam quadrupedes e aves, peixes. Praticavam a fermentação do milho e de mandioca, às vezes com a utilização do mel de abelhas, depositados em camocins.

Depois de uma campanha feroz de extermínio por parte dos europeus, os remanescentes dos Goytacaz fugiram para o interior ou foram aldeados na região de Campos, no Baixo Paraíba. Segundo Wied-Neuwied (*in* Dias Jr., 1979, p.14) parte dos Goytacaz teria sido cristianizada pelos jesuítas, tendo inclusive, colaborado na guerra contra os tupinambás. Ele observa ainda remanescentes indígenas em São Lourenço (Niterói) vivendo à custa das vendas de panelas e da pesca, concluindo que eles eram parte descendente daqueles “guaitacá” miscigenados com os maracajá de Araribóia (Dias Jr., 1979).

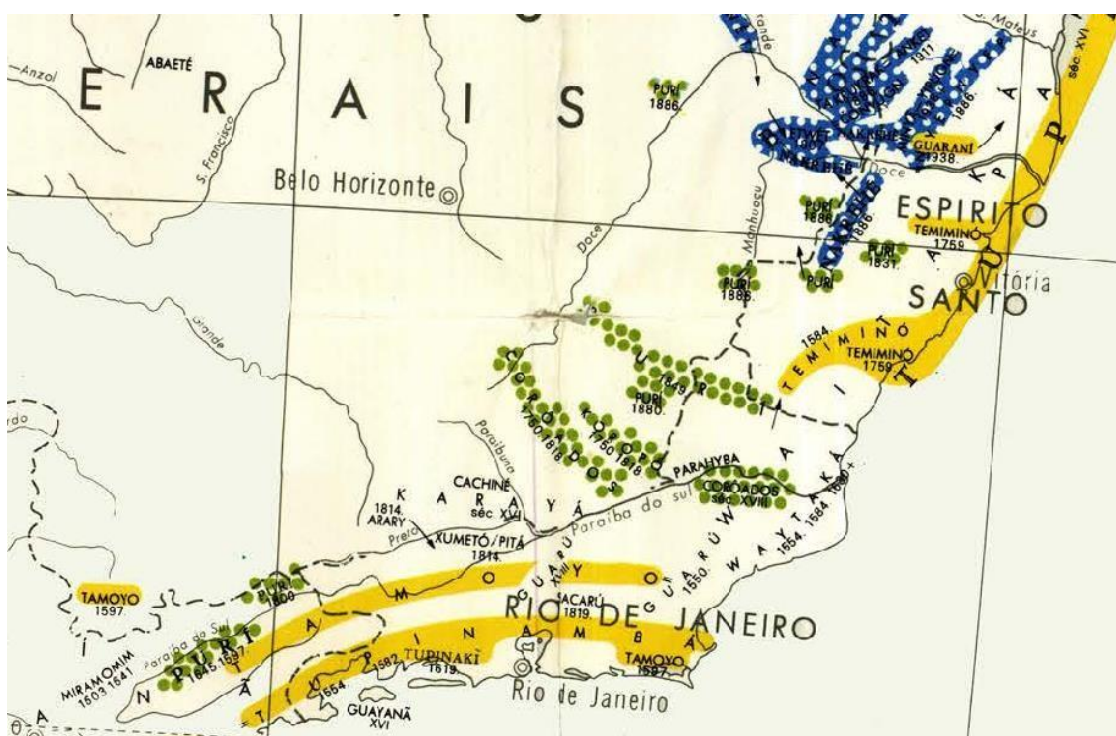


Figura 2. Recorte do Mapa Etnográfico Curt Nimuendajú (1981 [1941]) mostrando o estado do Rio de Janeiro e sul do Espírito Santo.

As descrições acima somadas ao recorte do mapa de Curt Nimuendajú (1981 [1941]) têm o objetivo de mostrar a diversidade étnica da região próxima à foz do Rio Paraíba do Sul. Coroados, Coropós, Puris, Goytacaz, Tamoios, Tupinambás que tiveram a configuração de seus territórios e grupos impactados e alterados com a chegada dos europeus e a implementação de um sistema colonial. A próxima parte

do texto vai tratar dos aldeamentos e adentrar um pouco mais na movimentação desses grupos indígenas no território. Apesar da Fazenda do Colégio não se caracterizar como um aldeamento, essa temática ainda é relevante para refletir a relação dos inacianos com os indígenas dentro desse contexto de catequização, dominação, extermínio e resistência.

## 1.2. Aldeamentos

No Rio de Janeiro, no espaço colonial ao longo de três séculos, era comum às expedições de descimentos<sup>1</sup>, resgate e guerras-justas. Estas deslocavam os indígenas de seus locais de origem para submetê-los à sociedade colonial e empregar a sua força de trabalho nas necessidades dessa nova sociedade que se formava. Os aldeamentos eram resultados dos indígenas reunidos em novas aldeias construídas perto dos núcleos portugueses e tinham a intenção de integrá-los à nova ordem colonial (Almeida, 2013).

Esse movimento, desenvolvido em grande parte pelos inacianos desde o século XVI, orquestrou uma extensa e complexa estrutura de poder econômico e social que envolvia a posse de terras e controle sobre a mão-de-obra. Segundo Beatriz Perrone-Moisés (1971, p. 120): “o aldeamento é a realização do projeto colonial”, dele dependia a ocupação do território. E através dele garantindo-se a conversão dos nativos, contribuindo assim para a defesa do domínio português, além de se estabelecer como fonte de mão-de-obra, até pelo menos o século XVII. A legislação desde o final do século XVI garantia o pagamento pelos trabalhos prestados pelos indígenas aldeados, afinal, legalmente, eram livres. A autora indica, no entanto, que as regulamentações desse trabalho eram constantemente violadas e sugere que há indícios de que os indígenas dos aldeamentos acabavam ficando em situação pior do que a de escravos.

A própria catequese e a civilização se constituem como desculpas morais para esse projeto colonizador. A conversão “justifica o próprio aldeamento, a localização das aldeias, as regras de repartição da mão-de-obra aldeada, tanto a administração jesuítica quanto a secular, escravização e o uso da força em alguns casos” (Perrone-

---

<sup>1</sup> Eram expedições realizadas por missionários com o objetivo de convencer indígenas que “descessem” de suas aldeias para viverem em novos aldeamentos, próximos de núcleos coloniais.

Moisés, 1971, p. 122). A contrapartida que era oferecida aos indígenas seria a salvação de suas almas, a civilização, ou seja, através da subversão de um discurso evangelizador constituiu-se um processo de exploração do trabalho indígena.

Esse mecanismo utilizado para a manutenção desse sistema escravista envolvia o que seria o principal fator da alienação compulsória do escravo. Ele atingia diretamente ao sentimento de pertencimento, provocando um distanciamento entre o sujeito e seus laços de nascimento. Valendo-se desse mecanismo de dominação de instrumentos simbólicos, o senhor exercia a sua autoridade (Patterson, 2008).

Trazendo essa discussão para o contexto da escravidão indígena no Brasil, Alencastro observa que,

[...] o vasto território da América portuguesa podia proporcionar trocas regulares de escravos índios entre uma e outra capitania. Circunstância que reduzia os riscos de fuga, inculcando uma maior dessocialização nos cativos. Atento ao fato, os missionários procuravam fazer ‘descimentos’ de longa distância, reagrupando os índios em aldeamentos situados, no mínimo, a quinze dias de suas aldeias de origem (Alencastro, 2000, p.126).

Aqui o autor emprega o conceito utilizado por Meillassoux (1995), mas no contexto da escravidão indígena. Dessa forma há uma associação da manutenção dos cativos indígenas através, num primeiro ponto, da distância geográfica. Num processo de retirada dos nativos de seu território e fazendo a sua transferência até ao ponto em que esse distanciamento mínimo para esmorecer eventuais tentativas de fugas.

A catequização também era uma tentativa de sujeitar o indígena à nova realidade colonial. Segundo Almeida (2013) no século XVIII o Diretório dos Índios tinha como principal meta “extirpar os costumes indígenas das aldeias religiosas” (p.168). Nesses espaços se buscava a transformação desses em súditos cristãos da coroa. A religião foi uma ferramenta usada para essa dominação, como aponta

Vainfas (1986, p. 103) “[...] a moralidade cristã tão cara aos jesuítas. O trabalho é virtude, retidão, obediência às leis de Deus”.

Os indígenas eram transferidos para um novo local, fosse como cativo ou como aldeados. Nesses novos espaços o indígena deveria ser convertido para a fé cristã, esse processo estando diretamente ligado à sua sujeição como mão-de-obra. A religião foi um ponto chave já que, além de fornecer uma justificativa à administração do indígena, foi através dela que se buscou aproximar o indígena do que era considerado civilização, afastando-o de suas atividades tradicionais.

Legalmente os descimentos só poderiam ser feitos de maneira voluntária, mas pensando em termos de um sistema colonial o poder compensatório descrito por Patterson (2008) nos ajuda a entender como esse sistema age para que esse “voluntário” aconteça. Nesse aspecto a sociedade colonial se caracterizava por uma linguagem personalista do poder, as pessoas preferiam inserir-se numa rede de domínio protetor (2008, p. 54). No caso dos indígenas brasileiros a outra opção ao descimento é a permanência nos “sertões” onde ficariam à mercê de conflitos e confrontos com os colonos podendo ser capturados como escravos.

Dentro desse contexto, vemos surgir no Rio de Janeiro diversos aldeamentos. No século XVI surgiram as aldeias de São Lourenço e São Barnabé em Niterói. Já no século XVII foram formadas as aldeias de São Pedro (1617) em Cabo Frio onde ficavam os Goytacaz e Guarulhos. Os Tupiniquins vindos do Espírito Santo e Porto Seguro iriam compor a aldeia de Itaguaí (1615) e Mangaratiba (1680). E ainda a aldeia de Santo Antônio dos Guarulhos em 1659 onde hoje é a cidade de Campos dos Goytacazes. Os Guarulhos também foram aldeados nas aldeias de Nossa Senhora das Neves (XVII) em Macaé, Sacra Família de Ipuca (XVIII), onde hoje é o município de Casimiro de Abreu. E em 1779 os capuchinhos italianos instituíram a aldeia de São Fidelis de Simarigma que se tratava de um aldeamento de Coroados. E os aldeamentos tardios, a Aldeia da Pedra em 1808 (hoje cidade de Itaocara) onde foram aldeados Puris e Coroados (Almeida, 2013; Silvia, 2016).

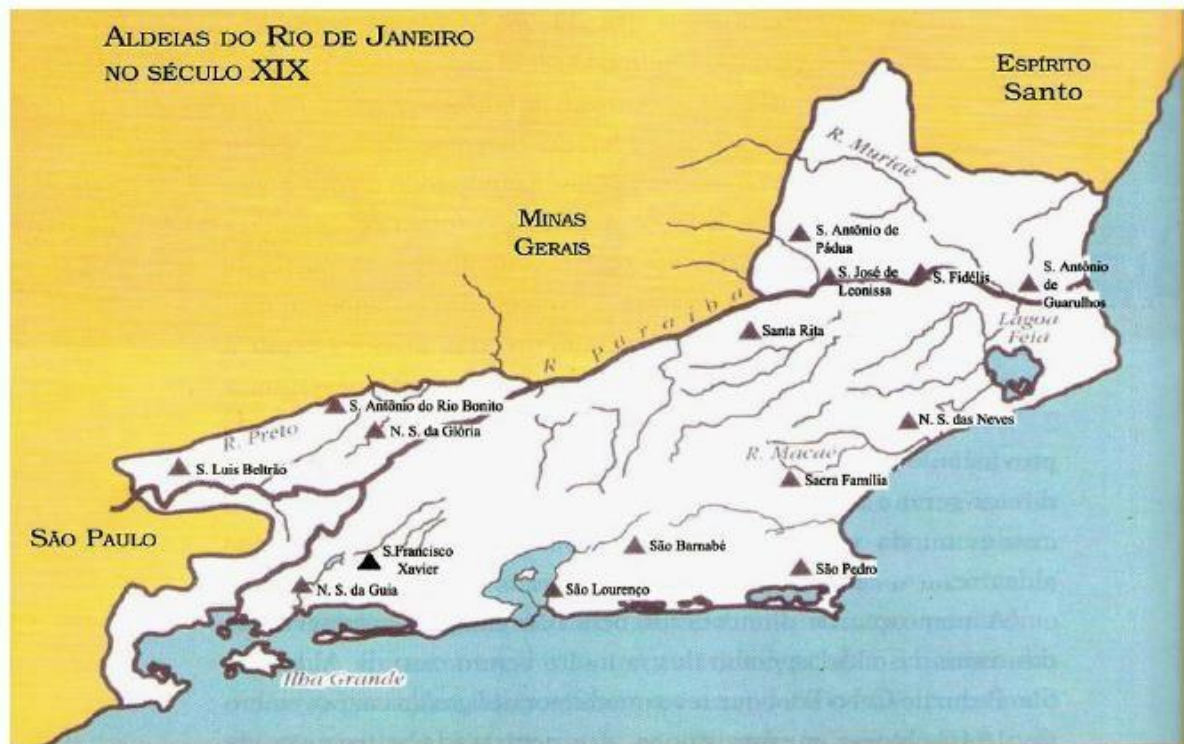


Figura 3. Distribuição de aldeamentos no Rio de Janeiro no século XIX. Fonte: Bessa Freire e Malheiros *in* Silva (2016).

Couto Reis (1785) aponta um aldeamento na Lagoa da Carioca, mas que posteriormente foi transferido pelos jesuítas, sendo o seu novo sítio a Aldeia de São Pedro às margens da lagoa de Araruama, junto a Cabo Frio. O autor coloca ainda a possibilidade de os Jesuítas terem feito “degradação” para ficarem com as terras que os índigenas ocupavam. Mais uma vez o autor deixa claro o seu descontento com os Jesuítas tanto na administração de terras, quanto com o trato com os índigenas. As suas impressões transparecem de certa forma um pensamento em voga nesse período, um rechaço a esses religiosos, como resultado das constantes disputas e tensões entre os colonos portugueses e os missionários da companhia de Jesus.

Com relação ao idioma, Couto Reis (1785) coloca que os idiomas dessas diversas nações se diferenciavam entre si e do Guarani. Mas os Jesuítas usavam o Guarani como língua geral e só a permitia dentro das Aldeias das reduções. Fazendo-se assim que as outras nações aprendessem desse idioma. Tem-se como exemplo os Índigenas de Araruama que, apesar de serem de diversos grupos dentre eles os Goitacaz, Sacurus, todos falavam Guarani.

A estratégia Jesuítica para a catequização passa por uma adaptação dos inicianos ao contexto em que estavam se inserindo. No caso do Brasil, a língua Tupi



foi utilizada como base de seu sistema de comunicação. Segundo Agnolin (2018) Esses religiosos produziram uma versão padronizada da linguagem nativa ao mesmo tempo em que importavam elementos da sua própria língua. Era uma língua geral, denominada nheengatu ela começou a ser formada no Maranhão e no Pará da língua falada pelos Tupinambás que ali estavam e foram aldeados pelos missionários jesuítas. Definiu-se a partir da inserção dos indígenas no mundo do colonizador branco e mediante sua escravização ou pela mestiçagem (Navarro, 2011, p. 7). Nessa operação de descontextualização o fim foi de reorientar o material linguístico para o projeto de catequização Jesuíta. Este que deveria ser um material inerte passou a assumir formas peculiares e diferentes significados para os nativos. O resultado foi um hibridismo linguístico e cultural, a nova gramática e a nova semântica formadas nesse encontro histórico singular facilitou a pragmática do sistema colonialista. (Agnolin, 2108). O autor discute essas formas de violência religiosa e colonial em vários contextos das Américas nos séculos XVI e XVII, inclusive no Brasil. A tática de buscar uma língua nativa e ao mesmo tempo adapta-la aos termos religiosos como ferramenta para a catequização indígena é um mecanismo elaborado e sutil, mas com o objetivo muito claro. Os indígenas não participavam dessas negociações de forma igualitária. A alteridade indígena foi reduzida a essa perspectiva religiosa ocidental, com as instituições míticas e rituais nativas, absorvidas para serem transformadas ou descartadas.

Os interesses coloniais, das organizações religiosas e as dinâmicas sociais dos diferentes grupos indígenas mudaram e se transformaram ao longo do tempo. Um dos exemplos desse entrelaçado de interesses é a Guerra dos Tamoios que se deu na segunda metade do século XVI. Aproveitando-se da rivalidade já existente entre os Tupiniquins e os Tupinambás, os portugueses, junto com os jesuítas, se aliaram aos Tupiniquins (Capitania de São Vicente) e os Temiminó (Norte da Guanabara) instigando-os ao conflito com os Tupinambás, estes aliados dos franceses (Perrone-Moisés & Sztutman, 2010).

Esse intrincado episódio da história do Rio de Janeiro mostra interesses de diversos atores no conflito: os franceses em explorar o pau-brasil na baía da Guanabara, os portugueses em efetivar seu domínio sobre a região e expulsar os franceses, os jesuítas que buscavam a catequização dos indígenas e ainda os próprios grupos indígenas buscando a defesa de seus territórios. Monteiro (1994) indica aqui o

marco nas diferenças das relações intertribais, onde esses conflitos antigos ficaram sujeitos às demandas coloniais.

Os resultados desse conflito foram o estabelecimento da Aldeia de São Lourenço concedida a Arariboia (aliados dos portugueses na guerra). E o recebimento de terras para os Jesuítas, sendo os administradores das primeiras aldeias estabelecidas, São Lourenço e São Barnabé. Essas duas deram início ao aldeamento no Rio de Janeiro. Na mesma medida os inimigos foram castigados, os Tamoios aprisionados foram transformados em escravos legítimos e oferecidos aos combatentes da guerra como recompensa da coroa (Almeida, 2013). A aldeia de São Lourenço (1568) foi à primeira criada em solo fluminense e foi composta por indígenas Tupiniquins vindos do Espírito Santo.

Essa batalha e os seus desdobramentos trazem pontos interessantes para reflexão. Um deles já foi explicitado relativo aos portugueses se fazendo valer das relações entre as tribos indígenas. Outro ponto é perceber que mesmo os índigenas aliados aos portugueses ainda teriam a sua aldeia administrada necessariamente pelos Jesuítas, como é o caso de São Lourenço. Ela atendia a coroa portuguesa como apoio na defesa da capitania, ao mesmo passo que tinha a finalidade de incorporar os indígenas como súditos cristãos. “Os aliados aldeavam-se para cumprir inúmeras funções dentre as quais a de servir ao rei, aos moradores e aos missionários sob a imposição do trabalho compulsório, regulado por várias leis que, como de praxe, variavam ao longo do tempo” (Almeida, 2014, p.13).

Não se nega a participação que os indígenas tiveram ao longo desse processo, mesmo os estabelecimentos desses dois aldeamentos citados acima tiveram participação das lideranças indígenas (Almeida, 2015). Mas o que se propõe é uma reflexão no impacto dessas novas relações na construção dessa sociedade colonial que estava se formando. De uma maneira ou de outra, essa conjuntura exigia que as comunidades nativas se encaixassem na sociedade colonial. Foi sendo estabelecida uma separação entre os indígenas aliados que deveriam ser aldeados e convertidos ao mesmo tempo em que os indígenas inimigos estavam passíveis de serem escravizados.

Já no século XVI o Jesuíta Pedro Costa observava as profundas transformações das aldeias indígenas com o contato junto ao europeu. Num período em que o escambo entre os portugueses e os indígenas já não atendiam mais as

necessidades dos colonizadores. “[...] estes procuraram reformular a base da economia colonial através da apropriação direta da mão-de-obra indígena, sobretudo na forma da escravidão” (Monteiro, 1994, p. 33). É nesse contexto que também começam a disputas entre os colonos e os jesuítas pela administração dos aldeamentos.

Afinal este foi um espaço que recebia uma multiplicidade de grupos indígenas, que já tinham uma dinâmica entre si além do quesito europeu. E essas dinâmicas não cessaram imediatamente no contato, mas continuaram acontecendo e se transformando junto à sociedade colonial. Um caso é importante para pesar relações que se estabeleceram dentro dos aldeamentos. Como já foi dito anteriormente, os Goytacaz se dividiam em três grupos, os grupos Goitacá-Mopí, Goitacá-Jacoritó e Goitacá-Guaçu, sendo que os grupos Goitacá-Mopí e Goitacá-Jacoritó eram inimigos dos Goitacá-Guaçu. Pois bem, eis que no aldeamento de São Pedro em Cabo Frio onde foram aldeados Goytacazes e Guarulhos<sup>2</sup> foi descrita tal situação na qual um chefe Guaçu foi aldeado junto aos Mopi e Jacoritó:

E chegava a tanto ódio que um Principal dos Guaçu, que em certo tempo e por certo foi acolhido a uma aldeia dos índios dos padres em Cabo Frio, com quatro criados seus (sendo que efetuaram então as pazes com os padres) não deixaram ali de vigia-lo e persegui-lo e sabendo que adoeceram o dito principal e morrera e onde estava enterrado, não queriam com isso e tiveram de ir desenterra-lo e ali morto quebra-lhe a cabeça (que é o modo entre eles de faltar seu ódio e tomar vingança) e dos criados por mais que os padres os guardassem, houveram mãos dos que logo mataram e tronaram em prato de suas entranhas. (Vasconcelos, 1658, p. 149).

No sul do país, as reduções Jesuítico-Guarani na região do Prata apresentaram uma configuração particular na relação de trabalho. Os grupos indígenas foram utilizados como mão-de-obra barata para sustentar a colonização através das *encomienda* e *mita*. A *encomienda* “regulamentava o trabalho coletivo de uma comunidade indígena, colocada a serviço prestado de um particular (o rei), que concedia ao colonizador o direito de receber o serviço prestado pelo indígenas na lavoura e na construção e restauração de obras” (Zuse, 2008, p. 16). A *mita* se caracterizava por uma prestação de serviço por turno e recebiam em troca cultura e civilização. Essas formas de trabalho indígena tiveram um grande impacto na sua organização social, assim como na sua economia de subsistência. As reduções

---

<sup>2</sup> Também conhecido como Guarú, era um nome genérico que compreendia várias nações como por exemplo os Sacarus (Casal, 1817).

jesuíticas no sul para além de sua missão de catequização tiveram a função de estabelecer o domínio espanhol sobre a região do Rio da Prata.

Assim como em outras regiões, o século XVII foi um momento de disputas entre colonizadores, os religiosos e os bandeirantes. Nesses embates constantes de território os indígenas sofreram com a fome, com trabalhos forçados e a desorganização do seu espaço e crenças. Em meio a essas disputas as Reduções acabavam sendo uma proteção ao indígena em relação à possibilidade do trabalho compulsório para o colono ou da captura pelos bandeirantes. Mesmo assim o objetivo final da redução é a “civilização” do indígena, a sua catequese e com essa bandeira os indígenas ainda poderiam ser utilizados como mão-de-obra (Zuse, 2008).

Wied-Neuwied (*in* Dias Jr., 1979), fez uma visita ao aldeamento de São Fidelis no início do século XIX e descreve que antes os Coroados enterravam os chefes sentados em grandes vasos de barro (camucis), mas que esses costumes foram abandonados. Esses relatos nos provocam reflexões nos impactos e transformações desses grupos que, provavelmente, não eram casos excepcionais. Tais como o casamento e a monogamia são aspectos importantes dentro da igreja Católica, as práticas funerárias também o são e é inegável as consequências simbólicas dessas imposições e mudanças.

Dentro das reduções as tribos eram remodeladas de forma que a organização espacial pudesse facilitar o processo civilizatório. Seria importante instituir a família monogâmica, legitimada pelo casamento religioso. Assim o que antes eram grandes casa comunais (no caso dos Guarani), foram substituídas por habitações nucleares, um espaço reservado à família. Além disso, essas habitações circundavam a Igreja (colégio de jesuítas), que ficava ao centro ostentando as diretrizes morais do catolicismo. Configuração semelhante era encontrada na disposição da senzala com o Convento da Fazenda do Colégio dos Jesuítas. Onde o ordenamento da senzala formava o pátio, de frente para a igreja que dividia as duas alas do convento.

Segue-se da análise acima que, em uma estrutura geral dentro da qual a religião definiu o escopo da oportunidade e do exercício da política, “a palavra escrita, ao lado da espada e da barra de ferro, desempenhará um papel colonizador essencial”. Instrumento básico do imperativo teológico, a escrita impôs um processo de colonização, deslocando violentamente os mecanismos da memória nativa e

utilizando-os para impor um novo sentido de história baseado em novos parâmetros (Agnolin, 2108, p. 82).

Como vimos nesse capítulo, o contexto no qual se insere a Fazenda do Colégio é marcado pela diversidade étnica da região. Mesmo no período colonial esses indígenas se movimentaram estabelecendo novas relações e sofrendo os impactos dessa colonização. Visto que a principal missão dos inacianos era a catequese e a sua relação com os indígenas, é muito provável que no início da Fazenda do Colégio (segunda metade do século XVII), grande parte da força de trabalho fosse indígena. E dessa forma é possível imaginar que, a exemplo do que foi dito anteriormente, havia uma diversidade de interações acontecendo, até mesmo de multiplicidade étnica.

### 1.3.Histórico da ocupação: da Capitania de São Thomé à cidade de Campos dos Goytacazes.

As dificuldades financeiras e os contínuos assaltos de piratas à costa brasileira levaram o Rei D. João III a intensificar o processo de colonização dos territórios que hoje pertencem ao Estado brasileiro. Através do sistema de Capitânicas Hereditárias, foi criada a Capitania de São Thomé, também conhecida como Paraíba do Sul. Esta foi doada a Pero de Góis em 1538 e media 30 léguas de litoral entre a Capitania do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Essa área que hoje integra o Norte Fluminense do Rio de Janeiro (Paranhos, 1999).

Não há um consenso sobre os primeiros anos de ocupação da região. O que é mais aceito pela historiografia é que Pedro de Góis se estabeleceu na margem do Rio Paraíba e iniciou o plantio da cana-de-açúcar (Oscar, 1985). Indo buscar subsídios para os engenhos, Pedro de Góis viajou a Lisboa e, ao regressar, encontrou a Capitania abandonada devido às investidas dos indígenas Goytacaz e Puris. Em 1548 a Capitania foi abandonada, permanecendo assim durante um longo período (Lamego, 1974; Paranhos, 1999).

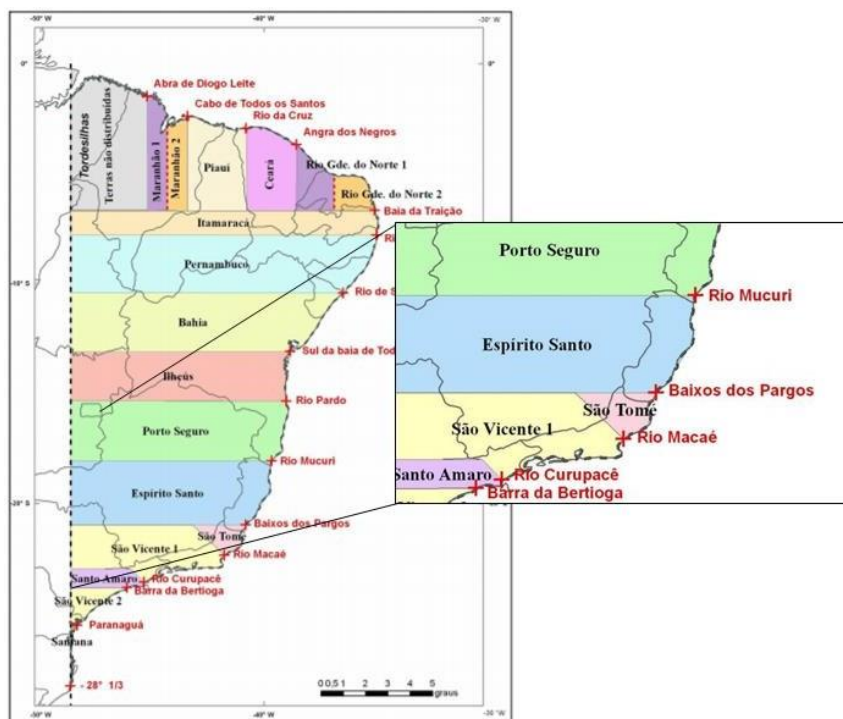


Figura 4. Capitânicas hereditárias no momento de sua criação (1534-1536). Fonte: Cintra (2015).

Em 24 de setembro de 1619 partem, com a missão de dominar os Goytacaz, os jesuítas João de Almeida e João Lobato. Eles saem de Macaé em direção aos campos do Paraíba onde pacificam os Goytacá-Mopi, porém não obtêm sucessos com os Goytacá-Guaçu, considerados mais terríveis. Assim, com a ajuda dos jesuítas a planície começa a ser ocupada, e, em 1627, parte da Capitania foi concedida aos Sete Capitães<sup>3</sup> que estabeleceram ali alguns currais que, aos poucos foram ampliados (Lamego, 1974). Esses religiosos estão intrinsecamente ligados ao início do processo de ocupação dessas terras fluminenses.

Os primeiros anos da ocupação foram caracterizados por certa tranquilidade na região, alterada em 1648 quando, pressionados por Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro, dois<sup>4</sup> dos Sete Capitães, dividiram suas terras em doze partes. Destas, a maior parte foi entregue aos padres Jesuítas e Beneditinos como reconhecimento pelos trabalhos prestados à Coroa. E, em 1674, a Capitania foi doada a Martim Corrêa de Sá, este se tornando o primeiro Visconde de Asseca e, um ano depois, foi fundada a Vila de São Salvador, que deu origem ao atual município de Campos dos Goytacazes (Oscar, 1985).

<sup>3</sup> Miguel Ayres Maldonado, Miguel da Silva Riscado, Antônio Pinto Pereira, João de Castilho, Gonçalo Correia de Sá, Manuel Correia e Duarte Correia.

<sup>4</sup> “Miguel Ayres Maldonado e Antônio Pinto, assinaram uma ‘escritura de composição’ pela qual dividiam suas terras [...]” (Oscar, 1985, p. 41)

Nos meados do século XVII, foram criadas as fazendas jesuíticas de Santana (Macaé), Moribeca (entre São João da Barra e a Capitania do Espírito Santo) e a maior dentre estas, a Fazenda do Colégio (Campos dos Goytacazes). A Fazenda de Santana servia principalmente para o escoamento dos produtos e descanso do gado que vinham da Fazenda do Colégio, com destino ao Rio de Janeiro.

Inúmeros conflitos aconteceram pela posse da terra: Martim Corrêa Vasqueanes<sup>5</sup>, primeiro governador de Campos dos Goytacazes e grande fazendeiro, esteve em confronto constante com os padres da Companhia de Jesus, evocando “que neles envolveriam seus escravos como buchas de canhão” (Oscar, 1985, p. 43). Difícil verificar se de fato os escravos foram diretamente envolvidos nesses conflitos, mas, para além do fato em si, é interessante perceber como alguns historiados (Reis, 1785; Lamego 1974; Oscar, 1985) reproduzem uma visão negativa dos Jesuítas, também relacionados com o trato com os indígenas e com a escravidão.

Essa região só teve uma ocupação mais efetiva no início do século XVII (Faria, 1998) e a área que a princípio foi doada ao Visconde de Asseca, em meios de conflitos entre a população residente, donatários e os antigos sesmeiros, foi tornada uma Capitania real em 1752. No período do Visconde de Asseca a principal atividade econômica era a criação de gado, porém, com a donataria passando para a Coroa Portuguesa, deu-se início a expansão do cultivo da cana-de-açúcar e o aumento substancial dos engenhos (Faria, 1993).

Em 1759 houve uma grande mudança no poder político e econômico com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal. As fazendas, escravos e bens dos inicianos foram confiscados e depois leiloados. Dentre estes bens, a Fazenda do Colégio, que passa a ser administrada pela Coroa.

Em 1781 Joaquim Vicente dos Reis, comerciante português, arremata a Fazenda do Colégio junto com seu tio João Francisco Vianna e Manoel José de Carvalho, então a maior propriedade existente em Campos dos Goytacazes. A fazenda foi recebida com “todos os seus pertences, casa, Igreja, engenho, seus acessórios, escravos, terras e todas mais coisas e posses com que a possuíram os denominados jesuítas” (Lamego, 1941 *in* Guglielmo, 2011) e a posse foi

---

<sup>5</sup> Fundador das Vilas de São Salvador e de São João da Barra, senhor de muitos escravos e proprietário das fazendas da Casa Grande, das Frecheiras, da Restinga, da Trincheira, das Laranjeiras, da Jagaroaba e do Sabão (Oscar, 1985).

compartilhada até 1796, quando Vicente dos Reis se torna o único proprietário (Guglielmo, 2011).

Por ter sido uma fazenda abastada, a Fazenda do Colégio é referenciada em relatos históricos, inclusive por viajantes. Em uma visita a fazenda em 1818, Saint-Hilaire (1833) faz alguns apontamentos sobre a distribuição espacial de algumas das estruturas da fazenda. Observou a existência de uma olaria, um edifício inteiramente isolado para tratar os doentes e um engenho de açúcar com casas a cerca-lo. Ainda atrás dessas casas houve uma fileira de casinhas destinadas aos escravos, cobertas de telhas e construídas com menos cuidados e ordem do que as habitações do pátio. Esta que seria a senzala e que deveria comportar a maior parte da população cativa foi descrita da seguinte forma:

Casas de negros, feitas de tijolos e cobertas de telhas, formam aqui os três lados de um pátio que tem cerca de 360 passos de comprimento por 250 de largura. Uma fachada comum à igreja e ao convento forma um dos pequenos lados do pátio, e, no meio deste há uma casa, sem dúvida construída pelos jesuítas para recreio dos índios e dos negros (p. 416).

Serafim Leite (1945) discorre ainda que no início do século XVIII, período em que a fazenda ainda estava sob administração Jesuíta, havia 820 escravos que se dividiam nos trabalhos da fazenda. Esta contava com uma fábrica de cerâmica, plantação de cana-de-açúcar, uma enfermaria e um grande engenho-de-açúcar.

Já em 1785, Couto Reis fez um “Mapa relativo ao Distrito da Freguesia da Vila de São Salvador em que se expressa o número de Engenhos de Açúcar nele compreendidos” e neste documento estão descritos os nomes dos donos de engenhos assim como seus bens. No engenho de Vicente dos Reis os cativos foram contabilizados em 765 crianças (400 meninos e 365 meninas) e 717 adultos (340 homens e 377 mulheres). Totalizando assim em 1.482 a população cativa da fazenda, achando-se mais da metade dos cativos como crianças (51,6%), sendo este momento considerado o ápice demográfico da população escrava na região. Consta ainda que no ano de 1782 nasceram 82 crianças nessa fazenda e, que destas, 77,1% eram filhos legítimos batizados (Faria, 1998, p. 332).

Outras referências em documentos históricos citam o quantitativo de pessoas escravizadas na fazenda. Um exemplo é um trecho que em 1784, Joaquim Vicente



dos Reis envia um requerimento para a utilização de espingarda carregada nos perímetros da sua propriedade a fim de assegurar a fazenda de grandes extensões, mais de oito léguas e o grande número de escravos, 1500 pessoas, e que em 1796 a fazenda já teria quase 2000 escravos (Guglielmo, 2011). Outro autor, Oscar (1985), sugere ainda que ao falecer em 1813, Joaquim Vicente dos Reis deixa a propriedade para o seu sucessor Francisco de Paula Gomes Barroso com um total de 1.924 escravos.

Esses dados nos mostram um número substancialmente grande de escravos na Fazenda do Colégio. Para ter uma noção da demografia na cidade de São Salvador, uma estatística de 1816 publicada por Saint-Hilaire (1833) traz uma estimativa da população onde haveria 14.560 homens livres e 17.537 escravos, destes 10.450 homens e 6.907 mulheres. Ele aponta ainda a superioridade do número de escravos em relação aos homens livres e compara estes dados com a situação nas regiões auríferas de Minas Gerais.

Os dados da fazenda seguem uma tendência que parece ter sido regional. Nos Campos dos Goytacazes, a segunda metade do século XVIII foi muito próspera economicamente, havendo também um crescimento no número de escravos. Isso foi verificado por Faria (1998) nos livros de batismo que mostravam um aumento nos batizados entre a população escrava, que foi 65 crianças na década de 1750 para 299 na década de 1790. A mesma tendência foi observada no número de casamentos com uma média de 15 por ano na década de 1750 e 97 na década de 1790 (Faria, 1998, p. 333).

Outro documento, apresentado por Symanski (no prelo), o Inventário de Sebastião Gomes Barroso de 1843, lista 1111 cativos. Esses números reforçam o ápice da população cativa no final do século XVIII e, a partir daí, um declínio de 45% até o ano de 1843. Ainda assim, o perfil demográfico mantinha certo equilíbrio entre homens (532) e mulheres (579).

A estruturação de famílias dentro da comunidade também pode ter ocasionado a grande quantidade de crianças dentro da Fazenda. Amantino (2014), baseada nos registros de batismo de propriedades jesuíticas na capitania do Rio de Janeiro entre os anos de 1635 e 1759, caracteriza a estrutura das escravarias em organizações familiares, com o nascimento constante de crianças. A autora (2014) defende que, possivelmente, os jesuítas incentivavam a reprodução endógena da

população escrava ou com parceiros indígenas. As listagens estudadas indicam, que as crianças nasciam inseridas em relações estáveis, marcadas pela presença da família e, em alguns casos, contanto com até três gerações. Guglielmo (2011) aponta ainda a alta taxa de legitimidade do ano de 1782, onde 77% dos nascidos eram de pais casados perante a igreja e, em 1783, esse número aumentou para 89,6% dos nascidos na Fazenda do Colégio.

Outras fazendas jesuítas no Rio de Janeiro tiveram um padrão parecido, como foi o caso das fazendas do Engenho Novo e São Cristóvão<sup>6</sup>. Na São Cristóvão havia aproximadamente 347 cativos, organizados em núcleos familiares de até seis pessoas. Com base no parentesco, em alguns casos foram descritos três gerações desde o pai até o neto. No inventário são atribuídos funções como pedreiro, carpinteiro, alfaiate, sapateiro e oleiro. Apenas 8,64% foram classificados segundo a cor da pele, dos quais 7,49% eram pardos e 1,15% como cabras.

Já no inventário da Fazenda do Engenho Velho, apesar de não organizado conforme os núcleos familiares, houve uma descrição mais detalhada de cada indivíduo. Havia aproximadamente de 277 cativos. O inventário de 1756 apresenta uma maioria de indivíduos considerados crioulos, seguidos por cabras. O mesmo padrão se inverte quando se vê os trabalhadores destinados para a fábrica do local. Havendo então uma predominância de cabras, sobre o percentual de crioulos<sup>7</sup>.

**Tabela 1. Porcentagem de crioulo, cabra, negro e mulato segundo o inventário da Fazenda do Engenho Velho.**

Engenho Velho		
Fazenda	Fazenda n=277	Fabrica n=25
Crioulo	41,80%	28%
Cabra	17%	48%
Negro	15,16%	0
Mulato	3,60%	0

É interessante observar parece que havia uma preferência para os crioulos no trabalho de engenho e de cabras para o trabalho na fábrica. No caso do Engenho

<sup>6</sup> Bens dos jesuítas = arrendamento e assentamentos de foros e fazendas que foram dos jesuítas copiado de documentos referentes ao tomo dos jesuítas 1751-1758. Arquivo público da Cidade do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Para esse trabalho estão sendo considerado crioulo como os filhos de africanos nascidos nas Américas. Pardos e mulatos como uma cor de pele mais clara e cabras, devido ao contexto do sítio, como descendentes de indígenas. Essas categorias será discutidas na continuação do texto.

Velho o termo cabra coloca a diferenciação nas atribuições de funções baseadas em diferenças de cor de pele. Um caso semelhante de divisão do trabalho foi observado por Symanski (no prelo). Na sede da Fazenda do Colégio o trabalho foi realizado majoritariamente por pardos e cabras enquanto que os crioulos realizavam o trabalho no engenho de açúcar. É possível que isso reflita a uma visão hierárquica mantida pelos proprietários dos escravos ao atribuir trabalhos domésticos (mais alto status) aos pardos e em menor escala aos cabras (Symanski, No prelo).

Vale ressaltar que essas classificações – negra, cabra, pardo- estão relacionadas a diferenças de cor e de origem. O crioulo faz referência aos filhos de africanos nascidos nas Américas. Mas é preciso ressaltar que essas classificações foram construções “dos brancos”. Os negros não se viam como negros na África, os povos africanos se enxergam dentro de uma pluralidade de grupos étnicos, diferenciados e muitas vezes hostis. O termos como crioulo, pardo e negro foram construídos a partir da suplantação de diversas diferenciações que existiam nas sociedades africanas (Barros, 2018).

Ainda sim, faz-se interessante essas classificações para o estudo da miscigenação uma vez que podemos ter noção dessas dinâmicas e diversidade dos processos históricos. Nesse caso os pardos e mulatos são classificados como uma cor mais clara, a qual deriva do processo de miscigenação entre os de pele mais escura e mais clara. O termo cabra já se apresenta mais controverso e tendo significados diferentes ao longo da história, mas no século XVIII, cabra era utilizado para referenciar aqueles que provinham de mescla entre indígenas e africanos (Almeida, Amorim, Vaz, & Paula, 2016; Paiva, 2014). Mas também poderia ser utilizado para filhos de negros com mulatos.

No caso do Colégio dos Jesuítas, um inventário de 1843<sup>8</sup> a maioria da escravaria é descrita como crioula (56,37%), seguida por cabra (25,70%), e pardo (17,85%) (Symanski, No prelo). É provável que, dado o contexto de uma fazenda jesuítica, o termo cabra designasse uma ascendência indígena decorrente de uma possível mestiçagem durante o período dos Jesuítas.

---

<sup>8</sup> Ano da morte do segundo proprietário da Fazenda do Colégio, Sebastião Gomes Barroso. Na época a escravaria era composta por 1111 cativos (Symanski L. C., No prelo).

Em um trabalho de etnoarqueologia foram entrevistadas as irmãs Gina e Jeni ex-moradoras do arruamento do Colégio<sup>9</sup>. Ao se falar da memória dos antepassados as irmãs lembraram da história de sua tataravó. Segunda elas, sua tataravó teria se recusado a ser escravizada por ser indígena, esta fez greve de fome e morreu deixando um filho que viria a ser o bisavô das irmãs, isso teria acontecido por volta da primeira metade do século XIX. Elas lembram ainda que lhes foi contado que sua avó, Eugenia, era descendente de africanos (Myashita, 2017). No breve relato das irmãs feito em 2014, permanece a lembrança da escravidão e ainda fazendo menção com a temática indígena. É muito proveável que esse caso tenha sido algo pontual, dentre outras circunstâncias possíveis. Mas se ressalta a permanência que isso tem na memória local, de como o indígena e o africano permanecem e se entrelaçam ao longo dessa história regional.

Até metade do século XVIII a população de Campos era majoritariamente indígena ou mestiça de origem indígena. Os africanos começaram a chegar, de forma diminuta e utilizada junto com a mão-de-obra indígena, no final do século XVII e ao longo do século XVIII. O processo de mestiçagem, antes era em sua maioria com indígenas, começa a mudar de perfil em 1770, com a chegada de um maior contingente de africanos (Symanski, Gomes, & Suguimatsu, 2015). A Fazenda do Colégio por sua vez, a partir de 1759, deixa de ter entrada de africanos na senzala, devido a expulsão dos Jesuítas, ficando esta fechada. No final do século XVII a população escravizada da Fazenda estava organizada por arranjos familiares, com altas taxas de natalidade e já no século XIX a população cativa encontrava-se crioulezada (Symanski & Gomes, 2014).

Em Campos dos Goytacazes a partir do século XVIII o número de Africanos aumenta exponencialmente. A economia da época sofre mudanças profundas substituindo a pecuária pela montagem da agroindústria açucareira. A ampliação da economia pressupunha a aquisição de mão-de-obra escrava de origem africana (Faria, 1998). Como apresentado nos dados acima, houve o estabelecimento de relações familiares entre os escravos na Fazenda do Colégio, sancionadas pela Igreja. Apesar do elevado número de crianças na fazenda, e a reprodução endógena não era suficiente para satisfazer a demanda de mão-de-obra.

---

<sup>9</sup> O arruamento do Colégio são algumas casas remanescentes a área onde se infere ser a senzala da Fazenda. Nesse local até pelo menos 1980 havia uma comunidade, a qual alguns ex-moradores foram entrevistados (Myashita, 2017).

Dessa forma, Campos recebeu um contingente de escravos vindo da África que desembarcavam no Rio de Janeiro. A fim de mostrar a diversidade étnica na planície de Campos, João Oscar (1985), em seu livro *Escravidão e Engenho*, coloca trechos extraídos de jornais do século XIX, que traziam a indicação de algumas das nações presentes na região. Neles são descritos escravos das nações Congo, Camões, Camondongo, Caçange, Rebollo, Mohange e Benguella.

É preciso ressaltar que essas atribuições étnicas foram criadas por traficantes, comerciantes e compradores de escravos para facilitar a organização do tráfico de africanos. Estes foram agrupados em grupos étnicos diferentes aos quais pertenciam, em sua grande maioria. As denominações de nação são uma referência de portos de embarque e principais mercados no continente africano, raramente grupos étnicos originais. (Mattos, 2006). Quanto as nações levantadas por João Oscar na planície de Campos, em sua maioria, fazem referência a procedências da África Centro-Occidental.

O estudo do tráfico de escravos atribui à África três grandes áreas. A Centro-Occidental corresponde a três principais regiões ligadas ao tráfico de escravos: Congo-Norte, Angola e Benguela. (Mattos, 2006). Do Congo-Norte eram trazidos escravos tais como os nsundis, tekes ou tios, conhecidos aqui como monjolos ou angico, e os gabões. Já na Angola havia um mercado entre o interior da África Central e Luanda chamado de Caçanje. Escravos com esse nome poderiam representar os povos do Leste de Angola, como os lunda-tchokwe, mas também poderia ser uma referência aos que saíram ou passaram por esse mercado. Benguela era um porto ao sul de Angola. Os benguelas provavelmente seriam os ovimbundos e povos vizinhos, levados do planalto sul de Angola para a costa do Atlântico por caravanas dos próprios ovimbundos. A localização do grupo moange é um pouco incerta, talvez do interior de Luanda (Mattos, 2006).

Desta forma a identificação étnica dos africanos baseada apenas nos nomes que lhes foram atribuídos pela documentação, deixa armadilhas. É possível saber de que regiões da África esses escravos são procedentes, mas não é possível afirmar com certeza as suas etnias. É muito provável que Campos realmente tivesse uma diversidade étnica muito grande devido a economia açucareira e aos processos de formação da sociedade com a presença indígena, mas ainda existem lacunas sobre essas questões das identidades dos cativos.

Os documentos históricos fazem referência a convivência desses grupos com o aditivo ainda dos portugueses. Apesar de 1680 ser considerada a data da abolição da escravidão indígena, para José Bessa Freire (Silvia, 2007). essa lei proibiu apenas a escravização de novos indígenas, mas não libertou os que já eram escravos. Isso só aconteceu de fato com as leis de 1755 (válida para o Estado do Grão-Pará e Maranhão) e 1758 (ampliada para o resto do Brasil). O Alvará de 7 de junho de 1755 é que mais efetivamente muda as relações estabelecidas entre indígenas e não indígenas. Nele é revogado o primeiro parágrafo do Regimento das Missões, que concedia à Companhia de Jesus e demais missionários o controle espiritual dos indígenas. Proibiu-se então a escravidão dos indígenas do Maranhão e Grão Pará, restituindo-lhes a liberdade, bens e comércio, executando aos indígenas, filhos de mulheres escravas, antes também considerados escravos (Silvia, 2016, p.171)..

Dessa forma é possível imaginar que no contexto da Fazenda do Colégio e das outras propriedades de Campos que, a partir do final do século XVII, deixou-se de ter uma entrada de população indígena como mão-de-obra. Ainda assim há de se pensar sobre essa população que já estava estabelecida na fazenda e a entrada de africanos até pelo menos 1759, quando deixa de ter a entrada de novos cativos.

Esse capítulo teve como propósito apresentar um panorama da sociedade colonial a partir da ocupação do Norte Fluminense pelos portugueses. Foi mostrado que a planície não era um espaço abandonado, mas local de etnias indígenas que tiveram as suas estruturas sociais impactadas pelo projeto colonizador. Foi visto também a relação entre esse projeto e os religiosos que tinham sua própria filosofia e que muitas vezes entravam em conflito com os colonos. E por fim, focando numa micro-história, foram apresentados dados relativos a implementação da Fazenda do Colégio dos Jesuítas, assim como seus donos. Houve um esforço, através dos dados de documentos históricos, desenhar uma demografia da comunidade escravizada no Colégio.

O próximo capítulo são colocadas as informações relacionadas aos métodos de análise empregados e o linha teórica que direcionou a pesquisa. Foram apresentados os atributos técnico-morfológicos que foram considerados, uma revisão do termo da tradição Neo-Brasileira, e por fim uma discussão sobre miscigenação, criouliização e *habitus*.

## **2. Desde os cacos cerâmicos: teoria e método.**

### 2.1. Cerâmicas Históricas e Neo-brasileira.

A cerâmica tem sido categoria material privilegiada dentro da arqueologia. A sua análise vem se desenvolvendo e se transformando ao longo do tempo, assim também como as formas de abordagens que tem sido empregada no seu estudo (Robrahn-González, 1998). Essa preferência está relacionada, em parte, à sua capacidade de preservação no registro arqueológico, em detrimento de outras categorias. Outro fator é seu potencial interpretativo, pois grande parte dos utensílios cerâmicos está relacionada com funções cotidianas coletivas (preparo de alimentos, por exemplo), “como também podem estar vinculadas a usos específicos e restritos a determinados grupos de indivíduos” (Robrahn-González, 1998).

Na arqueologia brasileira existem duas grandes divisões cronológicas que também são associadas a diferenças teóricas e metodológicas: a arqueologia histórica e a pré-colonial. A consequência disso é uma cisão nas pesquisas de cerâmica que ou se enquadram, majoritariamente, em estudos de cerâmicas pré-contato ou de cerâmicas históricas. Partes dessas diferenças estão alicerçadas em questões metodológicas que acabam colocando as pesquisas em rumos teórico-metodológicos distintos.

No desenvolvimento desta pesquisa, no entanto, sentiu-se a necessidade de transitar por uma diversidade ampliada da bibliografia. Além das dos estudos de cerâmicas históricas, buscaram-se referências em uma série de publicações de cerâmicas pré-contato, principalmente para trabalhar a questão dos atributos de manufatura e decoração. Nisso está intrínseca uma ideia de que, apesar da colonização ter causado um grande impacto e transformações, uma abordagem mais integrada com estudo de populações indígenas pode trazer novas perspectivas para se estudar o período colonial.

Os primeiros trabalhos sobre cerâmica colonial no Brasil foram feitos dentro do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA). Essas cerâmicas que misturavam características indígenas, europeia e africana foram definidas por Odemar F. Dias Jr como a Tradição Neo-brasileira. Ele caracterizou esse material

como caboclo, sendo a tradição revista nos anos de 1968, 1981 e 1976 no qual foram desenvolvidas fases e descrições mais detalhadas.

Em termos gerais, a cerâmica Neo-brasileira foi caracterizada com temperos quase sempre finos (o autor não especificou o que estava sendo considerado como fino), com o quartzo predominando, assim como a mica, grãos de feldspato e hematita, podendo ocorrer ainda carvão, ossos moídos, cacos de cerâmica e cariapé, esses últimos mais característicos da região amazônica. O método de manufatura predominante é o acordelado, e a queima redutora, dando um aspecto escurecido às peças. O tratamento da superfície mais comum é o alisado, sem muita diferença entre a face interna e externa. O polimento é raro e se daria somente para peças selecionadas.

Na decoração “encontram-se sobrevivências tipicamente indígenas [...] um elemento diferencial nos é dado pelos padrões do inciso. Este é muito variado e diferente daquele encontrado na cerâmica indígena. Provavelmente os padrões do inciso sejam exóticos (africanos?) e aculturados” (1968, p.5). Há ainda apliques como “asas”, colocadas na superfície externa, aplicadas com fortes pressões digitais.

O autor segue o texto descrevendo as características morfológicas e as tipologias mais comuns associadas a esse material. Sendo um trabalho que visava dar continuidade à pauta do PRONAPA com seus objetivos específicos, essa caracterização foi um esforço inicial e explanatório sobre as cerâmicas coloniais no Brasil. Segundo Odemar Jr. (1988, p. 8):

Esta, [cerâmica Neo-brasileira] em suma, é sempre de confecção local, de cor [negro, castanho, acinzentado] segura indicando queima redutora, com decoração, tratamento de superfícies e formas que indicam aculturação entre elementos indígenas, europeus e africanos. Representam bem os primeiros traços da sociedade brasileira, especialmente daqueles seus membros que constituíam a população dominada no processo colonial.

A descrição dessas cerâmicas e a perspectiva de aculturação adotada estão dentro da linha teórica do histórico-culturalismo e se relaciona diretamente com a forma como a cultura e a cultura material são vistas e relacionadas. Isso influencia diretamente nas abordagens e análises arqueológicas. Por isso é pertinente que esses enfoques sejam contextualizados, nos permitindo analisar as contribuições, mas também pontos de discordância.



No histórico-culturalismo a cultura arqueológica é entendida como uma unidade cultural definida por comparações e com uma classificação uniformizada (McKern, 1939). Nesta proposta de classificação transparece um conceito de cultura uniformizado e que mais tarde será considerado como normativo. A cultura é um conjunto de traços culturais característicos de um determinado povo, e quanto maior o número de traços compartilhados com outra população, maior a proximidade histórica de uma origem comum.

A questão da semelhança é um ponto chave nessa abordagem teórica. Como a cultura é uma unidade cultural (Willey & Phillips, 1958), o olhar está direcionado para observar semelhanças do que pode ser considerado um grupo. Aqui a arqueologia ocupou-se com a aplicação da classificação do material arqueológico em tipos, ordenando coleções em grupos e séries onde os tipos são vistos como traços culturais que remetem diretamente à unidade cultural em questão (McKern, 1939). As tradições e fases desenvolvidas no Brasil nas décadas de 60, 70 e 80 têm muito desse método taxonômico com uma grande carga de descrição dos fenômenos culturais.

Essa escola normativa (Binford, 1965) não permite a possibilidade de trabalhar com fenômenos multivariados. Considera-se que a cultura é constituída por um conjunto de ideias que são compartilhadas e garantidas pela interação dentro do grupo e ao longo das gerações. Um ponto chave para a escola normativa é a transmissão ideacional, na qual a cultura é transmitida entre as gerações e entre outras populações, sempre diretamente relativa à distância entre esses grupos. Daqui parte-se para a explicação da mudança cultural que se daria apenas pela difusão ou migração, com centros culturais mais desenvolvidos influenciando/dominando os menos desenvolvidos.

Dentro dessa perspectiva, no caso das cerâmicas Neo-brasileiras se insere a ideia de aculturação, tendo como resultado povos (indígenas e africanos) que fazem a fusão de suas categorias materiais absorvendo as características e influências dos europeus. Apesar das críticas, o trabalho de classificação da cerâmica Neo-Brasileira nos dá um indicativo. Foi na pesquisa de Dias Jr. (1964) que primeiro abordou-se as cerâmicas provenientes de sítios históricos como uma categoria material própria, dando visibilidade aos grupos de escravos e indígenas como agentes importantes na compreensão da história cultural brasileira (Souza, 2008).

Também foram criadas fases dentro dessa tradição. Para o estado do Rio de Janeiro foram registradas as fases Parati, para o litoral sul, e Calundu para o litoral norte e baixada fluminense (Zanettini, 2005; Deminicis, 2017).

Ainda não temos os limites claramente estabelecidos entre as duas fases Neo-brasileira da área, a Calundu, e a Parati. Por hora, aparentemente, o Estado da Guanabara é a Zona fronteira entre elas. Das suas fronteiras para o sul, registramos a Parati e em direção contrária, até a região de *Campos*, a Calundu. Para o interior continuamos sem os limites claros (Simões, 1972, p. 8, grifo nosso).

O próprio nome dado às cerâmicas é motivo de questionamento. Existe uma problemática envolvendo o termo cerâmica Neo-brasileira. Primeiro com relação à forma como usado, que acaba homogeneizando e reduzindo os contextos de produção no Brasil colonial. A outra é o termo em si, tomado de descrições etnográficas em Curt Nimuendaju que se refere aos habitantes não indígenas como “Neo-Brazilians”. Segundo Zanettini (2005, p. 248) “O emprego da expressão Neo-brasileira para designar o habitante rural não-índigena se constitui numa inversão etnocêntrica”. O autor prefere assim utilizar o termo de cerâmica de produção local/regional, se referindo a ela ainda como louça de barro.

Temos ainda questões nacionalistas embutidas uma vez que a tradição Neo-brasileira assume os grupos indígenas como os primeiros brasileiros encaixando dentro desse conceito de nação as etnias indígenas que além de criar um anacronismo, fica a revelia de das noções próprias de identidade. A concepção do Brasil-Nação foi estabelecida ao longo do século XIX, sendo muito problemático aplicar essa ideia em grupos do início da colonização que tinham suas próprias etnias, identidades, e noções de pertencimento (Souza, 2008).

Souza (2008) ressalta que essa abordagem exclui as relações de múltiplas influencias de segmentos sociais distintos. Como também não permite abordar as relações de lutas sociais, expressões de alteridade e conflito através dos materiais cerâmicos. Outro ator, Deminicis (2017, p. 85), resume que:

[...] como modelo de tradição Neo-brasileira foi erigido sob o paradigma da aculturação, ou seja, em grande parte sobre a negação de modelos idealizados para contextos anteriores à colonização [...], o peso exercido pelas ausências não permitiu que se enxergassem resistências ou que se observassem identidades contextuais. Por esse motivo, a constatação de um padrão geral para esse conjunto da cultura material do contexto colonial e pós-colonial, calcado nas ausências, terminou por induzir a existência

de um cenário de relações sociais homogêneas para os grupos subalternos; e não dialogou com as forças do projeto colonial, sendo essas responsáveis por determinados níveis de homogeneização.

Somam-se a essas críticas outros trabalhos que acreditam que além de problemática, a própria definição da tradição não é suficiente, sendo generalista. É necessário se afastar desses pressupostos por demais simples e desenvolver pesquisas mais profundas no que concerne a análise desse material. Morales (2001, p. 179) tem esse mesmo entendimento, de uma generalização que “compacta características tecnológicas, estilísticas e morfológicas, misturando tempo, espaço e contextos culturais distintos”. Dessa forma o trabalho aqui desenvolvido buscou uma descrição detalhada da morfologia, tecno-tipologias e estilos que possibilitem a percepção das semelhanças e diferenças desses materiais. Levando em conta as particularidades sociais e econômicas de ocupação do Norte-fluminense do Rio de Janeiro e seu processo de formação, a composição e articulação das comunidades, objetivando uma pesquisa arqueológica mais detalhada.

Tocchetto (1991) em seu trabalho sobre as cerâmicas missioneiras de São Lourenço séculos XVII e XVIII, foca na cadeia operatória, desde a fonte de argila, passando por uma descrição das técnicas de manufatura chegando à forma e função. A abordagem adotada por ela mostra uma influência do funcionalismo com a descrição da funcionalidade dos vasilhames cerâmicos como seu objetivo. Ao longo do seu trabalho também se faz muito presente as analogias etnohistóricas e etnográficas. Dessa forma as variações nas cerâmicas são postuladas como inovações técnicas compartilhadas entre os jesuítas e indígenas.

Trabalhos mais recentes como os de Camilla Agostini apresentam outras formas de interpretar o material cerâmico. Agostini (2011) se baseia em questões como redes de sociabilidades e dinâmicas simbólicas locais para desenvolver sua pesquisa. Apesar de tanto Tocchetto (1991) quando Agostini trabalharem com cerâmicas histórias suas abordagens diferem muito. Da mesma forma que seu contexto de pesquisa, enquanto Tocchetto trabalha com uma redução de Guarani pelos Jesuítas, Agostini foca em uma fazenda litorânea, vista como intermediária no tráfico de escravos de um comerciante, Joaquim Pedro. Ambas as autoras tem o fio condutor da cerâmica histórica, mas com abordagens distintas, uma refletindo sobre os indígenas no período das reduções e a outra com a simbologia de etnias africanas.

O Colégio dos Jesuítas, mais uma vez fixa sua história particular. O material analisado nesta dissertação abarca tanto o período dos jesuítas quanto o do comerciante português Joaquim Vicente dos Reis. Como também perpassa por diferentes características da população cativa, desde o início da fazenda no século XVII com a mão-de-obra indígena, no século XVIII com a crescente chegada de escravos africanos até o momento em que essa escravaria se encontra crioulista entre o final do século XVIII e século XIX.

Os modelos relacionados à temática da “crioulização, transculturação e etnogênese” (Symanski & Gomes, 2012, p. 60), reinterpreta a cultura material e as diversidades de experiências em que ela está envolvida e fogem da ideia de assimilação ou de variações finitas e previsíveis (Rubertone, 2000). A crioulista permite que a análise do material se direcione ao encontro de diferentes elementos culturais. Uma coexistência de diferentes esferas que se influenciam mutuamente. “Esta noção tem um caráter evocativo diferente daquele que faz referência a um sentimento nacional unificado, ligado a uma visão que segmenta distintas formas culturais e suas particularidades” (Souza, 2008, p. 150).

É dentro desta perspectiva que se pretende abordar as cerâmicas, inseridas nesse cenário de troca, podendo trazer reutilizações e ressignificações dentro do contexto de senzalas onde conviviam africanos e indígenas. Entende-se que, por se tratar de cerâmicas produzidas localmente, produzidas pelos próprios cativos num contexto de escravidão, o potencial de informação dessas cerâmicas reside justamente na possibilidade de pensar as relações que foram estabelecidas entre os grupos que habitavam a senzala do Colégio dos Jesuítas.

Existe ainda uma discussão que precisa ser feita, que diz respeito ao quanto que essa variabilidade das cerâmicas pode estar relacionada a uma diferenciação entre os grupos da senzala. E ainda o que dessa variabilidade está sendo considerado como estilo para demarcar essas diferenças.

O estilo na cultura material sempre esteve presente em pesquisas arqueológicas, mas desde as décadas de 60 e 70, começou-se a questionar e discutir especificamente em que ele consiste e como pode ser usado (Hegmon, 1992). Estilo pode ser definido de várias formas, dependendo da abordagem teórica: pode ser uma maneira de fazer as coisas, um conjunto de regras conceituais, uma escolha entre alternativas funcionalmente equivalentes e guiados por disposições aprendidas

(Bowser, 2000). Um desenvolvimento das perspectivas anteriores tem ampliado esse entendimento para perceber o estilo como uma forma não verbal de comunicação. E ainda um jeito de fazer que inclua atividades de pensar, sentir e ser (Hodder, 1990).

Dentro desses estudos foram desenvolvidas duas linhas teóricas. A primeira é a escola iconológica, vinculada ao processualismo. Nela a variabilidade estilística é somente ligada aos aspectos simbólicos, não mostrando nenhuma forma adaptacional. Na lógica de Binford o artefato terá estilo apenas para socializar e criar certa identidade grupal, mas com nenhum valor utilitário (Pohl, 2014). Logo, estilo é equivalente unicamente à decoração.

Na segunda linha, da escola isocréstica, a variabilidade estilística está presente na escolha da matéria-prima, nas técnicas de elaboração, utilização e descarte, ou seja, em toda a cadeia operatória. O estilo é uma maneira de produzir artefatos, além de poder diagnosticar etnicidade. E também, estilo e função são vistos como indissociáveis. Para Sackett (1985) a função está ligada a um resultado ativo, pois atende a um fim. Enquanto que o estilo é algo passivo e caracteriza o espaço e o contexto histórico. As alternativas são inseridas dentro dos conhecimentos técnicos e implicitamente relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem (Pohl, 2014).

Se opondo à linha processualista, Sackett (1985) argumenta que o estilo não constitui um domínio distinto, mas deve ser encontrado em toda a variabilidade formal, e que estilo e função compartilham a mesma responsabilidade pelo produto acabado. Shanks & Tilley (1988) endossam essa visão de que é impossível separar estilo e função, tanto na forma do vasilhame quanto na morfologia de um projétil. O estilo é inerente à função e vice-versa. (Shanks & Tilley, 1988, p. 92). Os autores não negam que existe um ponto banal de que os objetos têm um uso e normalmente podem ser usados de uma única maneira, mas sugerem que tal posição representa, na melhor das hipóteses, um ponto de partida ao invés de um ponto final para o arqueólogo.

Um debate entre Sackett (1985) e Wiessner (1985) é interessante para colocar em contraste possíveis abordagens, com o principal ponto de discordância sendo a passividade dos estilos. Sackett (1985) defende que a variação isocréstica (estilo) transporta simbolismo étnico que é inerente. Existem na cultura material padrões altamente específicos de variação isocréstica (estilo), mas na voz passiva, não é tanto uma força que atua, mas como uma qualidade latente que pode ser invocada. E está munida de etnicidade, pois as escolhas pertencem à esfera da vida social. Para

Sackett (1985) o princípio de intencionalidade de Wiessner (1985) implicaria em assumir que todo o simbolismo encontrado na cultura material é proposital.

Wiessner (1985) discorda da voz passiva do estilo. Para ela este reside na intencionalidade consciente de gerar informações que podem ser tanto numa escala grupal quanto individual. Os estilos emblêmico e assertivo<sup>10</sup> são usados para diferenciação intra e inter-grupos podendo transmitir informações sobre fronteiras ou sobre a individualidade do artesão. Para Wiessner (1985) o comportamento isocrástico visa fazer a vida previsível e ordenada, limitando a vasta carga de informações que resultaria se nada fosse rotina e cada ação envolvesse decisões conscientes. Segundo a autora, o comportamento isocrástico é adquirido por uma aprendizagem mecânica e de imitação. O estilo é uma ferramenta ativa usada nas estratégias sociais, e deve ser entendido dentro do contexto mais amplo de identidade pessoal e social alcançado através de comparação. Precisamente porque o estilo é mais frequentemente usado para dizer o que não pode ser expresso verbalmente (Wiessner, 1985, p. 161). Aqui é ressaltado o processo cognitivo que tem uma base comportamental, fundamental na identificação pessoal e social através de estilística e comparação. Estilo não é adquirido e desenvolvido através da duplicação ou da rotina de certos tipos de padrão, mas através de comparação dinâmica de artefatos e atributos sociais correspondentes de seus criadores.

Shanks & Tilley (1988) discordam nesse mesmo ponto de Sackett. Para os autores, na variação isocrástica não há espaço para o significado social, além de ser uma expressão habitual da etnia. Esta variação evita explicitamente qualquer consideração de seu significado, porque para Sackett (1985) o estilo simplesmente acontece como produto de processos de hábitos e socialização.

Hegmon (1992, p. 521) aponta que numa comparação transcultural, a questão da visibilidade e da distância social varia com o tipo de informação transmitida estilisticamente. Quando ela é materialmente visível apenas no âmbito privado, é mais provável que estejam sendo transmitidas mensagens sobre sistemas rituais ou de crenças. Enquanto que, quando ela é altamente visível, muitas vezes isso indica fronteiras entre grupos étnicos.

---

<sup>10</sup> Emblêmico envolve a existência de diferentes referentes e transmite mensagem reconhecida sobre a divisão do mundo social em grupos distintos com fronteiras. Assertivo não tem distinção clara de significado e é em grande parte uma questão de expressão pessoal (Dietler & Herbich, 1988).

Coloque um tijolo em algum lugar em Londres. Imagine que Londres represente a totalidade das relações e práticas sociais existentes em uma sociedade pré-histórica. O tijolo representa a evidência arqueológica da qual temos que extrapolar para chegar a uma compreensão da totalidade social passada. Obviamente, a variabilidade no tijolo é de vital importância se vamos entender alguma coisa. No entanto, para muitos arqueólogos, parece que até mesmo nosso tijolo solitário no centro de Londres é muito variável e complicado, tanto que generalizações de alto nível devem ser empregadas para reduzir ainda mais o tijolo a alguns fragmentos por meio da operação de certos martelos metodológicos. Um dos mais poderosos desses martelos - o martelo da função - já foi discutido acima e é frequentemente combinado com outra ferramenta ainda mais poderosa, o martelo da generalização transcultural que finalmente consegue reduzir nosso tijolo a finas partículas de poeira. Londres parece estar perdida (Shanks & Tilley, 1988, p. 95).

Como é percebido na citação acima, Shanks & Tilley mantêm uma posição distinta de Hegmon quanto à questão transcultural. E de fato a colocação de Hegmon sobre a visibilidade da distância social variando em relação a informação transmitida estilisticamente é muito generalista e deveria ser vista mais em relação ao contexto arqueológico. São críticas válidas, mas o contato social tem potencial para afetar o estilo dependendo da história, do contexto cultural e da natureza das relações (Wiessner, 1985).

Concordo com Sackett ao refutar o estilo como decoração em favor de uma concepção mais realista da natureza inter-relacionada dos atributos da cultura material (Dietler & Herbich, 1988). Mas existe uma questão que é tanto política quanto teórica em concordar que os estilos nas cerâmicas são passivos e desprovidos de intencionalidade. Uma das linhas que esse trabalho tem seguido é a agência dos cativos sobre sua vida material e simbólica. Adotando-se que esse é apenas um processo cognitivo de representação eu anulo a agência dos escravizados, e dissocio o contexto histórico social em que essas relações estão acontecendo. Esse grupo de pessoas não é qualquer grupo aleatório, é um grupo subalterno, de escravizados, dentro de uma sociedade escravista e em nenhum momento isso pode ser esquecido ou dissociado do contexto arqueológico, muito menos das cerâmicas. Essas considerações são importantes para a segunda parte do quarto capítulo, onde essa discussão de estilos se junta com a discussão dos resultados da análise cerâmica.

## 2.2 Miscigenação, criouliização e o *habitus*

Diversas teorias foram elaboradas para interpretar os fenômenos de hibridação étnica e cultural que resultaram do encontro de grupos variados (Parés, 2005). Durante no século XIX teorias evolucionistas acabavam por escalonar as culturas entre primitivas e aquelas que eram as mais desenvolvidas a partir de uma visão eurocêntrica. Algumas teorias, como a da criouliização, avançaram no sentido de dar o protagonismo para grupos que antes eram subjugados e entender esses encontros como interações que dão margem a ressignificações e conseqüentemente, resistência. O conceito de criouliização é uma das ferramentas teóricas que mais influenciaram a historiografia a respeito das culturas afro-americanas, dando ênfase à criatividade e à plasticidade das culturas criadas pelos africanos e seus descendentes na América (Marcussi, 2009).

Para abordar as cerâmicas artesanais e utilitárias busca-se no *habitus* de Bourdieu a coexistência de distintas instâncias de valores culturais e referências identitárias. Dessa forma busca-se entender as agências da comunidade que habitava a senzala e produzia cerâmica frente às relações de poder produzidas por uma sociedade colonial.

### *Miscigenação*

Karl von Martius na década de 1840, afirmou que a chave para se compreender a história brasileira residia no estudo do cruzamento entre as três raças formadoras da nossa nacionalidade: o branco, indígena e o negro. Naturalista e botânico pensava o “hibridismo racial” da mesma forma que racionalizava o cruzamento de plantas ou animais. Nessas primeiras formulações, os portugueses protagonizaram a formação da nacionalidade brasileira (Vainfas, 1999).

O final do século XIX e início do XX foi marcado por projetos de cunho nacionalistas que estimularam uma homogeneidade cultural. Nos modelos evolucionistas vigentes a miscigenação racial era indesejada e levava à degradação. Os intelectuais oscilavam entre a adoção de modelos deterministas e a verificação de que o Brasil, por todo o seu processo histórico, é um país miscigenado (Schwarcz, 1994). “Afinal, em um momento em que se redescobria a mesma nação, era como obstáculos à civilização barreiras à identidade nacional que os grupos indígenas,



africanos e mestiços eram incorporados” (Queiroz, 1989, p. 32 in Schwarcz, 1994, p.139).

E o resultado foi, no plano historiográfico, uma interpretação completamente míope da própria escravidão e a omissão dos cruzamentos culturais ensejados pela colonização. A miscigenação étnica ou racial ficou, como tema, condenada ao ostracismo e ao estigma, identificada às malsinadas posições de Freyre, que apesar de “reacionárias” politicamente não deixavam de ser absoluta vanguarda em termos intelectuais desde os anos de 1930 (Vainfas, 1999, p. 9).

A temática da miscigenação não foi bem abordada até a década de 30 quando obras como *Casa-grande e senzala*<sup>11</sup>, *Formação do Brasil contemporâneo*<sup>12</sup> e *Raízes do Brasil*<sup>13</sup> foram lançadas (Vainfas, 1999, p.6). A partir de Freyre o africano é colocado como portador de uma cultura que influencia a religião, culinária e linguagem do mundo colonial, da mesma forma que o indígena, este último, porém, em uma menor escala. Apesar disso, são inúmeras as críticas a forma romantizada com que Gilberto Freyre lidou com essa temática, sem abordar diretamente questões como o preconceito racial (Vainfas, 1986). Ele foi revolucionário por romper com o pensamento evolucionista e racista e destacar a contribuição cultural desses componentes para a formação brasileira, não mais em uma perspectiva de degradação, mas de originalidade.

O mito das “três raças” parte do princípio de experiências de concessões, mas com uma das raças sendo superiores as outras, apagando ou minimizando relações de poder. Ideologicamente o processo de miscigenação português funcionava segundo um padrão duplo: “os outros absorvem traços (e sangue) português, os portugueses não absorvem nada de ninguém – a não ser produtos culturais tidos por inócuos e consumíveis, como comida ou música” (Almeida, 2004, p. 10).

Assim a mestiçagem e miscigenação foram sendo incorporados pelos discursos de identidade nacional. Mais tarde, durante o período ditatorial, foi amplamente usada à interpretação Freyriana de identidade brasileira como resultado de um empreendimento humanístico hibridizante (Almeida, 2004).

---

<sup>11</sup> Freyre, Gilberto. 1933.

<sup>12</sup> Prado Jr., Caio. 1942

<sup>13</sup> Buarque, Sérgio. 1936.

A forma como a temática de miscigenação foi trabalhada ao longo desses anos apresenta problemas muito significativos. É preciso ter em mente que “a miscigenação e a emergência de formas de cultura mista ocorreram, sobretudo como efeitos colaterais, não como resultado de uma decisão política” (Almeida, 2004, p. 5). Não foi algo institucionalizado, mas um processo inevitável e dos mais variáveis resultados.

Por todo esse histórico, a miscigenação pode ser utilizada dentro de discursos equivocados. Ao tentar ressaltar uma cultura de origem mestiça, além de homogeneizar um processo que é muito plural, tendem a apagar um quadro de desigualdade de “raça”, classe e gênero. Por mais que tenha existido todo esse processo de trocas étnicas, não se pode embaçar o contexto de violência, estupro, doenças, destruição de etnias, deslocamento de população e escravização. Para trabalhar com essa temática é necessário adicionar o fator resistência e a noção de grupos sociais que eram subalternos dentro da sociedade colonial. Da mesma forma que são necessários questionamentos em relação à ideia de identidade desses grupos.

### *Crioulização*

Em 1968 o jamaicano Kamau Brathwaite foi o primeiro a definir o processo de crioulização. Para ele a crioulização era um processo cultural que se deu nos sistemas de *plantation* das colônias escravocratas. Ela envolvia uma “fricção criativa” de culturas que se adaptavam a um novo entorno mutuamente resultando na emergência de autênticas instituições locais de uma pequena tradição (Parés, 2005, p. 89).

O conceito de crioulização na formulação proposta por Édouard Glissant (2005), divide em três os perfis dos “povoadores” das Américas, o “migrante armado” com o intuito de conquistar e usando de armas para isso, o “migrante familiar”, como o grupo de civis que traz consigo as suas próprias tradições, e o “migrante nu”, que foi transportado à força para o continente e que constitui a base do povoamento (Glissant, 2005, p. 17).

Tivemos sim vários tipos de imigrações, mas as características dos imigrantes divergem significativamente, se é que podemos chamar o escravo africano de imigrante. Enquanto que o europeu (francês, italiano, português, alemães etc.)

“chegaram com suas canções, tradições de famílias, seus instrumentos, a imagem de seus deuses, etc.” (Glissant, 2005, p. 18) os africanos que foram trazidos como escravos:

[...] chegavam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade e mesmo despojado de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas ao navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e, sobretudo, de sua língua (Glissant, 2005, p. 19).

Essa posição assumida por Glissant é no enteando, controversa. O argumento de Glissant (2005) é que o africano através de rastros e resíduos criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, compôs línguas crioulas e formas de arte. Em contextos de escravidão, onde os componentes culturais africanos, negros e indígenas foram inferiorizados é necessário que os elementos heterogêneos se intervalizem (Glissant, 2005). Uma proposta “afrocêntrica” se opõe a essa ideia e sustenta que parte substancial das culturas afro-americanas não são uma criação americana, mas antes uma transposição. Dessa forma o que é identificado na América seriam tradições culturais africanas preservadas em sua forma original pelos escravos (Marcussi, 2009, p. 2). Um caso ocorrido na Bahia nas primeiras décadas do século XIX vai questionar a destituição da língua africana. Onde através da superioridade numérica de nagôs, conseguiu-se impor o ioruba como língua franca entre os africanos de Salvador (Parés, 2005).

É necessário ainda fazer uma observação sobre a ambiguidade semântica que o conceito de criouliização tem. Por um lado temos o processo de criouliização cultural relacionada à transformação das culturas africana no Brasil. A segunda é o processo de criouliização demográfica que faz referência ao aumento da população crioula (filhos de africanos nascidos na América). Embora ambos os processos sejam inter-relacionados eles não são necessariamente paralelos (Parés, 2005). Essa ressalva é importante, pois, quando é feita a referência a uma comunidade criouliizada a partir do século XIX na senzala da Fazenda do Colégio, esse dado está baseado em dados históricos de demografia de parentesco dessa comunidade. As questões de criouliização cultural são trabalhadas através das análises dos materiais arqueológicos e as discussões que foram feitas a partir deles.

As críticas afrocentradas apontam que o conceito de criouliização que enfatiza a criatividade cultural, minimiza a importância dos “africanismos” ou as transferências culturais diretas. “Apontaram para a persistência de certas orientações cognitivas ou ‘visões do mundo’ africanas que, como princípios ‘gramaticais’ subjacentes, teriam direcionado as escolhas e preferências dos africanos no processo de criouliização” (Parés, 2005, p. 89).

Mas não podemos perder de vista as relações de poder intrínseca a estrutura colonial. As culturas africanas tiveram de se transformar para enfrentarem um novo contexto social. Para que o conceito de criouliização possa ser aplicado devem ser consideradas as diferentes posições de poder embutidas em todas as relações interculturais (Cohen & Sheringham, 2013).

Mesmo que a ordem dominante, enquanto ordem econômica ou cultural possa ter definido espaços, produtos ou a língua, as práticas cotidianas, mesmo que de forma não intencional, transformaram e adaptaram os usos oficiais, de maneira a mudar gradualmente a balança do poder (Cohen & Sheringham, 2013). Dessa forma “[...] a criouliização como criatividade cultural pode ser ‘contra hegemônica’ e, talvez, silenciosamente ‘revolucionária’” (Baron e Cara, 2003, p.5 *in* Cohen & Sheringham, 2013, p.123).

No caso do Colégio dos Jesuítas, havia uma diversidade étnica, não apenas na tríplice africano-branco-índigena, mas diferenças intra-grupos da comunidade escravizada que também se articulavam, negociavam e talvez até se antagonizassem. “Em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas” (Hall, 2018, p. 84). Vale lembrar que a adaptação dos africanos não era apenas em relação aos europeus, mas à cultura etnicamente heterogênea da senzala (Parés, 2005).

Em discussões sobre a identidade de grupos diaspóricos, com ênfase em raça-etnia, argumenta-se que os processos híbridos ampliam o espaço da diferença. Em vez de focar em opostos com bases pré-estabelecidas.

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, norma e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação (Bhabha, 1997 *in* Hall, 2018, p.83).

A crioulização provocou uma mudança nos paradigmas utilizados pelos arqueólogos que se dedicavam a contextos afro-americanos. Começaram a ser levantadas questões de reapropriação da cultura material hegemônica a partir de seus próprios referenciais (Symanski L. C., 2014).

Novas abordagens como de Christopher Gosden (1999) trazem a materialidade para um novo nível de discussão. As relações sociais não acontecem apenas entre humanos, mas com as coisas também. As relações são sempre materiais e sociais ao mesmo tempo. Dessa forma, a cultura material não fica relegada apenas a um detalhe da vida social. Começamos a enxergar a criação de relações sociais através de meios materiais, os objetos tornam-se agentes sociais, e suas propriedades formais e contextos, se tornam importantes (Gosden, 1999).

Buscamos então fugir da velha dicotomia entre material e mental, os artefatos são marcados com os despojos e hábitos de sua criação, emprego e abandono. Os estudos arqueológicos com bases teóricas mais integradas oferecem o potencial para falar de arranjos sociais que abrigavam esses objetos. Podemos oferecer um contra discurso expondo a realidade vivida em contraste com as representações oficiais. O artefato é colocado de maneira a transcender os modelos mentalistas e materialistas (McCall, 1999).

Como foi dito acima as práticas cotidianas e a vida social das comunidades são importantes na transformação das relações de poder, tendo a possibilidade de através da agência sobre a cultura material adaptar as regras oficiais. A possibilidade então de trabalhar com objetos do cotidiano de grupos cativos, produzidos e utilizados dentro da comunidade, nos abre uma janela para essas relações sociais. Isso acontece através da materialidade, considerando que os artefatos também participam como agentes sociais dessas relações. Os elementos que caracterizam a cerâmica do Colégio dos Jesuítas num primeiro plano nos mostram as decisões e ações desses grupos em relação à sua cultura material.

### *O habitus*

Pierre Bourdieu procurou desenvolver uma alternativa entre o objetivismo (estruturalismo) e o subjetivismo (agência) (Ritzer & Gindoff, 1994). O estruturalismo construtivista de Bourdieu é uma abordagem integrada. Leva em conta que mesmo os mais estritos intercâmbios ritualizados, onde os momentos de

ação e seus desdobramentos são rigorosamente previstos, há espaço para estratégias. Os agentes permanecem no comando no intervalo entre os momentos obrigatórios e podem, portanto, atuar sobre seus adversários brincando com o ritmo da troca (Bourdieu, 1977, p. 15).

O *habitus* de Bourdieu (1977) é um princípio generativo que produz práticas que tendem a reproduzir regularidades imanentes às condições da produção do seu princípio gerador. Essas práticas só podem ser vistas relacionando-as à estrutura objetiva que as definem, representando um estado particular dessa estrutura (Bourdieu, 1977, p. 78). As práticas podem ser abandonadas ou improvisadas de acordo com disposições comuns. As regras tendem a produzir *habitus* que sejam capazes de gerar práticas reguladas sem normatização expressa ou qualquer apelo institucionalizado (Bourdieu, 1977).

O *habitus* envolve um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), isto é, como princípio de geração e representação que são adquiridos nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência). O *habitus* é uma fonte de estratégias “sem ser o produto de uma genuína intuição estratégica”. Não é nem subjetivista nem objetivista, mas combina elementos de ambos (Ritzer & Gindoff, 1994, p. 11; Setton, 2002, p. 63).

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O *habitus* é uma subjetividade socializada (Bourdieu, 1992, p. 101). Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam (Setton, 2002).

Mostra assim que as “regras costumeiras” preservadas pela memória do grupo são elas próprias o produto de um pequeno conjunto de esquemas que permitem aos agentes gerar uma infinidade de práticas adaptadas a situações infinitamente variáveis, sem que esses esquemas sejam constituídos como princípios explícitos. Dessa forma a construção do *habitus* permeia a coexistência de distintas instâncias de valores culturais e referências indentitárias.

Para Bourdieu a maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre *habitus* e uma conjuntura. Assim, as estratégias são parte inconsciente do *habitus*, como ação prática estimulada por determinada situação história (Setton,

2002). Proponho então trazer essa reflexão para o campo de uma sociedade colonial escravocrata. Durante o primeiro capítulo foquei nessa conjuntura, nas disposições dessa estrutura colonial e alguns dos condicionantes impostos. No próximo capítulo, onde entrarei nos dados e resultados, o que foi proposto através da análise da cultura material da comunidade escravizada é perceber um sistema de disposições construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências.

O conceito de *habitus* de Bourdieu (1977) também tem seu papel na discussão sobre estilo em cerâmicas arqueológicas. Esse assunto será tratado mais profundamente no capítulo quatro, mas ressalto que seguirei a linha de que o estilo deve ser visto como resultado de uma gama de características de respostas a escolhas técnicas, formais e decorativas, interligadas e realizadas em todas as etapas de uma caída operatória, entendendo a cultura material como um fenômeno social, incluindo o processo de continuidade e inovação das suas trajetórias. Então a questão é entender os fatores que condicionam essas escolhas, as suas inter-relações e efeitos recíprocos, considerando os artesãos como atores sociais e a produção e uso desses objetos como uma atividade social (Dietler & Herbich, 1988). Assim o foco da análise é o estilo material como algo intencionalmente colocado, a fim de sinalizar a identidade de grupo.

A comunidade escravizada no Colégio dos Jesuítas estava dentro de uma condição histórica e social específica. Essas pessoas estavam inseridas dentro de uma estrutura colonial e expostas a normas sociais impostas pela forma como essa sociedade foi estruturada. Ainda assim, existe uma dinâmica na trajetória social dessa comunidade, transpassada por uma variabilidade espacial e diacrônica dos materiais cerâmicos. Ela é permeada por estratégias e práticas nas quais e pelas quais os agentes reagem, adaptam-se e resistem.

### 2.3 Métodos na análise das cerâmicas coloniais da Fazenda do Colégio dos Jesuítas.

A análise foi focada nas cerâmicas de produção local (acordeladas e modeladas). Os fragmentos cerâmicos menores que 2 cm não foram considerados, pois o alto nível de fragmentação poderiam produzir tendências na amostragem final, sendo apenas quantificados. Para as demais peças foram feitas análises técnico-

funcionais buscando identificar as características desses conjuntos e as escolhas técnicas feitas por ceramistas. Também foi abordada a variabilidade da cerâmica tanto espacialmente quanto diacronicamente.

No estudo quantitativo foi utilizada uma ficha de análise com 27 atributos preenchidos numa tabela do Excel, buscando reconhecer as características mais recorrentes no conjunto estudado. Essa ficha foi aplicada às cerâmicas dos três contextos da senzala (áreas NE, SE e NW), permitindo assim a realização de comparações entre essas amostras a fim de identificar a variabilidade tanto numa escala diacrônica quanto espacial. Dessa forma foram levantados dados relativos às técnicas de manufatura e possíveis funcionalidades.

Primeiramente se realizou a identificação das peças: **número da peça, área/setor, sondagem/quadrícula, nível.**

O quinto elemento é relativo à **categoria/classificação** do objeto, ou seja, qual parte/ porção do recipiente se está analisando: borda, base, parede, não identificado, com apêndice, rolete ou bolota de argila, fragmento de fuso, fragmento de cachimbo, forma completa (mais de 50%).

A **espessura do fragmento**, com o auxílio de paquímetro, foi medida na porção mais espessa da peça. Essa característica auxiliou no entendimento do porte do objeto em associação com a composição da pasta, o que pode indicar algumas das escolhas técnicas empregadas na confecção dos vasilhames. O **peso** também foi um atributo considerado, o que nos permitiu ter parâmetros para comparar o volume dos materiais analisado.

Para a **composição de pasta** foram considerados os antiplásticos de origem mineral, quartzo, mica, hematita, feldspato, areia e também o caco moído (chamote) e carvão. Foi levado em consideração o **diâmetro do antiplástico** (muito fino <1 mm; fino 1-2 mm; médio 2-5 mm; e grosso 5-10 mm) e a sua **frequência** (até 5%; 5 a 15%; 15-30% e mais de 30%). A medição do tamanho foi feita através de paquímetro, enquanto que a identificação do antiplástico e de sua frequência na pasta cerâmica foi feita com o uso de lupa digital. Para a estimativa da frequência do antiplástico na pasta cerâmica foi utilizado como parâmetro um gráfico produzido por Mathew, Woods e Oliver (1991).



O décimo primeiro atributo se trata da **técnica de manufatura** (acordelada, modelado, em placas) e depois a **queima**. Esta última altera a característica da cor, dureza e textura da pasta (Moraes, s/n). Baseada nessa observação macroscópica de diferenciação de coloração a queima foi categorizada como: redutora, oxidante, oxidante com núcleo redutor, redutora com núcleo oxidante, redutora na parte interna, redutora na parte externa e queima irregular.

Relacionada à etapa de acabamento foram considerados o **tratamento da superfície interna e externa** podendo ser ausente, alisado, brunidura<sup>14</sup>, resina, barbotina, engobo vermelho, engobo branco e banho<sup>15</sup>. Mesmo que pela literatura clássica seja feita uma diferenciação entre essa etapa e a de decoração (La Salvia & Brochado, 1989) aqui se entende que o processo de acabamento pode estar relacionado também a uma escolha estética tanto quanto funcional, visto que cada escolha exige processos diferenciados e em consequência um resultado final específico que pode gerar apreciações diferentes do vasilhame cerâmico.

Com relação às **decorações plásticas**, estas dizem respeito à “modificação tridimensional da superfície da parede de uma vasilha com a argila ainda moldável e anterior a queima” (La Salvia & Brochado, 1989, p. 35). Inspirado no trabalho dos autores, os atributos elencados foram o corrugado, inciso, ponteadado, acanalado, exciso, escovado, corrugado, serrungulado, espatulado, roletado, ungulado, estocado, digitado, nodulado, dígito-ungulado, imbricado, beliscado, estampado, estriado<sup>16</sup>.

A **decoração cromática** diz respeito à utilização de pigmentação da decoração da cerâmica sendo elas: ausente, vermelho, branco, preto, vermelho sobre fundo branco, preto sobre fundo branco, preto sobre fundo vermelho, branco sobre fundo vermelho, vermelho sobre fundo preto e vermelho e preto sobre fundo branco. E se for constatada a presença de decoração, a **localização da decoração** no corpo cerâmico: borda, bojo, lábio, base, todo vasilhame.

---

<sup>14</sup> Brunidura – ela está associada a duas técnicas. Na primeira, as peças são polidas durante a secagem, e após a queima são impregnadas com certos tipos de vegetais e aquecidas para atingir a coloração preta. E a outra é através da aplicação de resina, passada na superfície da peça enquanto ela ainda está quente (MORAES). Neste trabalho serão consideradas as duas técnicas, sendo que não necessariamente a cerâmica deva apresentar coloração enegrecida para ser considerada barbotina.

<sup>15</sup> Para os demais atributos ver Chmyz 1976.

<sup>16</sup> Para uma maior descrição das características de cada tipo de decoração plástica, ver La Salvia & Brochado (1989, p. 35-36).

Com relação à **morfologia da borda** usa-se a classificação de Chmyz (1976): direta, expandida, entrovertida, reforçada internamente, dobrada, reforçada externamente, cambada, contraída, vasada, introvertida, inclinada internamente, inclinada externamente. Sobre a **inclinação da borda** ela “determina a amplitude da boca do vaso em relação ao corpo” (Moraes, p.16). Essa inclinação será medida com a ajuda de um transferidor e a informação será em graus: 0-30°, 30-60°, 60-90°, 90-120°, 120-150°. O **tipo de lábio**, extremidade da borda, é dividido em plano, arredondado, apontado, biselado, serrilhado ou dentado. Como referência será utilizada a prancha de Chmyz (1976, p. 185). O **Diâmetro de borda** nos fornece dados sobre as dimensões que esse vasilhame tinha, para a sua inferência se utiliza um ábaco sobre superfície plana. Também é considerada a porcentagem existente da borda (inferior a 5%; de 5 a 10%, superior a 10%) o que nos indica a fiabilidade desse dado. E por último, a **abertura da borda** em restrita e não restrita em relação ao corpo do vaso.

**Tipo de base**, “a parte inferior, de sustentação do vasilhame” (Chmyz, 1976, p. 178). Sendo os tipos: plana, côncava, plano-convexa, em pedestal, anelar, cônica, tríпода, tetrápoda, polípoda. Para aferir a essas formas, utiliza-se a ilustração com as referências de Chmyz (1976, p. 179).

As **marcas de uso** foram separadas em: ausente, abrasão<sup>17</sup>, depósito carbonizado na superfície interna, depósito de carbonizado na superfície externa, fuligem na superfície externa, descamação na parte interna, oxidação por queima na superfície externa. Essas marcas podem nos dar informações sobre a forma como esses vasilhames estavam sendo usados.

O **estado de conservação** também foi colocado para indicar quando existem fatores que estão influenciando na leitura de material, dificultado a cauterização de alguma das categorias apresentadas aqui. Todas elas apresentam a possibilidade de não leitura visto que as características do fragmento não podem assegurar que certa característica não está presente. Assim as opções são: não erodido; ambas as faces totalmente erodidas; ambas as faces parcialmente erodidas; face interna totalmente erodida; face interna totalmente erodida; face externa totalmente erodida; face

---

<sup>17</sup> Provocada por algum utensílio ou ferramenta, não sendo contabilizadas as marcas provocadas por processos pós-deposicionais.

externa parcialmente erodida; face interna parcialmente e face externa totalmente erodida; face interna totalmente erodida e face externa parcialmente erodida.

A **classificação funcional** é a última categoria de análise e vai relacionar a forma do vasilhame com a sua função. Outros aspectos como as marcas de uso também foram relevantes para a definição da função. Como é comum às análises cerâmicas, nem todos os fragmentos serão passíveis de identificação. Ela se dará principalmente através das bordas, marcas de uso, tratamento de superfície, decoração e o contexto deposicional (Rice, 1987). Foram estabelecidos cinco grupos: armazenagem<sup>18</sup> (talhas e jarros), cocção<sup>19</sup> (panelas, tigelas, caçarolas), preparo de alimentos a frio<sup>20</sup> (tigelas e caçarolas), serviço e consumo<sup>21</sup> (pratos, copos e tigelas), e transporte<sup>22</sup> (talhas) e ainda outra funcionalidade caso seja identificado algo que não se encaixe nas descrições acima.

O que foi apresentado até agora está relacionado à caracterização da amostra baseada em propriedades mineralógicas e a característica de manufatura. Esses traços somados as projeções de bordas conformaram tipos de vasilhames. Na discussão sobre a variabilidade baseado nesses tipos, fez-se a distribuição e comparação entre as áreas. Um dos métodos usados para comparar as áreas foi o cálculo de agrupamentos estatísticos multivariados empregados em uma análise de cluster. As análises estatísticas têm sido uma tendência na síntese de massas de dados complexos e em testar hipóteses. Alguns estudos de cerâmica arqueológica vão nessa linha com abordagens diferenciadas como a proveniência de matéria-prima (Rice & Saffer, 1982); comparação de forma e área de decoração de cerâmicas (Fernández, 2002); e a utilização de *cluster* para discutir variabilidade cerâmica (Wheat, Gifford, & Wasley, 1958).

Para entender o perfil da diferença entre as áreas (apresentado no capítulo 3) foi feita uma análise estatística (*cluster*) e uma análise multivariada (*correspondence analysis - CA*). Esta é um método de ordenação para dados de contagem,

---

<sup>18</sup> Apresentam formas restritas, boca modificada para verter, alças para suspensão ou transporte (RICE, 1987, p. 238).

<sup>19</sup> Redondas, cônicas, globulares, geralmente, formas que não apresentam ângulo, paredes finas e resistência a choques térmicos (RICE, 1987, p. 238).

<sup>20</sup> Abertura não restrita, formatos simples (RICE, 1987, p. 238).

<sup>21</sup> Abertura não restrita, com fácil acesso, geralmente com asas e bases planas para estabilidade (RICE, 1987, p. 238).

<sup>22</sup> Formas restritas com apêndice, leves e que permitam o empilhamento (RICE, 1987, p. 238).

possibilitando a comparação entre associações. Na montagem dos gráficos e análise dos resultados, contou-se com a consultoria da Professora Caroline Borges<sup>23</sup>.

A análise de *Cluster* “opera numa matriz N x N de valores de similaridade ou dissimilaridade (distância) representando cada possível par de entidades em comparação com variáveis p. Os clusters são formados por varredura da matriz para entidades mais semelhantes e juntando-as, ou subdividindo sucessivamente” (Rice & Saffer, 1982, p. 399). Os dados qualitativos são tratados com relativa facilidade. Esse estudo que era direcionado para tratamentos taxonômicos, começou a se adaptar para o estudo comparativo de cerâmicas. Com os tipos estabelecidos, cada um com sua própria constelação de variedades, é possível um método de identificação e designação de variedades (Wheat, Gifford, & Wasley, 1958).

A análise de correspondência (*correspondence analysis - CA*) é uma análise de dados para tabelas de duas ou de múltiplas entradas. São muito úteis para trabalhos exploratórios onde existem poucas hipóteses prévias. Essa análise foi proposta por um físico-matemático na década de 60, mas só na década de 80 com o desenvolvimento dos computadores que esse tipo de análise foi expandido para um maior número de usuários (Fernández, 2002).

A CA foi, portanto, concebida como uma técnica estatística para analisar diferentes tipos de tabelas. A mais interessante para este trabalho é a tabela com medidas de correspondência que entre as filas e colunas mede as informações em níveis de semelhança, afinidade, confusão, associação, interação e distancia (Fernández, 2002).

O *software* utilizado nas análises foi o *Past*, um *software* livre para análises com funções que efetuam estatísticas univariadas de pares de proximidades, e de correspondência, entre outros cálculos. Ressalta-se que as análises estatísticas por si só não explicam o fenômeno que está sendo estudado. Os dados devem ser contextualizados, estudados pelo investigador, para, com base nos mesmos, formular explicações consistentes.

---

<sup>23</sup> Caroline Borges é zoológica e bolsista de pós-doutorado (PNPD-CAPES) na Universidade Federal de Pelotas. Tem mestrado em Quaternário e Pré-história pelo Muséum National d’Histoire Naturelle (Paris, França) com bolsa integral do programa Erasmus Mundus da União Européia e período de intercâmbio na Universidade de Rovira i Virgili (Tarragona, Espanha) e doutorado em zoológica realizado na École Doctorale "Sciences de la Nature et de l’Homme: évolution et écologie" do Muséum National d’Histoire.

Ao final, como conclusão a este segundo capítulo, buscou-se como referências trabalhos da década de 60 e 70 no país. Apesar da contribuição dessas pesquisas, são necessário avanços analíticos dessa perspectiva inicial para que se deixe de lado uma explicação pré-determinada do registro arqueológico, muitas vezes condicionada pelo uso exaustivo das tradições cerâmicas. Neste trabalho optou-se por substituir o termo de cerâmica Neo-brasileira por cerâmica de produção local (adotando aqui a terminologia de Zanettini, (2005)). Dessa forma acredito que as possibilidades analíticas e de interpretação fiquem mais abertas e ainda com mais possibilidade de abordar a complexidade de relações entre os diferentes grupos da senzala e as cerâmicas.

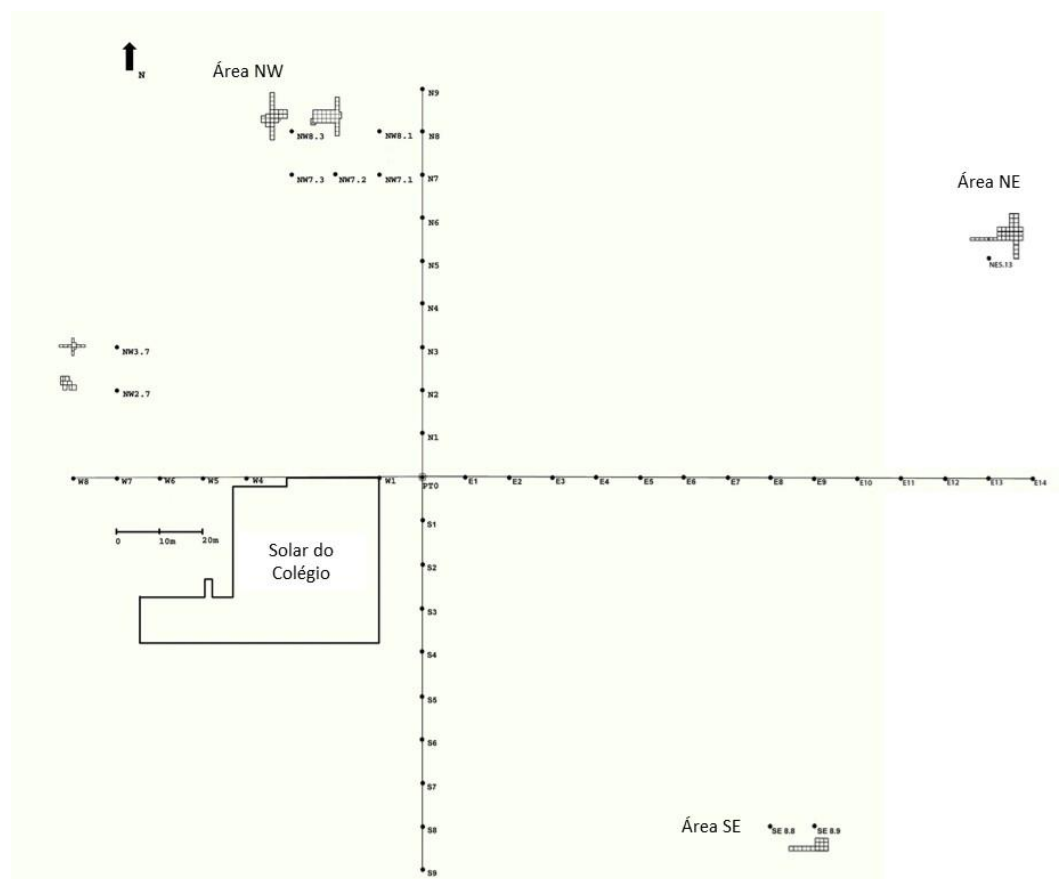
### **3. O conjunto cerâmico do Colégio dos Jesuítas**

Nessa parte do texto serão apresentadas as análises realizadas sobre o conjunto cerâmico do sítio Colégio dos Jesuítas. É uma contextualização das intervenções e da cronologia do sítio arqueológico, seguido por uma apresentação das características gerais que são comuns a maior parte da amostra como: queima; antiplástico; espessura; técnica de manufatura; entre outros. Em seguida as projeções dos potes cerâmicos a partir das bordas, e também das poucas bases, que foram encontradas na amostra. Depois será discutida a variabilidade dessas formas tanto numa escala diacrônica, quanto espacial.

Durante a análise uma questão levantada foi à variabilidade das asas na amostra. Elas foram classificadas de acordo com o processo de manufatura e resultado final. Identificaram-se três grupos de asas, que foram distribuídos espacial e diacronicamente. Também serão apresentadas as cerâmicas com decoração, compostas por poucos fragmentos, mas incidentes num período específico dentro da cronologia da senzala e justamente numa época em que a amostra se apresenta mais diversificada.

#### **3.1. Contexto arqueológico e histórico das intervenções**

Os materiais analisados são resultado das escavações feitas na proximidade das linhas da senzala no Colégio dos Jesuítas. As escavações aconteceram no ano de 2012 (Área NW), 2014 (Área SE), e 2016 (Área NE). Foi utilizada como ponto zero a quina NW do solar. A partir desse ponto o sítio foi dividido em quatro quadrantes, com um eixo no sentido N-S e o outro E-W e a partir delas foram nomeadas as áreas de intervenção.



**Figura 5. Distribuição das áreas de intervenção tendo o Solar do Colégio com referência. Fonte: (Symanski & Gomes, 2014)**

Uma parte importante para as discussões da variabilidade da cerâmica é entender a distribuição espacial dessas áreas de escavação assim também a cronologia das áreas de deposição verificando por áreas contemporâneas e anacrônicas. Para estabelecer a sequência deposicional do material Symanski aplicou a Fórmula para a Datação Média de Louças, proposta por Stanley South (1972), e os princípios do *terminus post quem* e *terminus ante quem*<sup>24</sup> aos níveis, camadas e feições identificados nas diferentes áreas.

A primeira campanha contemplou a área NW, referente à “extremidade noroeste de uma grande senzala em conformação de U que ficava de frente para a sede, cujas extremidades originalmente ultrapassavam a linha da parede frontal da sede da fazenda em aproximadamente 10 metros, formando uma praça de cerca de

<sup>24</sup> *Terminus post quem* (a data depois da qual). Esse gênero de datação consiste em considerar a data inicial do artefato de produção mais antiga presente na amostra como a data mais recuada para o início da formação do depósito arqueológico. Os arqueólogos se utilizam do princípio do *terminus ante quem* (data antes do qual), o qual considera o término de ocupação de um sítio pela ausência de artefatos típicos de uma época posterior àqueles encontrados. Segundo Deetz (1977, p.16-17) o princípio do *terminus ante quem* deve ser usado com ressalvas, visto que um grande número de fatores podem ser considerados para explicar a ausência de um determinado tipo de artefato num sítio.

200 x 250 metros” (Symanski & Gomes, 2014). A escavação foi realizada em quadrículas de 1m x 1m, com níveis artificiais de 10 em 10 cm. Apresenta um intervalo de deposição entre 1790 a 1860. Não foram feitas representações da estratigrafia dessa área pois, não houve variação estratigráfica. A área de escavação 8.1/8.2 foi identificada como local de deposição de refugio primário, correspondente ao local onde a população escravizada exercia suas atividades diárias, conforme indicado por uma estrutura de fogueira contornada por restos alimentares osteomalacológicos e fragmentos de louças e cerâmicas. A área 8.3 foi utilizada pelo mesmo grupo para a deposição de refugio secundário (Sugimatsu & Symanski, 2015; Sugimatsu, 2012), dado que a análise comparada entre as duas áreas de escavação não demonstrou diferenças significativas entre os materiais exumados.

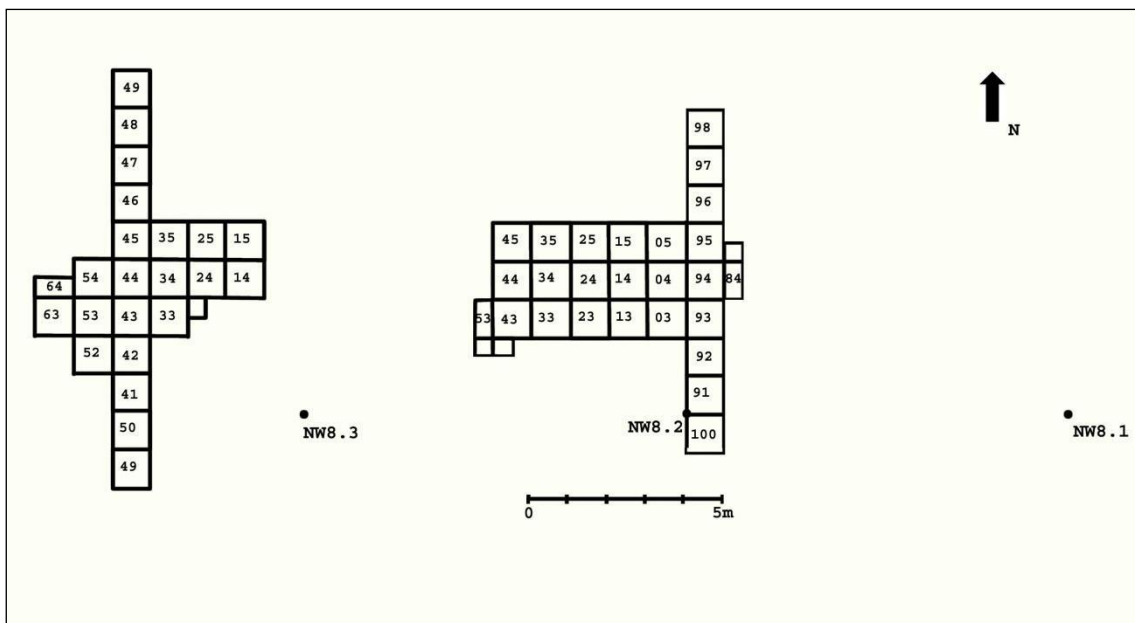


Figura 6. Detalhe da área NW, com as distribuições de quadricula entre os setores 8.3 e 8.2.

Existe uma paridade entre espessura dos fragmentos, diâmetro das bordas, classificação dos fragmentos e marcas de uso. Como exemplificado nos Gráficos 1 e 2, existe uma proporção entre as duas áreas. Isso pode estar relacionado aos processos de utilização dos vasilhames cerâmicos mais espessos na área de atividade, de modo a serem descartados nesse local de atividade primária, em vez da área de deposição. O único contraste foi a quantidade de fragmentos cerâmicos, sendo a maior a concentração na 8.1.



Gráfico 1 Classificação dos fragmentos NW.

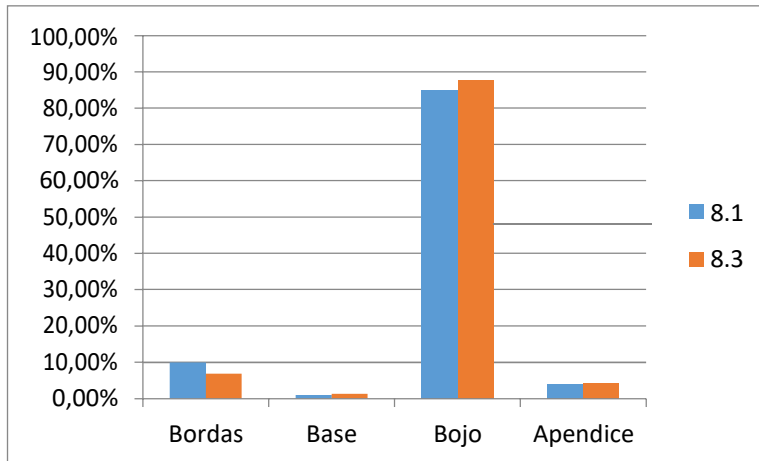
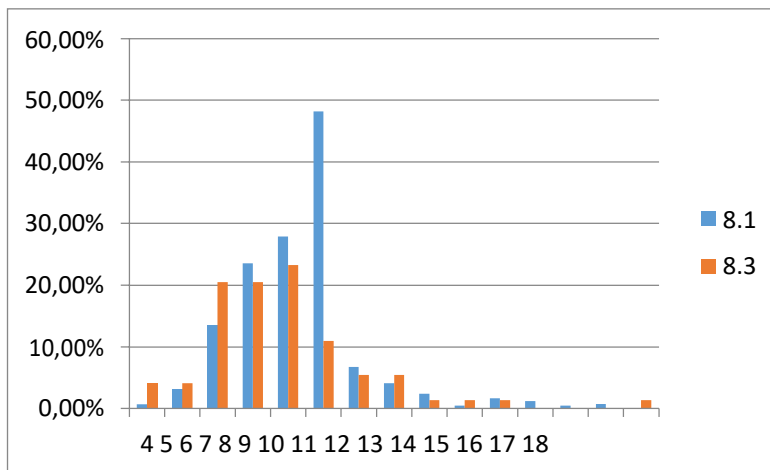


Gráfico 2 Espessura dos fragmentos NW



Na segunda etapa de campo no ano de 2014 referente a área SE, foi aberta uma área de escavação imediatamente atrás do arruamento da senzala a sudeste, a cerca de 100 m do solar. A cinquenta centímetros de profundidade foi identificada uma mancha preta, referente a uma estrutura de deposição de refugo, sendo aberta uma quadra de 3x3 m para evidenciá-la (setor 8.9) aqui já tem que referir a figura 6. Esta estrutura de deposição foi escavada no sedimento argiloso e preenchida com refugo, incluindo uma grande quantidade de material orgânico. Sua profundidade máxima foi de 1 m. Os níveis superiores dessa área, até 30 cm de profundidade, apresentaram um intenso revolvimento do solo decorrente da ação do arado e da intensa ocupação da área, que se deu até 1980 (Symanski, No prelo). Esta área apresentou um intervalo de deposição entre 1835 (mancha preta) e 1980 (níveis superiores com ação do arado e ocupação recente).

A cronologia da área 8.8 e das quadras 6 e 16, principalmente nos níveis superiores (0-30 cm) apresenta uma estratigrafia confusa com materiais de diferentes

períodos misturados. Isso está relacionado ao impacto sofrido pela área no arado como também da ocupação constante que chega até as ocupações recentes.

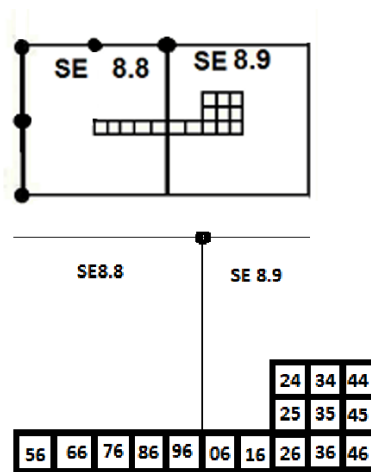


Figura 7. Divisão de setores dentro da área SE. Fonte: (Symanski & Gomes, 2014).

Para a variabilidade dos atributos tecnológicos e morfológicos, foi decidido excluir os níveis superiores dessa área. No entanto, para a variabilidade de projeção das bordas essas camadas foram mantidas justamente para provocar o contraste entre os períodos de deposição e principalmente com os períodos mais recentes e os que se aproximam da abolição desses grupos escravizados. Além de ser interessante observar que a deposição desse material segue processos peculiares dependendo da área trabalhada. Um exemplo é que níveis de mesma profundidade das áreas SE e NW contemporâneas aos níveis da NE não seguiram o mesmo padrão de deposição.

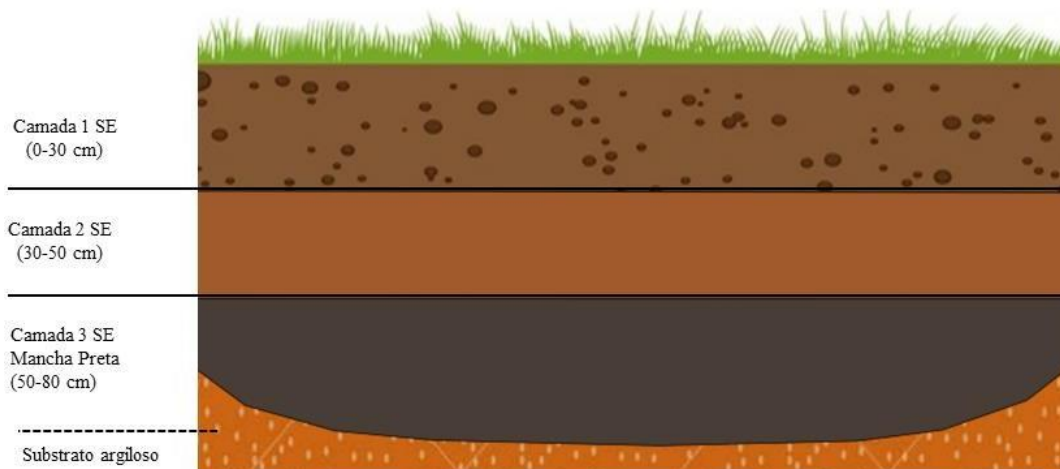
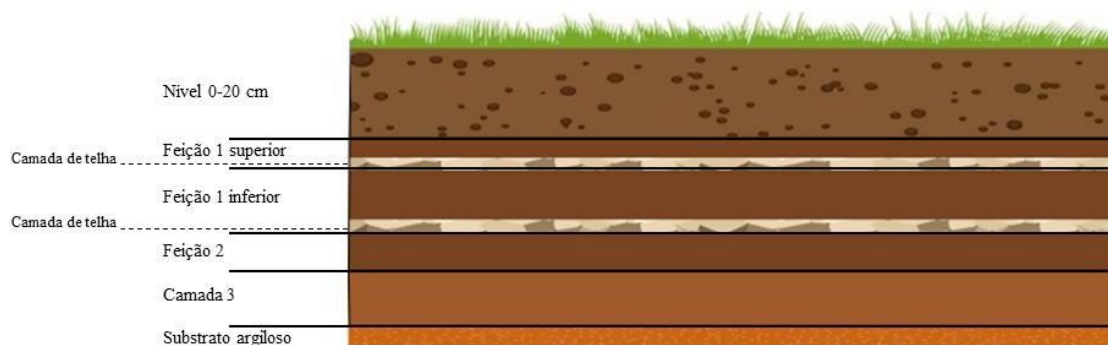


Figura 8. Estratigrafia da do setor 8.9 da área SE. Fonte: autora.

A terceira etapa referente à área NE foram escavadas 28 quadriculas de 1x1 e 7 quadriculas de 1x0,5 m. A escavação iniciou por níveis artificiais, mas aos 20 cm foi encontrada uma feição com deposição de material coberta por telhas. Dessa forma a escavação prosseguiu escavando essas feições entremeadas por outra camada de telhas, e a última camada de deposição de material, até que se chegou ao substrato argiloso característico da região. O período de deposição do material foi do início do século XVIII (Camada 3) a 1930 (Nível superior).



**Figura 9. Representação da estratigrafia da área NE. Fonte: autora.**

Como podemos perceber com os períodos de deposição do material, o Colégio se destaca por uma ampla cronologia com mais de 200 anos de ocupação de uma comunidade escravizada e que perpassa por diferentes períodos, iniciando-se com os jesuítas, prosseguindo com a coroa portuguesa, por proprietários particulares, até ser tombada em 1980. Isso permite que os atributos cerâmicos sejam contrastados em uma ampla escala temporal. Mas há também entre as três áreas períodos que são contemporâneos, o que nos dá margem para uma análise da variabilidade espacial sincrônica dessas cerâmicas nos diferentes espaços da senzala.

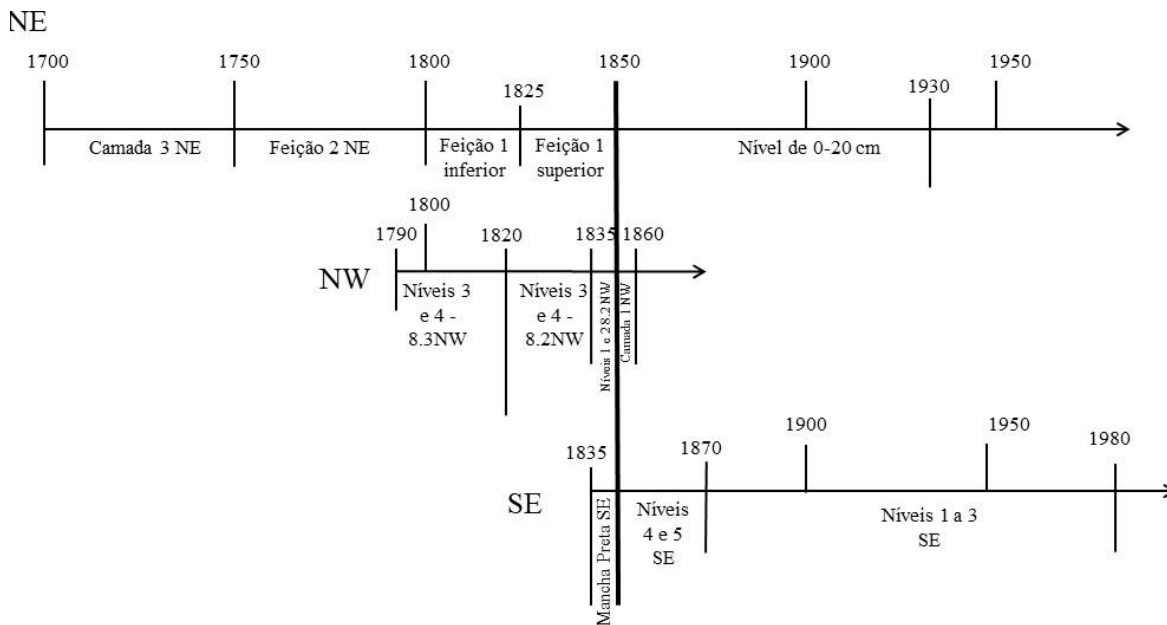
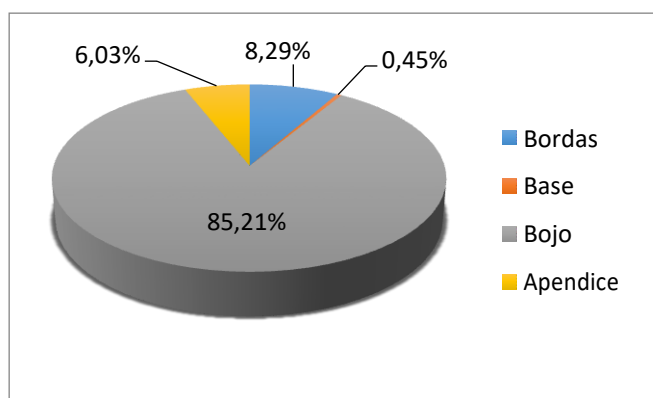


Figura 10. Intervalo de deposição das áreas NE, NW e SE. Fonte: autora.

### 3.2. Resultados gerais da análise cerâmica

Foram analisados 1842 fragmentos cerâmicos, 486 provenientes do setor SE, 516 do setor NW e 840 do NE. Dessa amostra 55,24% (n=1014) apresentam queima redutora. Em sua maioria, 85,21% (n=1571) são fragmentos de bojo, seguido por 8,29% (n=152) de bordas e 6,03% (n=110) de fragmentos com apêndices. Pouquíssimas bases foram encontradas correspondendo a 0,45% (n=9).

Gráfico 3. Classificação dos fragmentos (n=1842).



Chama a atenção o escasso número de fragmentos de base. É comum que a incidência de fragmentos de bojo seja maior afinal essa é a maior área dos vasilhames, geralmente. Mas o que acontece para a mostra cerâmica do Colégio é

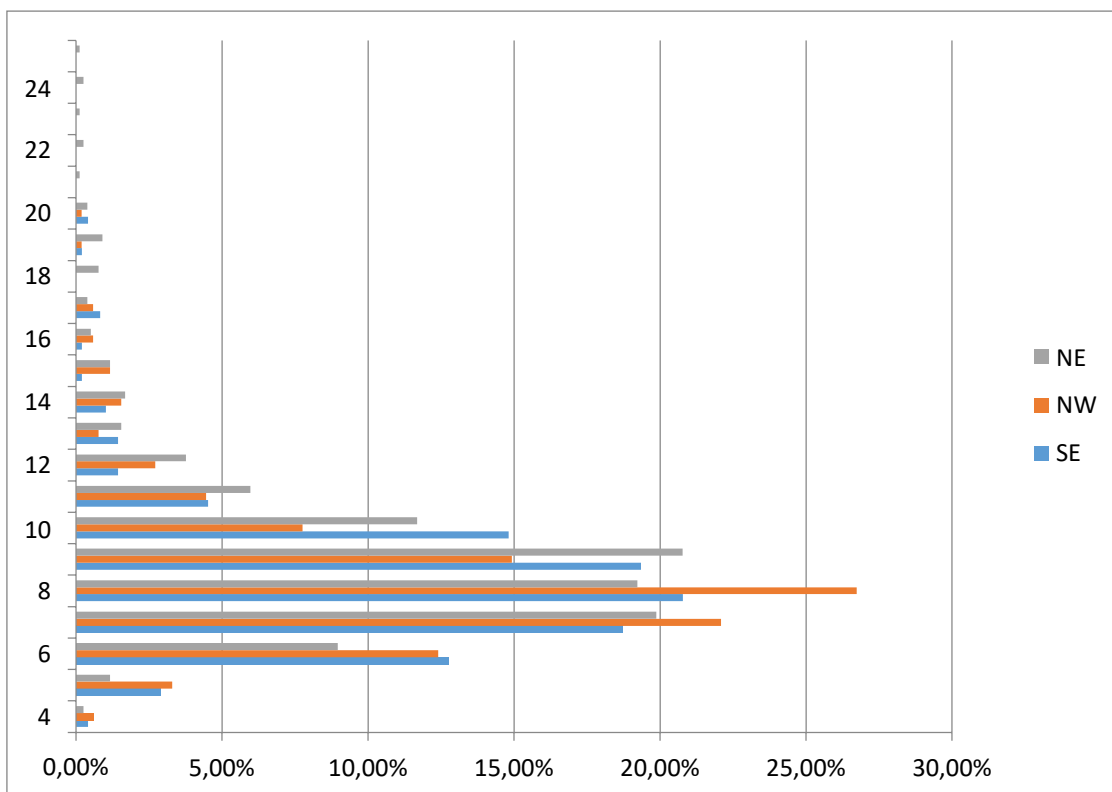
muito desproporcional. As bases identificadas são todas planas e estão, em sua maioria na área NW (7 bases), enquanto que as áreas SE e NE apresentaram apenas uma base cada.

A técnica do acordelado foi predominante na amostra: 98,55% (n=476) de SE; 97,86% (n=500) de NW; 91,55% (n=764) de NE. Apenas no setor NE que a porcentagem de cerâmicas modeladas é um pouco maior que nas demais com 8,44% (n=70). Nesta área as cerâmicas em questão possuem algumas peculiaridades. Uma delas é um conjunto de fragmentos que serão tratados na projeção de vasilhas (Formas 19 a 21) por serem um tipo particular que destoa de toda a amostra. Outros fragmentos (Figura 11), dentro desse conjunto dos modelados, apresentam um aspecto e um tratamento muito irregular em relação às outras peças. É possível que elas tenham sido utilizadas dentro de um processo de aprendizado, até mesmo por serem peças pequenas.



**Figura 11. Exemplos das cerâmicas modeladas encontradas na área NE. 1. Dois fragmentos de borda. 2.3. Fragmentos de borda e 4 fragmento do que aparenta ser um apêndice.**

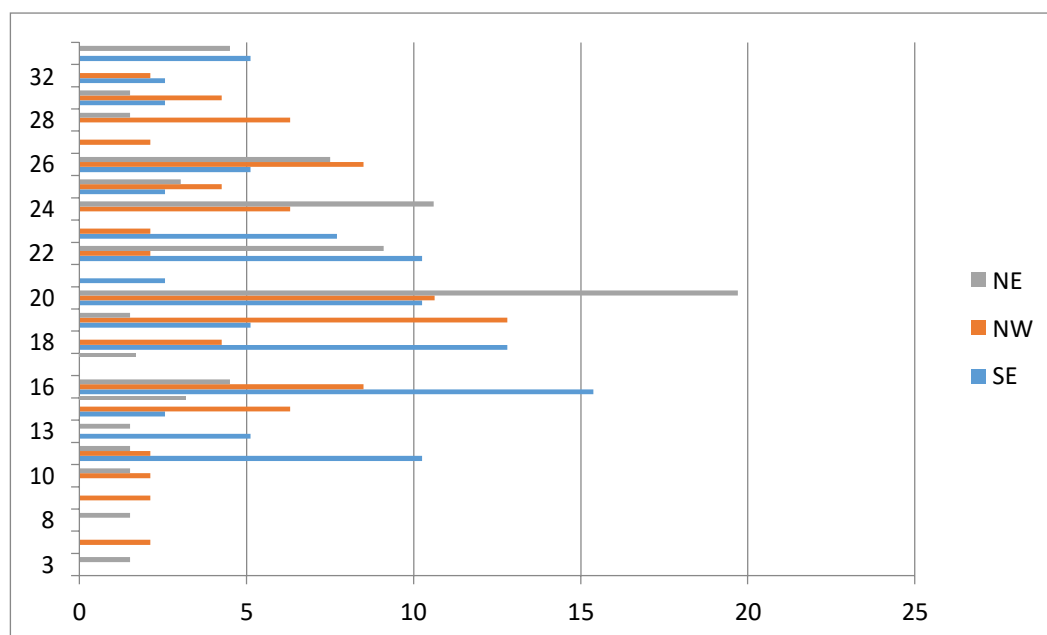
Gráfico 4. Porcentagem de distribuição dos fragmentos analisados pela Espessura (mm) (n=1842).



A maior parte dos vasilhames apresenta espessura da parede entre 6 e 11 mm (Gráfico 4). Os fragmentos com maior espessura em sua maioria foram identificados junto a aplicações como asas. Mas é interessante observar que a maior diversidade de espessuras está relacionada à área NE. Mais adiante serão apresentadas as projeções de borda e a suas distribuições. Na área NE parece haver uma repetição das morfologias, mas em variados tamanhos o que indica que a mesma morfologia poderia estar sendo usada para diferentes funções.

Os diâmetros das bordas que ficam em sua maioria entre 15 a 30 cm (apenas 3% das abordas apresentam diâmetro maior que 30 cm), esses fatores somados às espessuras encontradas dos fragmentos pode indicar um padrão por recipientes de médio porte. Na área SE 48,6% da amostra está entre 18 e 23 cm, e nenhum dos potes tem dimensões menores que 12 cm. Já nas áreas NE e NW há uma maior variedade nos tamanhos dos vasilhames. Na NW 46% da amostra tem diâmetro de borda entre 16 - 24 cm. Na NE 49% está entre 20-26 cm, mas os diâmetros encontrados variam entre 8 – 36 cm.

Gráfico 5. Diâmetros de borda (n=134). Coluna vertical com os diâmetros de borda em centímetros e linha horizontal com os valores de porcentagens.



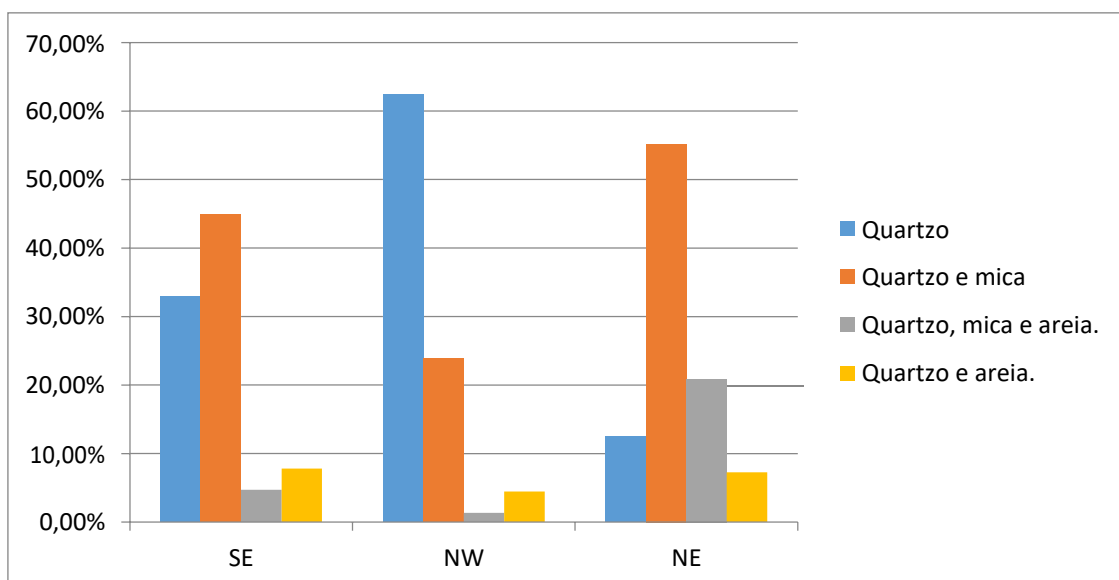
Com relação à composição da pasta, quase cem por cento da amostra apresenta quartzo, em sua maioria combinado com a mica e em menor proporção a hematita, areia e o carvão. O Gráfico 6 mostra a relação dos componentes identificados pra cada área. Para ficar mais ilustrativo, as porcentagens menores que 5% não foram consideradas no gráfico. É possível notar que na área NE há uma incidência maior mica, que está presente em 79,16% (n=663) na amostra, em relação a 28% (n=144) da amostra da NW e 56,14% (n=272) da SE.

Campos dos Goytacazes é um tradicional polo de produção de cerâmica no estado do Rio de Janeiro. A grande maioria da sua produção esta relacionada a materiais construtivos como tijolos e telhas. A abundância de argila nessa região é devido aos sedimentos transportados pelo rio Paraíba do Sul no quaternário, que forma a planície delta-aluvial. (Amaral, Vieira, & Monteiro, 2016). Atualmente, no Município de Campos são encontrados basicamente cinco tipos de argila. Nelas existe uma variação com índices maiores e menores de areia. Estudos de mineralogia (Vieira & Monteiro, 2003; Vieira & Pinheiro, 2011) das argilas da região apontam uma composição mineralógica similar entre os tipos de argila, sendo observados o quartzo e a mica em todas as amostras.

Tanto a mica quanto o quartzo são de elevada abundância, sendo este último um dos minerais com maior profusão na crosta terrestres. O quartzo possui grande resistência química e um baixo coeficiente de expansão térmica, isso confere a ele

uma excelente estabilidade térmica assim como resistência a choque térmico (Guzzo, 2008). A mica é um silicato de baixa condutividade térmica, mas também apresenta resistência a mudanças abruptas de temperaturas (Calvacante, Baltar, & Sampaio, 2005).

**Gráfico 6. Composição das pastas cerâmicas analisadas (n=1772).**

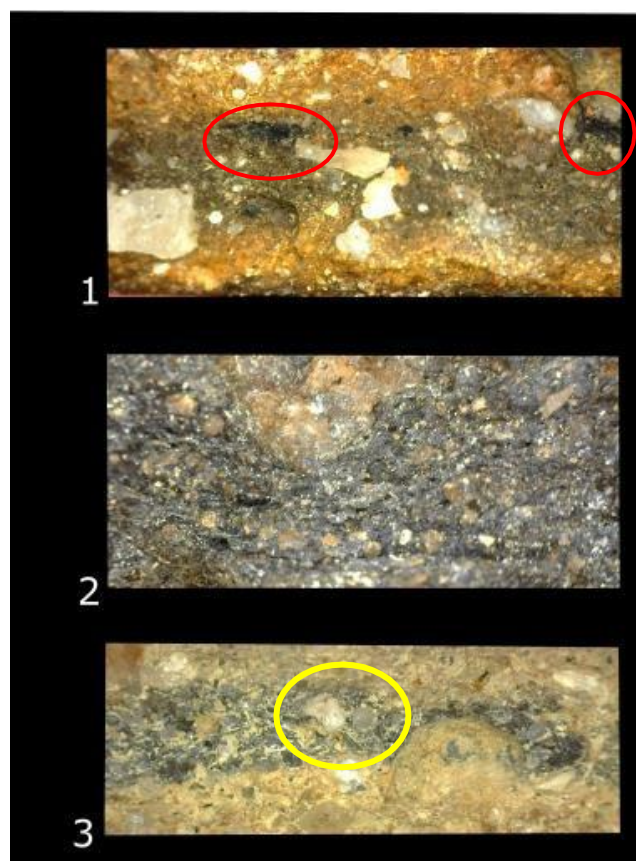


No Gráfico 3 podemos notar que existe uma diferença nos percentuais de mica na pasta cerâmica, onde ela está ausente nas pastas representadas pelas colunas azuis e amarelas. A mica é um mineral muito pequeno quando encontrado na argila, sendo impossível retirá-la o que pode ser um indicativo de que mais de uma fonte de argila pode ter sido utilizada para a confecção dos vasilhames. Ou seja, a composição do antiplástico está longe de ser uniforme entre as áreas, o que parece indicar que as peças foram produzidas por diferentes ceramistas. A NE tem outro aspecto relevante que é a proporção bem maior das cerâmicas com quartzo, mica e areia. Há dois aspectos que se destacam na NE: maior diâmetro de borda e predominância acentuada da mica. O primeiro diz respeito a peças maiores, talvez vinculadas a núcleos familiares maiores no século XVIII e o segundo as escolhas tecnológicas.

Na figura 12, estão exemplificadas as pastas cerâmicas de três fragmentos oriundos da área SE. Na primeira imagem, circulado em vermelho, é possível observar resquícios de carvão, que foi pouco incidente na amostra, em apenas 4,34% dos fragmentos. Na imagem 2, um fragmento de queima redutora com quartzo e



mica, de maior incidência nos setores SE e NE. E na imagem 3, circulado em amarelo, quartzo no fragmento de queima oxidante com núcleo redutor.



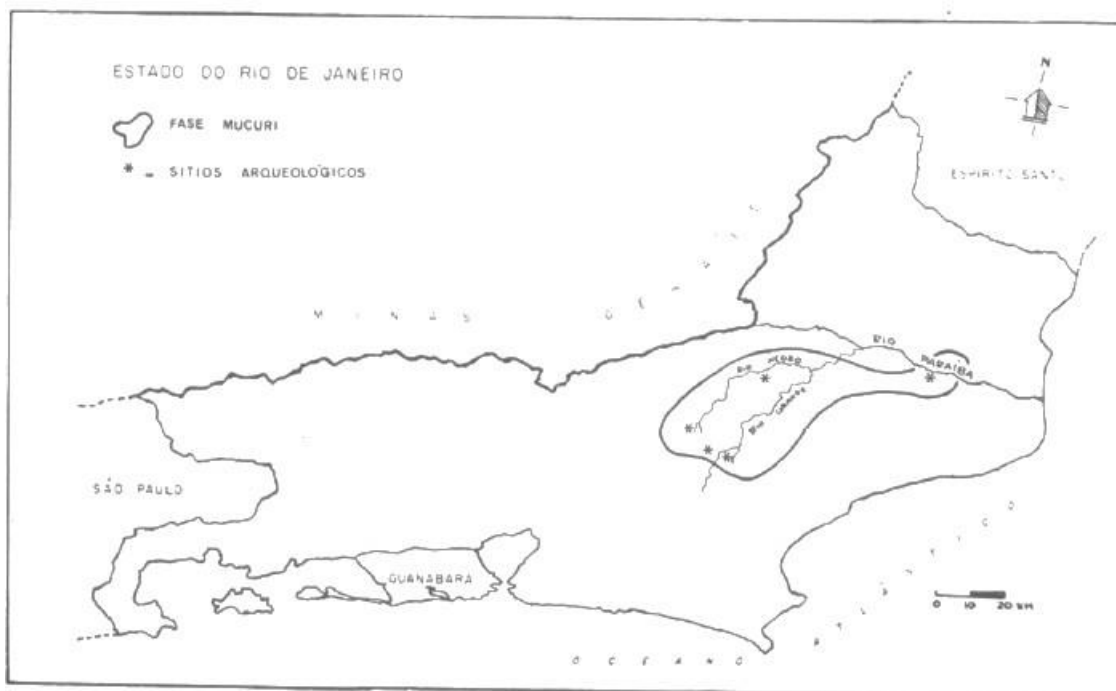
**Figura 12. Detalhe aproximado 50x da pasta dos fragmentos cerâmicos. Fotografia tirada com o microscópio digital portátil.**

A área NW é que apresenta a menor incidência de mica na composição da pasta, como demonstrado na Tabela 2. Isso indica que as cerâmicas das diferentes áreas foram provavelmente produzidas com diferentes fontes de argila. Apontando assim para uma diversidade de ceramistas na comunidade ou para a aquisição diversificada no comércio.

**Tabela 2. Porcentagem de antiplástico na pasta cerâmica.**

	SE	NW	NE
Quartzo	32,92%	62,40%	11,42%
Quartzo e mica	44,85%	23,83%	57,50%
Quartzo, mica e areia.	4,73%	1,35%	20,00%
Quartzo e areia.	7,81%	4,45%	6,66%

Em arqueologia, um dos trabalhos mais sistemáticos de análise de cerâmicas na região de Campos dos Goytacazes foi realizado por Dias Jr. (2014; 1969). Em 1968, ainda dentro do PRONAPA<sup>25</sup>, ele publicou uma análise de material coletado no rio Paraíba do Sul, oriundo de cinco sítios cerâmicos. Esses materiais foram classificados na Fase Mucuri, dentro da Tradição Una. A fase Mucuri distribuiu-se entre a cidade de Campos e entre pelos seus dois afluentes, o Grande e o Prêto (margem direita) até a região de S. Sebastião do Alto e Trajano de Morais.



**Figura 13.** Mapa com o Rio Paraíba do Sul com seus afluentes. Os asteriscos sinalizam os cinco sítios identificados por Odemar Dias Jr. Fonte: Odemar Dias Jr. (1968).

A análise das cerâmicas realizadas por Odemar Dias Jr. (1968) demonstrou uma predominância do acordelado no método da manufatura e modelados em peças pequenas. O tempero predomina o quartzo, também o feldspato e a mica. Foi observada uma grande quantidade de peças com coloração negra, com tons acentuados para o cinzento. Os tratamentos das superfícies foram com as faces bem alisadas, quase polidas, sendo raras marcas. A decoração é exclusivamente plástica e ocorre em cerca de 20% dos fragmentos.

É interessante observar que o antiplástico dessa cerâmica oriunda do Sítio do Caju é muito semelhante a da amostra encontrada no Colégio. Isso pode se dar a uma

<sup>25</sup> O PRONAPA foi patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e Smithsonian Institution. Os Coordenadores científicos foram os professores Clifford Evans e Betty Meggers. Odemar Dias Jr. Foi responsável pelo Programa nos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Sul de Minas.

característica da região, o quartzo que é muito comum em amostragens de solo e a mica e feldspato que também são muito comuns a esse tipo de sedimento. É válido lembrar que Campos do Goytacazes tem uma mineralogia favorável a esse tipo de produção, sendo que até hoje, conforme informado, a cidade possui um polo cerâmico, sobretudo de material construtivo, que constitui uma de suas atividades econômicas mais importantes.

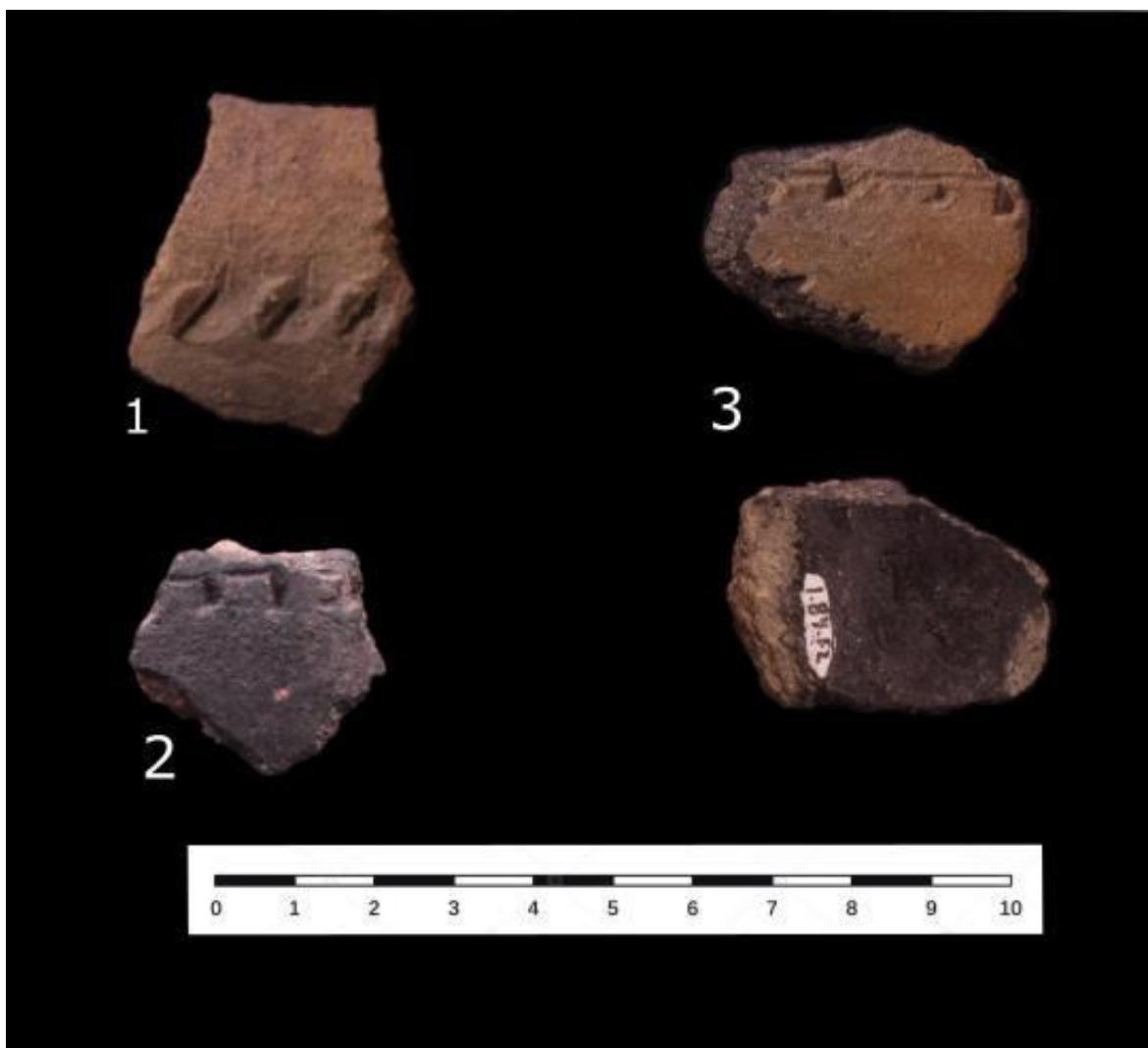
Voltando para a amostra cerâmica da Fazenda do Colégio, 20% dos fragmentos apresentaram marcas de fuligem e 62% das bordas foram associadas a vasilhames destinados à cocção. Dessa forma a amostra fica caracterizada por dimensões medianas e vinculada às práticas alimentares. Esses dados condizem com panelas de limitado volume no interior, e que poderiam ser utilizadas para produzir alimentos para grupos pequenos de pessoas (entre 4 a 6 indivíduos), o que dá margem para pensar nesses grupos como organizados em pequenos grupos familiares, e na própria questão da família escrava dentro da senzala.

### 3.3. Decorações

As decorações cerâmicas podem ter enfoques diferenciados. Uma possibilidade é a definição de estilos com ênfase na forma e técnicas com que são desenvolvidas essas formas na superfície cerâmica. Outras abordagens, até simultâneas a essa, consideram o simbolismo dessas manifestações estéticas. Neste trabalho, as decorações em si não serão muito exploradas, mas vistas como mais um atributo dentro da variabilidade dessa amostra.

As decorações plásticas estão delimitadas a um pequeno número de peças da amostra, apenas 1,20% de fragmentos (n=22). O que mais chama atenção em relação a elas é que esses fragmentos estão contidos a um espaço específico dentro da senzala, sendo encontradas apenas na área NE, e dentro de uma cronologia também específica: a feição F2. Ou seja, referente à segunda metade do século XVIII. Há ainda decoração ponteadada associada a cerâmicas modeladas de queima redutora no período 1825-1850. A exceção é o polido estriado, está presente na amostra em todas as áreas e ao longo do tempo.

A seguir serão apresentadas as decorações identificadas. Na figura 14 são apresentados três fragmentos com decorações diferentes, mas todas realizadas antes da cozedura do vasilhame. O fragmento 1 beliscado associado ao ungulado. Fragmento 2 com ungulado associado ao ponteadado e fragmento 3 com decoração incisa, com uma linha arrastada resultando um baixo-relevo associado ao ponteadado. No verso desse fragmento, também representada abaixo, há depósito de carbono. Pelo tamanho da peça não foi possível fazer a identificação do formato do vasilhame, mas o depósito de carbono é um indicio de que provavelmente se trata de um utensilio utilizado na cocção de alimentos.



**Figura 14. Fragmento 1. Beliscado associado ao ungulado. Fragmento 2. Decoração ungulado com ponteadado. Fragmento 3. Inciso com ponteadado e depósito de carbono na superfície interna. Fragmentos específicos da área NE nível F2 (segunda metade do século XVIII).**

O fragmento da figura 14 mostra uma decoração do tipo escovado, com marca de fuligem na superfície externa. Superfícies alteradas ou texturizadas como o

corrugado, além do seu teor estético, podem ter questões funcionais como aumentar a área de superfície do vasilhame, como também lhe conferir resistência a choques térmicos (Young & Stone, 1990), atributos úteis para peças cerâmicas utilizadas em contato com o fogo. Nesse caso é possível que o escovado também possa ter assumido essa função, uma vez que aumenta a superfície de contato da cerâmica.



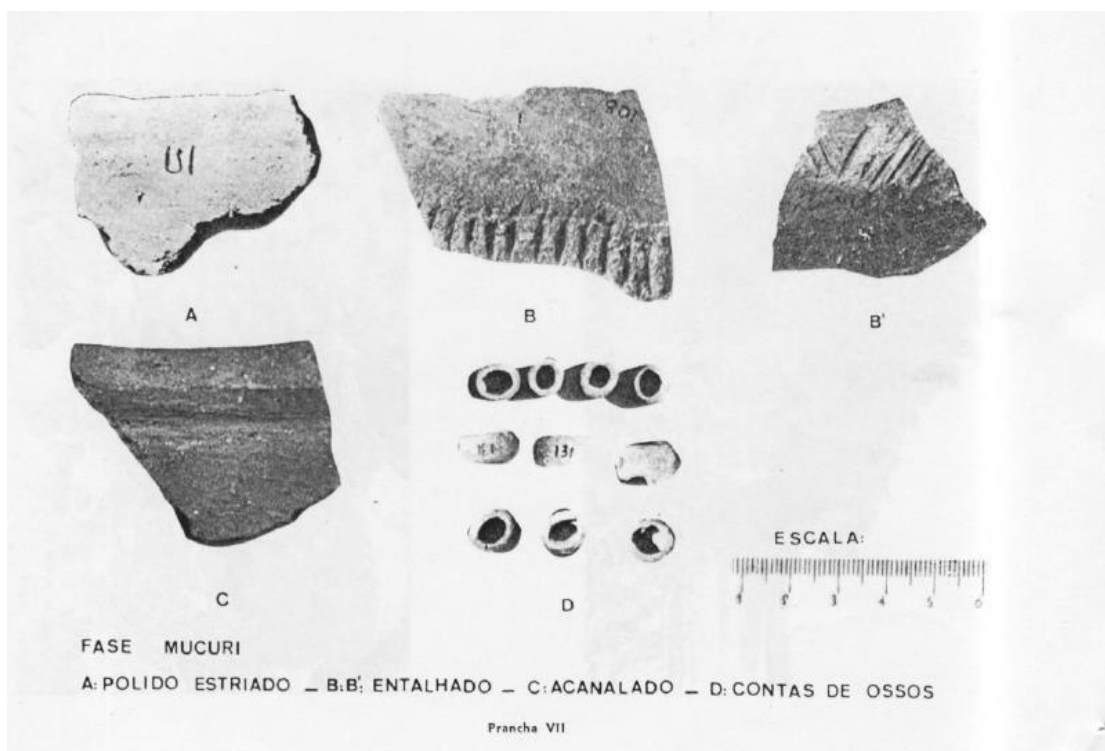
**Figura 15.**Decoração do tipo escovado, com a presença de fuligem na superfície externa.

O próximo fragmento decorado se trata de uma borda, sendo possível fazer a sua projeção que será apresentada na próxima parte do trabalho como Forma 17. Neste encontramos o beliscado na área do bojo próxima a borda. Na parte inferior e externa do fragmento é possível observar marca de fuligem.



**Figura 16.** Fragmento de borda com o beliscado. Especifico do nível F2, NE.

Trazendo mais uma vez a referência das cerâmicas escavadas no Sítio do Caju, a bibliografia (Dias Jr., 1969; Dias Jr. & Neto, 2014), coloca as decorações como muito raras, mas ainda assim elas existiam para as cerâmicas escavadas. No sítio referido acima foi identificado um vasilhame encontrado como acompanhamento funerário com o pescoço decorado com um corrugado simples. Para a fase Mucuri também foram vistas o polido estriado (também presente na amostra do colégio), o entalhado e o acanalado.



**Figura 17. Prancha com decorações da Fase Mucuri. Fonte: Dias Jr. (1969)**

As cerâmicas da Tradição Una, Fase Mucuri apresentam algumas semelhanças com as amostras do Colégio, presentes na pasta, na queima redutora (53,1%), e no tratamento de superfície polido estriado (Figura 18).



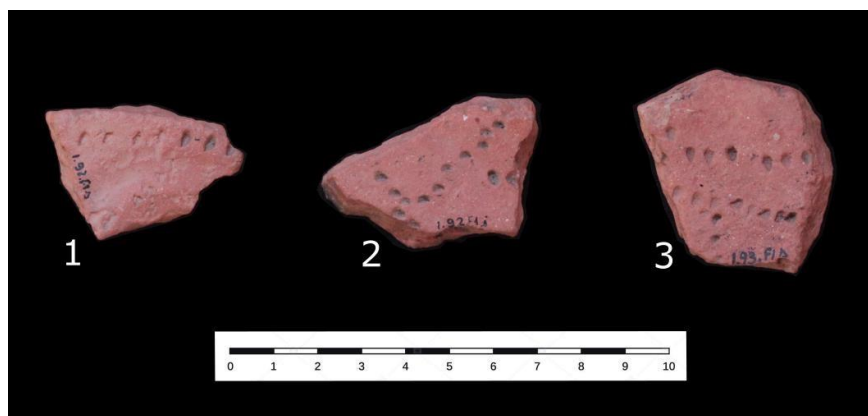
Figura 18. Fragmento de borda com o polido estriado. Área SE.

As similaridades, contudo, referem-se a alguns elementos da amostra, não sendo uma unanimidade. As técnicas que foram utilizadas na decoração plástica, como o ungulado e beliscado, são usadas em muitas tradições ceramistas pelo país. Outros estudos sobre as características gerais da tradição Tupiguarani no Rio de Janeiro apontam para a utilização do corrugado, escovado e até mesmo do polido estriado em sítios situados no Norte Fluminense, próximos ao Rio Paraíba do Sul, mas mais próximos à serra, ao contrário do Sítio do Caju que ficava mais próximo ao litoral. A fase das cerâmicas Tupiguarani identificadas na região e caracterizadas por Dias Jr e Panachuk (2008) dão conta de uma decoração tipicamente Tupiguarani ao lado do polido estriado, mas aplicada sobre vasilhames cuja tecnologia de fabrico, queima, espessura das paredes e até morfologia se aproxima do material característico da Tradição Una e em especial da vizinha fase Mucuri. Os autores observam que se trata de uma fusão de traços de origens tradicionais diferentes (Dias Jr. & Panachuk, 2008, p. 81).

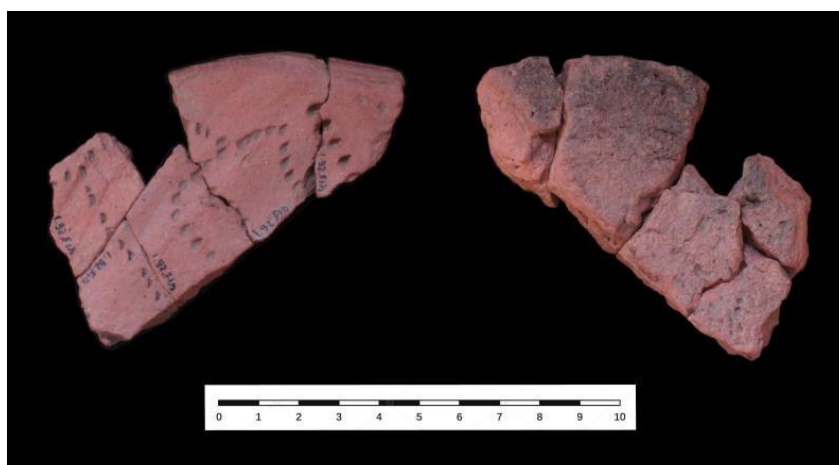
Enfim, se mesmo as tradições cerâmicas não são “puras” e apresentam traços e fusões que aconteceram em momentos pretéritos à colonização, não parece ser muito produtivo tentar rastrear essas possíveis origens. Mas o que é interessante é que essas decorações encontradas na Fazenda do Colégio parecem fazer referência, mesmo que distante, às trocas culturais com os indígenas.

Dentre as decorações identificadas há também os fragmentos com ponteados que parecem percorrer a superfície formando um traçado (figuras 19 e 20). Essa decoração é a única encontrada no século XIX, também no setor NE. São peças

planas, com a aparência de pratos, mas com a superfície externa rugosa e não alisadas. O número mínimo dessas peças, baseada nas morfologias das bordas, será apresentado na parte de projeções. Em contraste as outras decorações apresentadas, esse ponteadado não parece estar associado a uma herança indígena.



**Figura 19.** Fragmentos 1 e 3 do nível F1s (1825-1850) e fragmentos 2. do nível F1i (1800-1825).



**Figura 20.** Fragmento de borda frente com decoração ponteadada, e o verso. Específico do nível F1s 1825-1850, NE.

De forma geral, as peças apresentadas acima (figura 19 e 20), são morfologicamente muito distintas da amostra cerâmica aqui analisada. De queima oxidante, apenas 11,78% (n=215) e modelada com 4,5% (n=82) dos fragmentos, são os únicos que não apresentam tratamento na superfície externa e que são planos.



### 3.4. Asas

O apêndice é um acréscimo na superfície externa do vasilhame, podendo ter várias conformações como asas, alças e cabos, por exemplo (Dias Jr., 1988). Ou também como “saliência agregada à parte do recipiente, que pode ser interna ou externa. Este atributo engloba asas e suportes” (Scatamacchia, 2004, p. 297).

As asas são algo recorrente na literatura de cerâmicas históricas. Alguns trabalhos indicaram a sua presença nos conjuntos amostrais, mesmo que análises e descrições não tenham sido desenvolvidas, como no de Rodrigues (2011), Zanettini (2005), Moura & Allen (2015) dentre outros. Asas aparecem em publicações desde a década de 80 como no caso de Odemar Dias Jr. ao classificar as cerâmicas Neo-Brasileira. Nela as asas são “construídas em cordéis finos da pasta, são colocadas longitudinalmente na face externa” (Dias Jr., 1986, p. 6). E Chmyz (1976) classifica as asas como “apêndice compacto, destinado à suspensão do recipiente” (p. 122).

Alguns trabalhos mais recentes têm abordado, com um pouco mais de profundidade, essa temática. Um desses é o artigo de Souza & Lima (2017) que identificam uma grande incidência de asas na amostra cerâmica colonial do Rio de Janeiro nos séculos XVII e XVIII. No artigo, os autores ressaltam apêndices que permitiam uma melhor pegada dos recipientes graças a um contorno mais protuberante ou mesmo vazada. Outro trabalho que perpassa a questão das asas é o artigo de Panachuk & Carvalho (2010). Nele há um levantamento de termos do Tupi-Gurarani relativos a apêndices, mas nesse caso para a forma específica de pratos. Ressaltando a possibilidade de que poderia ter havido, antes do contato com o europeu, utensílios com apêndices.

No caso do Colégio dos Jesuítas os apêndices encontrados são fragmentos de borda ou bojo com asa ou então fragmentos de bojo com o negativo do que muito provavelmente era uma aplicação de asa ou alça. Do conjunto total de fragmentos analisados, 107 foram identificados com apêndices, 20,56% (n=22) correspondem ao setor SE, 20,56% (n=22) ao setor NW e 58,87% (n=63) do setor NE. A representatividade desses apêndices dentro da amostra total de cada setor é de 4,52% (n=82) em SE, 4,26% (n=78) em NW e 8,18% (n=150) em NE.

Para a análise a seguir foram selecionadas dentro desses fragmentos com apêndices aqueles que eram passíveis de se analisar os atributos. Os fragmentos

apenas com o negativo não foram considerados, até porque não se pode afirmar que o que estava aplicado ali de fato era uma asa. Assim como as que apresentam um tamanho pequeno e que dessa forma poderiam trazer falsos resultados por deixar de apresentar algum atributo. No total foram considerados 48 fragmentos que foram distribuídos em quatro grupos.

Os atributos observados são a forma de aplicação da asa no corpo cerâmico e as decisões que envolveram o seu acabamento, como também as decorações plásticas ou a ausência delas. Também foram observadas as espessuras das asas e dos fragmentos cerâmicos. Para tentar entender melhor esses atributos e até um pouco mais sobre o gestual que envolve a confecção das asas, contou-se com a colaboração da artista plástica e ceramista Laila Kierulff que deu contribuições valiosas para pensar esses fragmentos.

O primeiro grupo de asas possui na parte interior uma “costura”<sup>26</sup> utilizada na fixação do rolete cerâmico ao corpo do vasilhame. Essa costura consiste em linhas transversais a direção do rolete. Essa aplicação aconteceu enquanto o vasilhame estava úmido permitindo uma maleabilidade maior da argila. Dessa forma uma parte da argila da asa é arrastada em direção ao corpo cerâmico, sendo visível essa sobreposição em alguns dos vasilhames. Apesar dessa costura ter uma característica técnica de aplicação da asa, parece ter havido uma intenção de deixá-la à mostra, visto que outros tipos de asas na amostra apresentam alisamento. É possível que além desse quesito técnico a costura tenha um conteúdo estético, lembrando um pouco o aspecto de uma decoração acanalada, marcando a superfície com dedos, formando sulcos alongados.

---

<sup>26</sup> Termo utilizado pela Laila Kierulff para designar a aplicação de argila sobre o corpo cerâmico utilizando de incisões para promover uma maior aderência. Ela ainda chamou a atenção para o fato que depois de ser realizada a costura, esta é alisada o que não aconteceu em alguns dos fragmentos.



Figura 21. Fragmento 3.6.5 frente e verso.

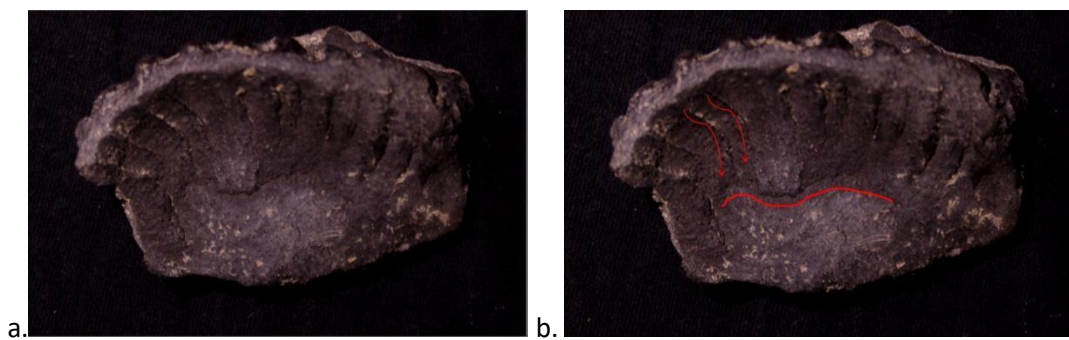


Figura 22. Fragmento 3.6.5 na imagem a. uma foto mais próxima da parte interna da asa. Imagem b. as setas vermelhas mostram o movimento de deslocamento da argila enquanto que a linha também em vermelho acompanha essa sobreposição da argila do rolete sobre o pote cerâmico. Fotos com luz rasante.



Figura 23. Fragmento 1.92.C3. Imagem a. mostra a face externa do fragmento enquanto a imagem b. mostra a face interna.



**Figura 24. Fragmento 1.92.C3. A seta esta destacando esse deslocamento de argila provocando uma sobreposição.**

Uma característica interessante que vale ser ressaltada do fragmento 1.92.C3 (NE) é que, desconsiderando o apêndice, a espessura do fragmento na parte superior é de 9 mm, enquanto que na parte inferior do fragmento a espessura é de 6 mm, ou seja, em vez do bojo engrossar no sentido da base, ele está afinando. A curvatura do fragmento parece apresentar um diâmetro de bojo de aproximadamente 33 cm. Um tamanho considerado grande dentro dessa amostra.

Associada às “costuras”, que estão presentes na parte inferior, há um beliscado na parte superior das asas. Amaral (2012) no seu trabalho de etnoarqueologia das cerâmicas históricas pernambucanas descreve o processo de produção destes vasilhames onde a asa é aderida na parede da cerâmica.

A ceramista pressiona entre o polegar e o indicador da mão, num movimento de beliscos sucessivos no sentido de dentro pra fora. E ainda com os dedos na mesma posição arrasta-os para dentro e pra fora num movimento repetido até que a asa esteja completamente alisada (Amaral, 2012, p. 166). Na descrição do autor esses beliscados aparecem na parte superior das asas. Sendo assim o beliscado também pode ter uma função de aderência da asa, mas mais uma vez há uma escolha por não fazer o alisamento e deixar esse beliscado aparente. Somado a isso, como será mostrado na Figura 30, em alguns casos o beliscado ainda é complementado por um unglado. Este tratamento plástico está

associado tanto a uma decoração quanto a técnica de fixação do rolete que constitui a asa.

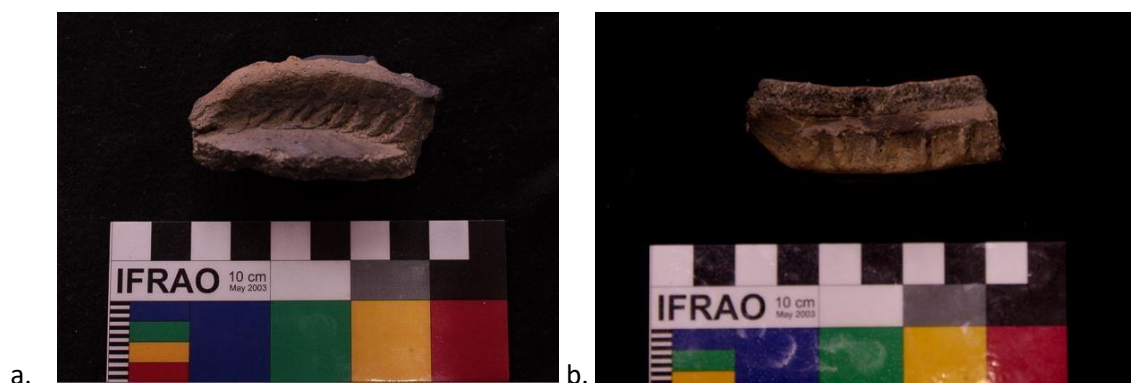


Figura 25. Fragmento 1.89.F2 (NE). Imagem a. mostrando a "costura" na parte inferior da asa. Imagem b. mostrando o beliscado na parte superior da asa. Fotos de luz rasante.



Figura 26. Fragmento 1.43.4 (NW).

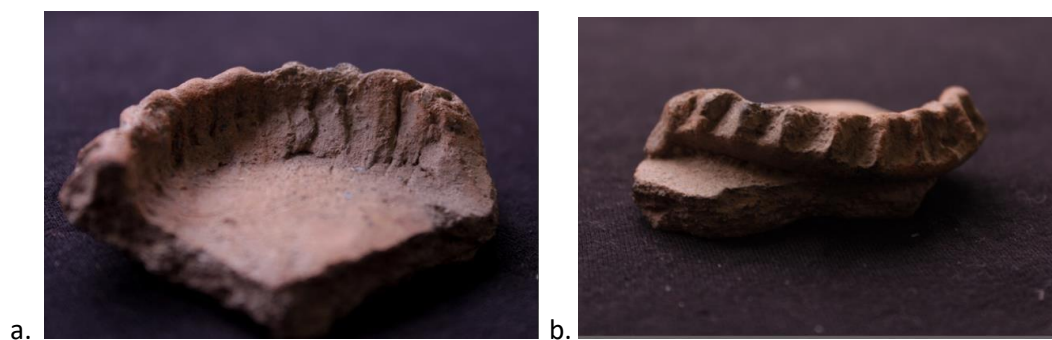


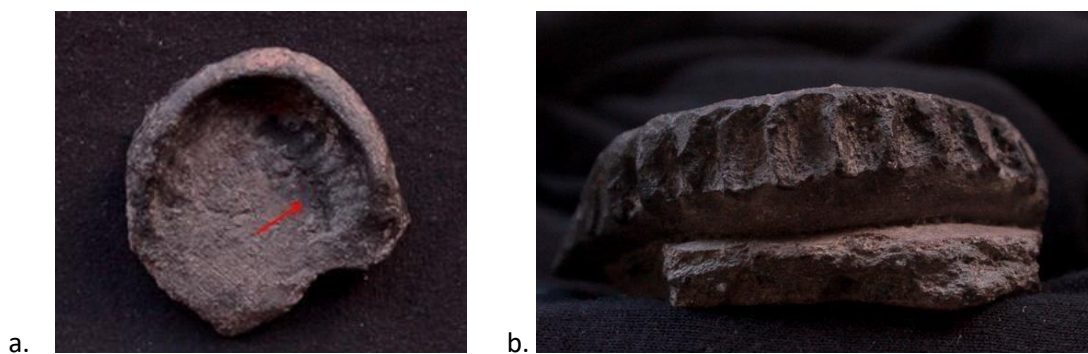
Figura 27. Detalhes do fragmento 1.43.4 (NW). Imagem a. mostrando o detalhe na parte interna e imagem b. a parte externa da asa.

Alguns fragmentos como o da Figura 28, tem a “costura” muito suave e quase não é possível a sua visualização. Existem duas possibilidades para isso, uma seria o alisamento que não deu conta de apagar essa junção, ou a própria utilização constante do vasilhame pode ter levado ao desgaste da face interna da asa. O segundo argumento é reforçado pela abrasão observada na parte inferior do fragmento enquanto que na parte superior da asa apresenta um brilho que remete a um polimento, é observado na área abrasonada.

Outra questão a ser levantada é que no caso de panelas que vão ao fogo, a variação de temperatura e umidade são fatores que ao longo do tempo vão fragilizando o material cerâmico, favorecendo, assim, o seu desgaste. O fragmento em questão apresenta ainda depósitos carbonizados na face externa do fragmento, um indicativo que esse vasilhame poderia estar sendo utilizado em preparações ao fogo. Dos fragmentos com apêndice analisados, 19,62% (n=20) apresentavam marcas relacionadas a fuligem ou depósito de carbono.



**Figura 28. Fragmento 1.91.F2 (NE).**



**Figura 29.** Imagem a. mostra a área onde a "costura" é mais visível, próximo de um ponto com resto de material carbonizado. Na imagem b., detalhe do beliscado na parte superior da asa.

No fragmento a seguir há uma variação do estilo apontado acima. Além da costura na parte inferior do fragmento e o beliscado na parte superior, entre as seções do beliscado há ainda um ungulado. A Figura 30 mostra com mais detalhe essa particularidades.



**Figura 30.** Fragmento de asa 1.89.F2 (NE). Vista de cima do fragmento com o beliscado na parte superior em conjunto com o ungulado.



**Figura 31.** Foto da vista superior do fragmento mostrando o ungulado junto com o beliscado. Luz rasante para ressaltar o ungulado.

O **segundo grupo** de asas é característico pela ausência do “costurado”, dando lugar à um acabamento alisado. Nesses fragmentos é observado que as áreas de junção do rolete com o corpo cerâmico dando um aspecto mais homogêneo à aplicação. Divergente às formas acima, não há o deslocamento de argila, nem a sobreposição da pasta do vasilhame com o rolete visível. Ainda assim na parte superior das asas são mantidos alguns tipos de trabalho que variam entre si. Na Figura 33, por exemplo, é possível observar a técnica do ungulado que tem uma média de 6 mm. Enquanto que na Figura 34, há duas sequências de ponteados.





Figura 32. Fragmento 1.106.F2 (NE). Fotografia com luz rasante.



Figura 33. Fragmento 1.90.F2. Parte inferior alisada e o ponteadado na parte superior.

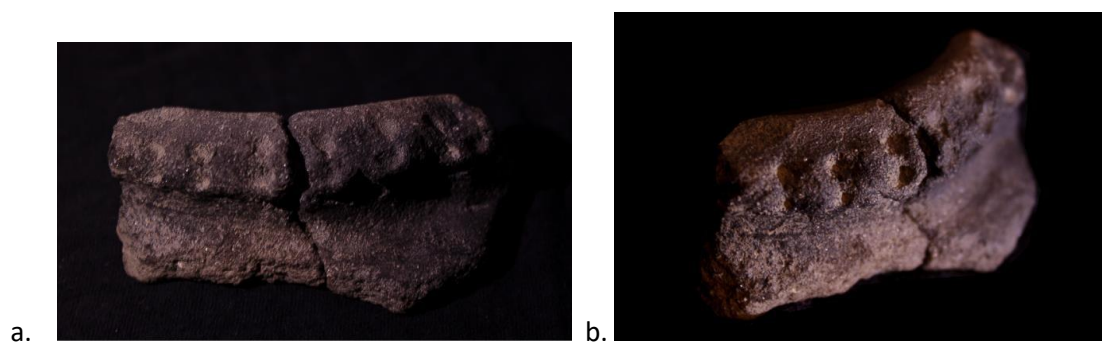


Figura 34. Fotografia a. da parte superior com luz direta. E fotografia perpendicular à peça com luz transversal.

Na fotografia 34a é possível notar a sequência do ponteadado, enquanto que na fotografia 34b fica mais clara essa junção dos pontos. Outro fragmento (1.21.2 NW) do grupo também apresenta o ponteadado na parte superior do fragmento, mas nesse caso não é um ponteadado duplo, mas uma linha única. Também diferentes desses outros fragmentos, o da asa do setor NW apresenta a brunidura em ambas as faces, em contraste com as peças 1.106.F2 e 1.90.F2 que tem apenas o alisamento e ainda assim um aspecto áspero. A asa em si também é mais fina com 7 mm, a peça tem no total de 13 mm, enquanto que as outras peças tem aproximadamente 11 mm de espessura só de asa e no total de 26 mm (1.106.F2) e 22 mm(1.90.F2).

**O terceiro grupo** de asas é caracterizado por serem mais finas, entre 5-7 mm de espessura, acompanhadas de brunidura em ambas as faces. As asas são alisadas, e não há nenhum tratamento plástico visível, as costuras ou aplicações foram “apagadas”. No grupo dois, tanto na parte superior quanto inferior, parece que houve uma preocupação de que o rolete utilizado para formar a asa não ficasse tão aparente e mais integrado ao corpo do vasilhame. Sendo assim, é difícil perceber o limite entre o bojo e a asa. Já no terceiro grupo isso não acontece tão claramente. Na parte inferior há um alisamento e realmente essa divisão não fica tão clara. Mas na parte superior essa segmentação entre a asa e o corpo cerâmico está muito bem marcada. Isso pode ter acontecido devido a pouca espessura das asas deixando uma área menor para ser trabalhada. No entanto outros fragmentos como o 1.21.2 (NW) de espessura semelhante houve a preocupação de fazer o ponteadado, sugerindo então que essa delimitação entre pote e asa faça parte desse estilo de confecção de asa.

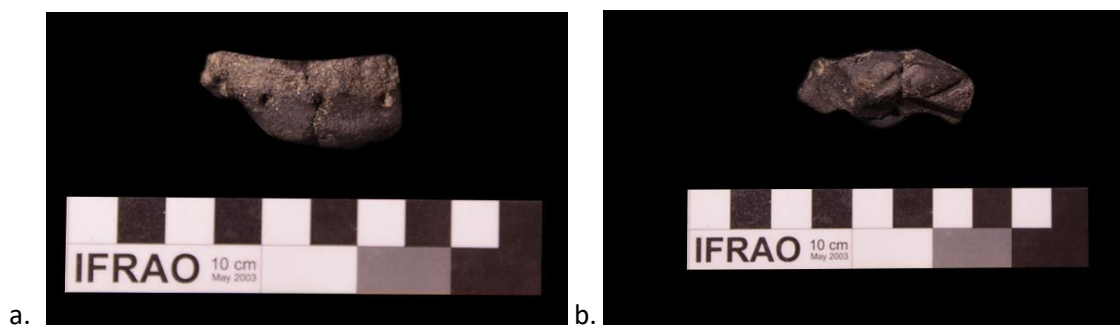


Figura 35. Fragmentos 1 e 2 de borda com asa e fragmento 3 de bojo. Ambos com asas alisadas.



Figura 36. Fragmento 1 mostra fragmento de bojo com asa, alisado e com brunidura. Fragmento 2 mostra a uma imagem superior do mesmo fragmento 1 onde se pode ver a junção da asa com o corpo cerâmico.

**O quarto e último grupo** compreende num apanhado de tratamentos plásticos variados e singulares dentro da amostra. O fragmento 1.88.F2 apresenta a parte inferior alisada enquanto que na parte frontal foram feitas incisões e na parte superior o ponteadado. É possível que o mesmo instrumento possa ter sido utilizado para fazer os dois trabalhos, um pequeno galho ou bambu usado tanto para perfurar a cerâmica quanto para fazer as incisões.

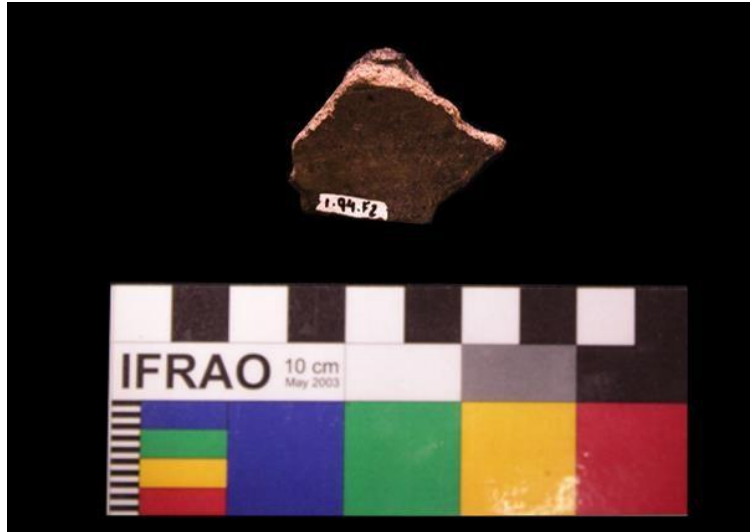


**Figura 37. Imagem a, vista da parte superior do fragmento 1.88.F2. Imagem b, vista frontal do fragmento. Luz rasante.**

O fragmento 1.94.F2 é o que apresenta o tratamento plástico mais diferenciado dentro da amostra. Tornando a sua descrição ou classificação um desafio. Nas asas que ainda se encontram aplicadas no corpo cerâmico, os apêndices estão todos no sentido horizontal das peças. Algo recorrente afinal as asas tem a função de auxiliar no transporte desses vasilhames, ainda mais no caso de estarem aquecidos devido a preparos ao fogo. Enquanto isso no fragmento em questão, o aplique se encontra no sentido vertical da peça. Somado a questão da sua posição na peça que já um diferencial dentro da amostra, o rolete parece ter recebido o ponteadado em seus dois lados e um repuxado na sua parte mais extrema também com o ponteadado. O tamanho do fragmento é um limitador nesse caso porque fica difícil descrever ou imaginar o restante da peça, se há uma continuação que percorre todo o bojo e se esse repuxado é um padrão dentro dessa montagem ou apenas uma área junção com outro rolete.



**Figura 38. Fragmento 1.94.F2. Luz rasante.**



**Figura 39. Face interna do fragmento 1.94.F2.**

Dentro do universo das asas que foram consideradas, 55% (n=59) pertencem ao grupo um. Esse estilo de asa aparece desde a primeira metade do século XVIII e continua na amostra até 1870. Ou seja, uma forma de confeccionar que perdurou por mais de 150 anos. O momento com maior diversidade das asas é no século XVIII, principalmente na segunda metade, na qual encontramos a maioria das asas, em formatos e decorações diferenciadas. É também nesse período que se localiza a maior incidência de ponteados, ungulado, dentre outros tratamento específicos desse período, ou seja, há uma correlação entre a diversidade estilística das asas e a diversidade decorativa das cerâmicas. Algumas das decorações são únicas na amostra. Como a imagem a seguir que mostra um beliscado e pequenas incisões que parecem um ungulado. Assim como as imagens anteriores mostraram asas com decorações singulares que não se repetiram na amostra.



Figura 40. Fragmento de asa 1.88.C3. Foto com luz rasante.

É possível que a singularidade dessas decorações pudesse se tratar de um estilo individual da ceramista. Ou vários ceramistas com acabamentos distintos e imprimindo na cerâmica, expressões individuais ou assinaturas baseada na experiência e conhecimento pessoal (Schiffer & Skibo, 1997). Ao longo do tempo, principalmente a partir do século XIX, essas marcas únicas desaparecem dando lugar a cerâmicas cada vez mais similares no campo estético. Isso pode indicar uma concentração em poucas oleiras produzindo as cerâmicas, como também que outras tipologias de objetos foram sendo absorvidas e utilizadas para marcar essas individualidades que outrora eram expressas através das cerâmicas.

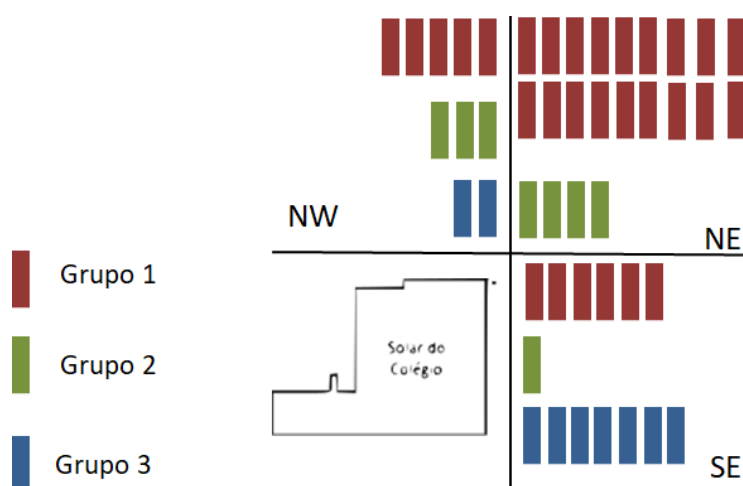
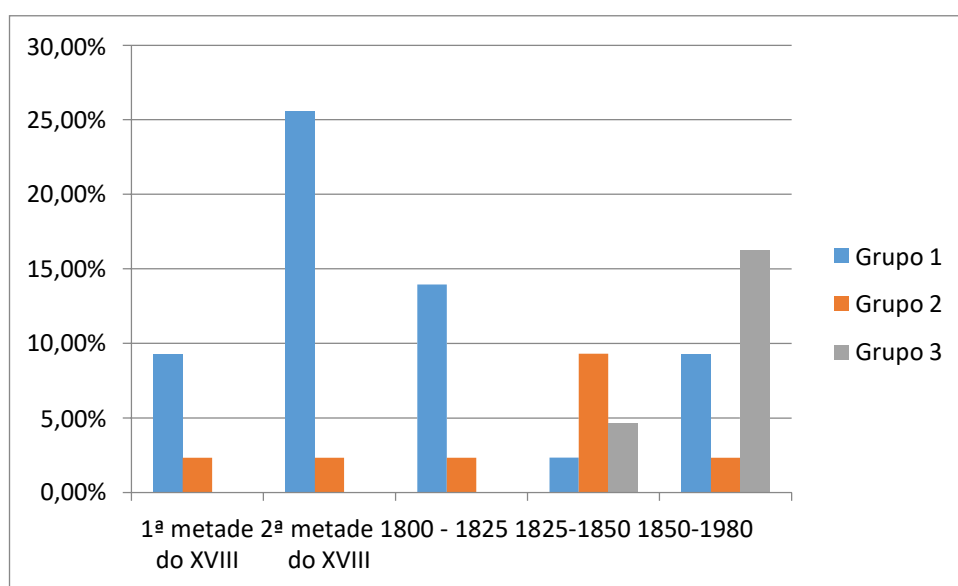


Figura 41. Distribuição das asas nas áreas da senzala.

Como representado na imagem acima (Figura 41), é possível a preferência por certo estilo de asa, associada também a uma cronologia. Uma questão a ser destacada são as asas do grupo três, alisadas e associadas ao brunido. Esse estilo começa a aparecer na amostra a partir de 1835, e 65% (n=6) aparece nos níveis superiores à área SE. Os três primeiros níveis dessa área foram muito impactados pelo arado e ocupações mais recentes, tem a cronologia de 1870-1980, um período muito longo. Mas o que pode ser dito é que esse estilo é que ele foi introduzido num período mais recente da comunidade escrava.

**Gráfico 7. Distribuição cronológica das asas**



Como podemos perceber no Gráfico 7, o grupo 1 é predominando na 2ª metade do século XVIII (área NE), tem uma queda ao longo dos anos quando percebemos a ascensão do grupo 3 (predominante na área SE). Nesse meio tempo, entre 1825 e 1850 há a queda do grupo 1, o surgimento do grupo 3 e o pico do grupo 2, que nos outros períodos se manteve constante.

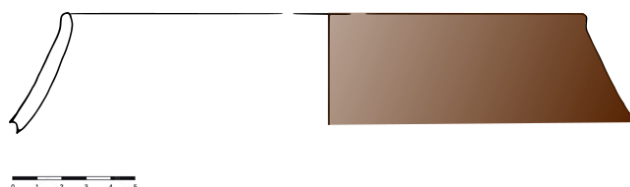
### 3.5. Projeções dos recipientes.

Dentro do conjunto do Colégio foram analisadas 147 bordas que se distribuem em 25 morfologias de potes. Deste conjunto amostral, 15 bordas não permitiram a caracterização morfológica devido ao tamanho do fragmento ou o tipo de quebra apresentado. Em toda a amostra foram identificadas apenas 8 bases, todas planas.

Com relação à remontagem das peças, esta não resultou em formas completas. Por conseguinte as projeções baseadas nas bordas ficaram limitadas a borda, lábio e a parte superior do corpo do vasilhame e em poucos casos foram feitas as projeções de todo o vasilhame.

### **Forma 1.**

Vasilha introvertida diâmetro variando entre 13 e 32 cm, borda direta, contorno composto côncavo<sup>27</sup>. A técnica de manufatura é o acordelado. O tratamento da superfície interno e externo varia entre brunido e alisado. As espessuras dos fragmentos oscilam entre 5-11 mm. Essa morfologia de vasilhame é uma das poucas que está presente nos três contextos escavados. Das 147 bordas, 42 foram identificadas com essa forma sendo que 27 no contexto NE (1700-1930). Esse formato está presente desde a Camada 3 do setor NE datado do início do século XVIII até os níveis superiores do setor SE, com período de deposição após 1870.



**Figura 42. Projeção baseada no fragmento 3.16.5 (SE), Ø=32.**

### **Forma 2**

Vasilhame com abertura introvertida, borda direta, e contorno simples convexo. A técnica de manufatura é o acordelado. O tratamento da superfície interno e externo varia entre brunido e alisado. Diâmetro variando entre 14 – 28 cm e espessura dos fragmentos entre 6-10 mm. Esse segundo vasilhame também é encontrado nos três setores, mas dessa vez só a partir da Feição 2 da NE, ou seja, é uma forma que emerge na segunda metade do século XVIII. É interessante observar que nesse período a administração da fazenda deixa de ser dos Jesuítas, ficando um período sob a administração da Coroa. É um momento também em que já não há a entrada de novos cativos na comunidade.

---

<sup>27</sup> Baseada na nos estudos de contornos e formatos de vasilhames de Shepard (1956, p. 231)



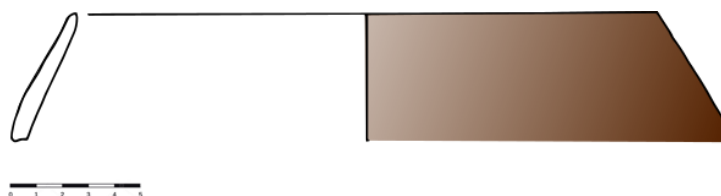


Figura 43. Projeção baseada no fragmento 3.5.6 (SE), Ø=23.

### Forma 3

Bordas introvertidas, contorno simples convexo com a presença de asas, diâmetro das bordas varia entre 16-18 cm. Os fragmentos tem a espessura entre 6-7 mm A técnica de manufatura é o acordelado. Todas as bordas são de queima redutora e brunidura nas superfícies internas e externas. Esta morfologia é específica do setor SE nas camadas superiores com contextos datados a partir de 1850 estendendo para os primeiros níveis desse setor que vão após 1870, até meados do século XX. Esse tipo de asa corresponde ao grupo três do que foi apresentado acima.

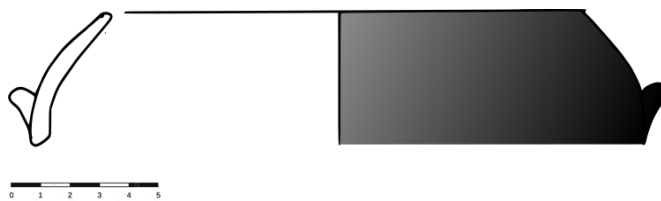


Figura 44. Projeção baseada no fragmento 3.13.3 (SE), Ø=16.

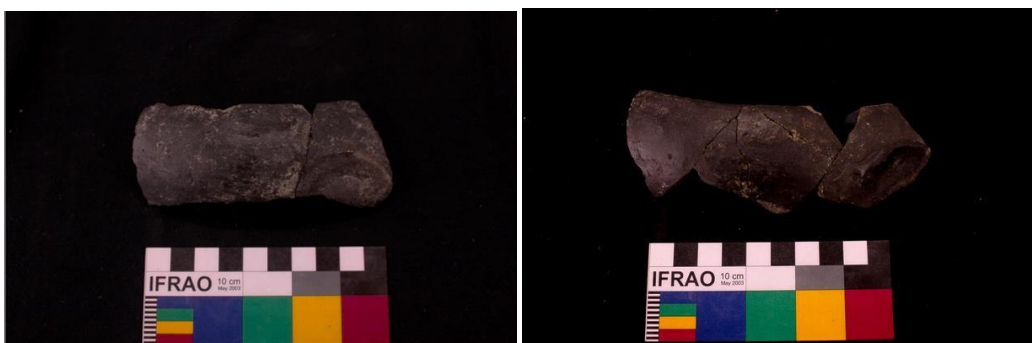


Figura 45. A direita, fotografia do fragmento de borda 3.11.2. Ø =16. E a direita fragmento de borda 3.13.3, Ø =16.

### Forma 4.

Vasilha introvertida com diâmetro entre 12 e 30 cm, borda direta, contorno composto côncavo. Técnica de manufatura é o acordelado. O tratamento da superfície interno e externo varia entre brunido e alisado. As espessuras dos fragmentos variam entre 5-10 mm Junto com a Forma 1, está presente nos três

setores, desde a Camada 3 (NE), de 1700 até as camadas superiores do setor SE, após 1870.

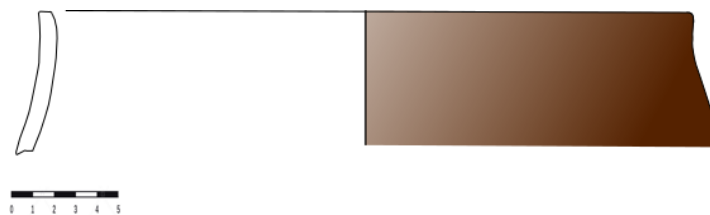


Figura 46. Projeção de borda baseada no fragmento 3.9 (SE), Ø=30.

### Forma 5

Borda extrovertida, contorno simples, espessura variando entre 8-10 mm e diâmetro da borda entre 20-36 cm. Técnica de manufatura é o acordelado. O tratamento de superfície oscila entre, ambas as faces brunidas ou ambas as faces alisadas. Vasilha presente apenas nos setores SE e NW ficando dentro de uma cronologia de 1835-1870.

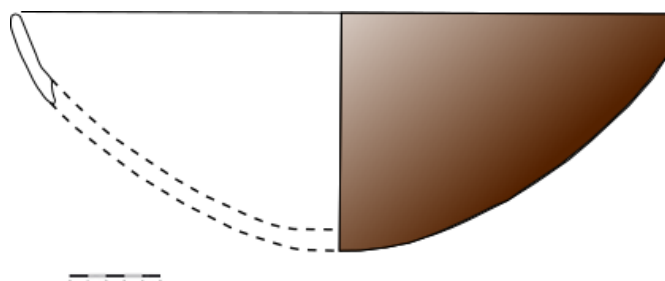
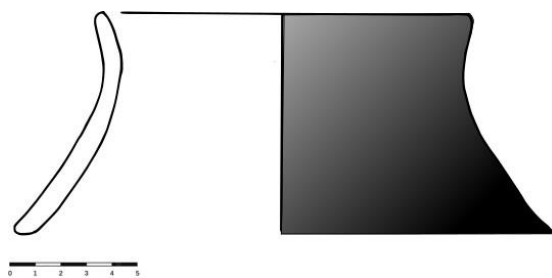


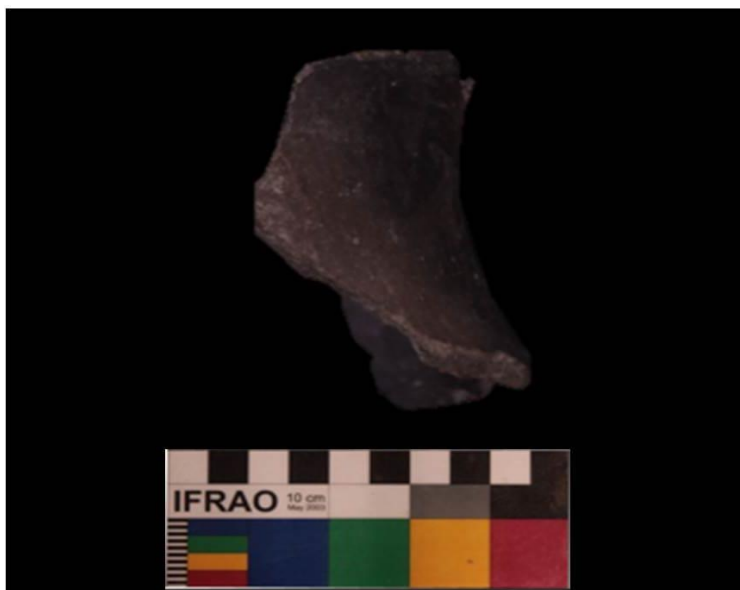
Figura 47. Projeção baseada no fragmento de borda 3.7.4 (SE), Ø=36.

### Forma 6.

Borda direta, com abertura restrita. O diâmetro alternou entre 12-21 cm, espessura entre 8-10 mm, contorno composto côncavo. O tratamento de superfície alterna entre ambas as faces brunidas ou ambas as faces alisadas. Técnica de manufatura é o acordelado. Vasilhame identificado apenas no setor SE com início em 1835 e indo até pós 1870.



**Figura 48. Projeção baseada no fragmento de borda 3.16.2 (SE), Ø=14.**



**Figura 49. Fotografia do fragmento de borda 3.16.2 (SE).**

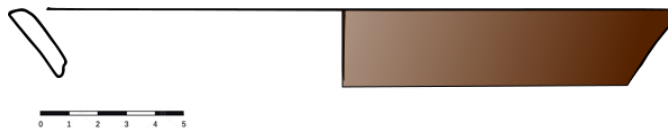
### **Forma 7**

Abertura não restrita, contorno simples côncavo, espessura do fragmento 9 mm e diâmetro 18 cm. Técnica de manufatura é o acordelado. Queima redutora, brunidura na superfície interna e alisamento na superfície externa. Fragmento único, proveniente do setor SE proveniente no nível 4 (1850-1870).



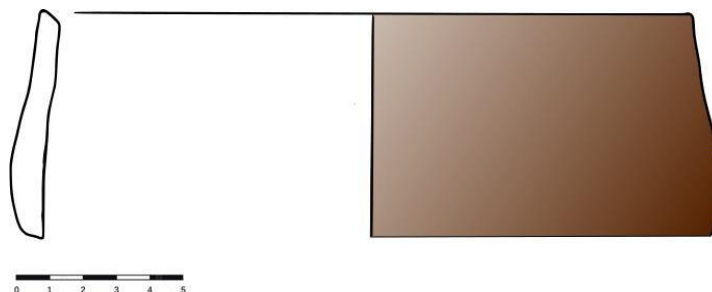
### Forma 8.

Borda não restrita, lábio é apontado e contorno simples reto. Espessura do fragmento de 7 mm e 22 cm de diâmetro. Técnica de manufatura é o adordelado. A superfície interna é alisada enquanto que a externa é brunido. Fragmento único proveniente do setor SE nível 2 (1870-1980).



### Forma 9

Abertura restrita, contorno simples reto. Espessura alternando entre 6- 10 mm, diâmetro da borda 20-22 cm. Técnica de manufatura é o acordelado. No setor NE os fragmentos apresentam ambos os lados brunidos, enquanto que no SE há uma variação entre brunido e alisado. Identificado no setor SE a partir de 1850 e segue após 1870 e nos níveis superiores do setor NE (1800-1825). Nesse caso existe um vácuo entre 1825 e 1850, não foram encontrados indicativos dessa forma.



### Forma 10

Abertura não restrita, contorno simples. Sua pasta é muito compacta, apresentando apenas quartzo como antispástico, muito fino (< 1 mm) e numa frequência menor que 5% na pasta cerâmica. São peças de pequenas dimensões com o diâmetro entre 3 -14 cm, espessura entre 6 – 7 mm. Essa morfologia de pote é distinta dos apresentados até agora, pois, tem sua manufatura através do modelado. Como a maioria das bordas encontradas são planas e modeladas, decidiu-se por fazer uma das projeções com a forma completa. Forma identificado no nível 4 do setor SE (1850-1870) e no níveis F1i e F2 do setor NE, na segunda metade do século XVIII

até 1825. Elas diferem na queima sendo a do setor SE uma queima redutora enquanto que nos fragmentos da NE, a queima é oxidante. Essa forma está dentro do grupo citado anteriormente que apresenta uma superfície muito irregular, e em sua maioria com pequenas dimensões.

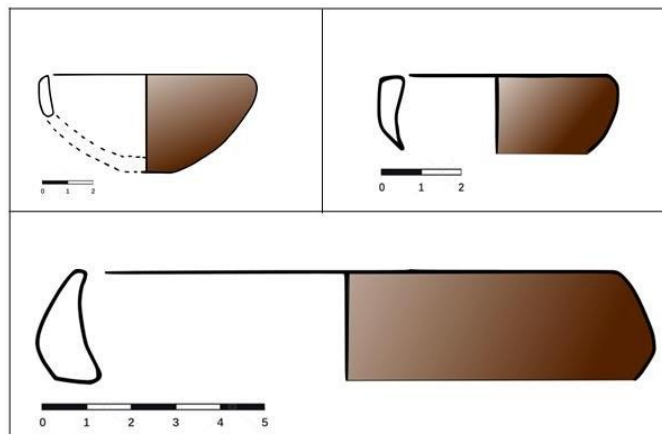


Figura 50. Fragmentos, esquerda da área SE e a direita da área NE com diâmetro de 3 cm.

### Forma 11

Abertura não restrita, contorno simples. Tem características semelhantes aos vasilhames acima deste mesmo setor, foi considerada uma forma a parte por causa da inclinação acentuada do bojo em direção a base. Queima redutora, espessura de 7-8 mm, modelado como técnica de manufatura. Apenas alisado em ambas as faces, pote de pequenas dimensões, diâmetro de 12 cm. Encontrada no setor SE nível 4 (1850-1870) e no setor NW na camada 2 (1835-1850).

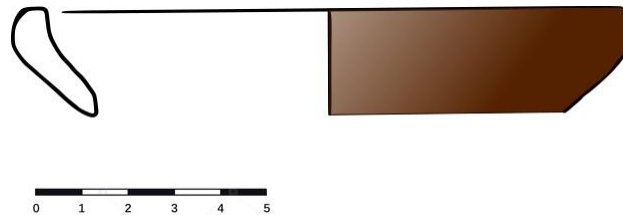


Figura 51. Projeção de borda baseada no fragmento de borda 3.4.4 (SE), Ø =12.

## Forma 12

Morfologia da borda direta abertura não restrita, lábio arredondado, contorno simples. A espessura dos fragmentos varia entre 8-14 mm, em sua maioria com queima redutora, diâmetros entre 23-28 cm. Técnica de manufatura é o acordelado/roletado. O tratamento das superfícies varia entre ambas as faces brunidas ou ambas as faces alisadas. Presente nos primeiros níveis dos três setores, o vasilhame está cronologicamente localizado entre 1825 a 1850 no setor NE, 1835 a 1850 no setor NW e 1870 até 1980 no setor SE.

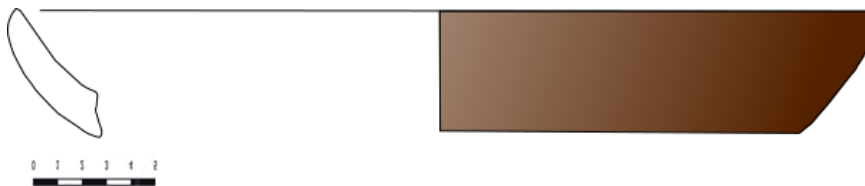


Figura 52. Projeção do fragmento de borda 1.15.2, Ø =26.

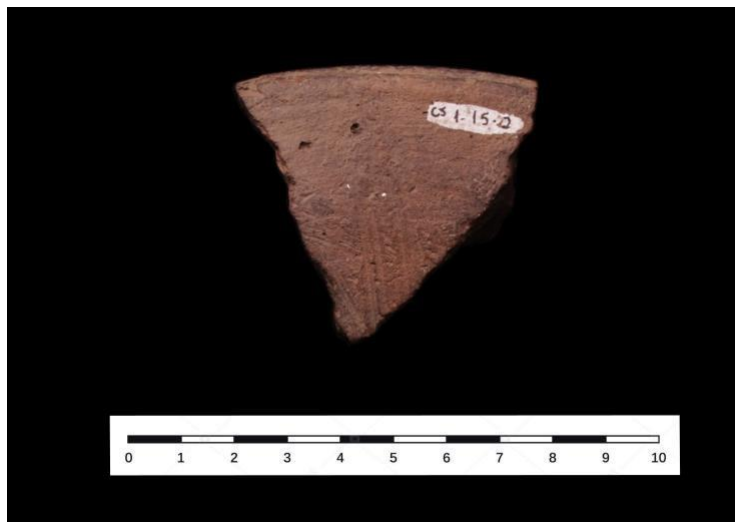


Figura 53. Borda 1.15.2 (NW), Ø =26.

### Forma 13

Abertura não restrita e contorno simples. Espessura de 12 mm, antiplástico muito fino (< 1 mm), queima oxidante, pasta compacta, vasilhame pequeno com diâmetro de 14 cm. Técnica de manufatura o modelado com ambas as faces alisadas. Vasilhame com características semelhantes aos fragmentos da Forma 10. Também apresenta irregularidades e marcas da tentativa de alisamento. Fragmento único encontrado no setor NE (1825-1850).

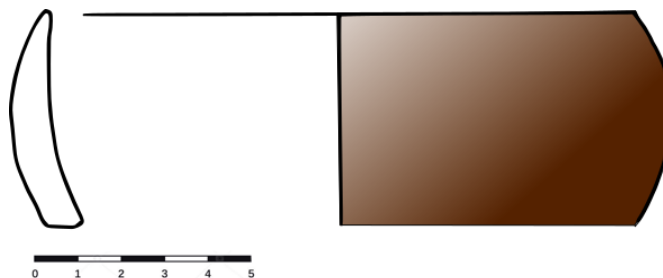


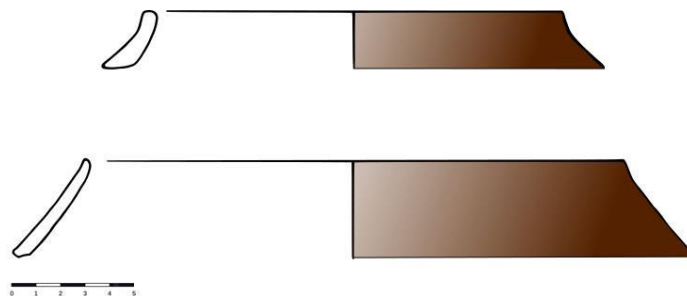
Figura 54. Projeção baseada no fragmento de borda 1.98.F1s, Ø = 14.



Figura 55. Fotografias da face interna do fragmento de borda 1.98.F1s. A imagem a direita com luz rasante realçando as marcas do alisamento e a esquerda a face externa do fragmento.

### Forma 14

Borda direta, abertura do vasilhame é restrito, contorno simples côncavo. Diâmetro de 10- 22 cm e espessura dos fragmentos variando entre 6-10 mm. Técnica de manufatura é o acordelado. Brunido em ambas as faces. Identificado apenas no setor NE nos níveis F1i e F2 (1750 -1825).



### Forma 15

Borda direta, lábio reto, abertura não restrita, contorno simples. Fragmento com espessura de 7 mm, não foi possível a leitura do diâmetro e a queima é redutora. Técnica de manufatura é o acordelado. Alisado na superfície interna e brunidura na superfície externa. Também identificado apenas no setor NE, nível F1s (1825-1850).

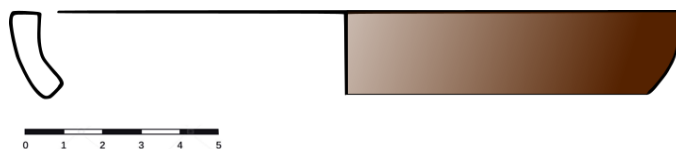


Figura 56. Projeção do fragmento de borda 1.102.F1s.

### Forma 16

Borda direta, abertura restrita, contorno composto. Espessura dos fragmentos varia entre 6-10 mm, diâmetro entre 16-26. Queima redutora, técnica de manufatura é o acordelado. Tratamento da superfície alternando entre ambas as faces alisadas e ambas as faces brunidas. Alguns fragmentos apresentam fuligem na face externa e depósito de carbono na superfície interna. Vasilhame identificado nos níveis C3 e F2 do setor NE (primeira e segunda metade do século XVIII) e também na camada 2 da área NW (1835-1850).



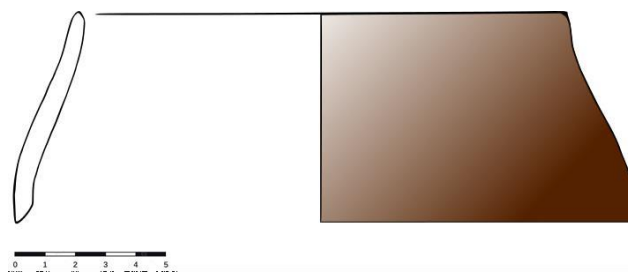


Figura 57. Projeção do fragmento de borda 1.103.F2, Ø =26.

### Forma 17

Borda entovetida, lábio arredondado, abertura restrita, contorno simples convexo. Queima redutora, espessura de 8 mm, ambas as faces alisadas, diâmetro de 25 cm. Técnica de manufatura é o acordelado. Vasilhame identificado apenas no setor NE, no nível F2 (segunda metade do século XVIII). Único fragmento de borda que apresenta decoração plástica que remete a um beliscado na área do bojo. Na superfície externa também é possível observar fuligem na área inferior do fragmento.

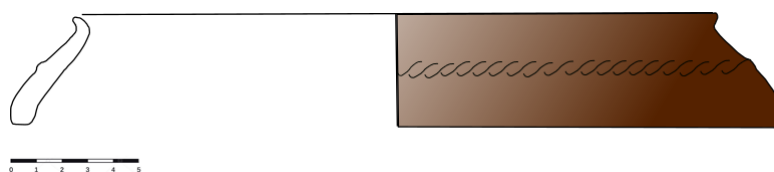


Figura 58. Projeção do fragmento de borda 1.104.F2. Ø =25 cm



Figura 59. Fragmento de borda 1.104.F2 (NE), Ø =25 cm. Fotografia de luz rasante<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Técnica em que a luz incidente dirigida de forma tangencial em relação à superfície do objeto. Essa luz permite ressaltar relevos, decorações e irregularidades na superfície da peça.

### Forma 18

Borda direta, lábio plano, contorno simples convexo. Diâmetro de 32 cm, abertura restrita. Espessura de 14 mm queima redutora, ambas as faces alisadas. Técnica de manufatura é o acordelado. Vasilhame identificado no setor NW, nível 3 (1820-1835).

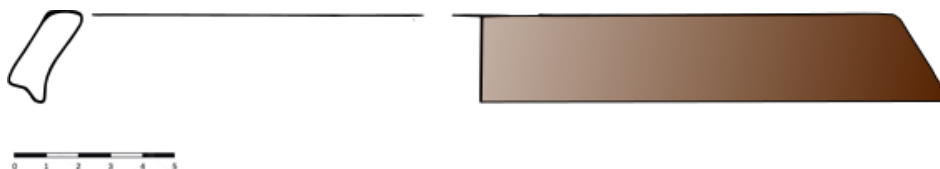


Figura 60. Projeção do fragmento de borda 1.23.3 (NW), Ø = 32.

### Forma 19 a 21

As formas 19-21 serão descritas em conjuntos por terem características semelhantes e singulares dentro da amostra. As bordas que estão sendo trabalhadas em conjunto foram especialmente desafiantes. As suas características diferem gritantemente de toda a amostra. A queima é oxidante, e na superfície interna temos a presença da decoração ponteados, essa parece ter sido utilizado um instrumento deixando marcas independentes, mas continuas na superfície. O lado externo não foi identificado nenhum tratamento, uma superfície muito irregular e rugosa. A pasta é compacta e antiplástico muito fino (<1 mm). A técnica de manufatura é o modelado, e as espessuras nos fragmentos flutua entre 11-14 mm. As bordas são irregulares e foi difícil conseguir chegar a um diâmetro. Uma das peças era muito reta, podendo ser algo da irregularidade da peça, como também pode indicar uma peça com grandes dimensões. Essa forma é encontrada apenas na área NE.

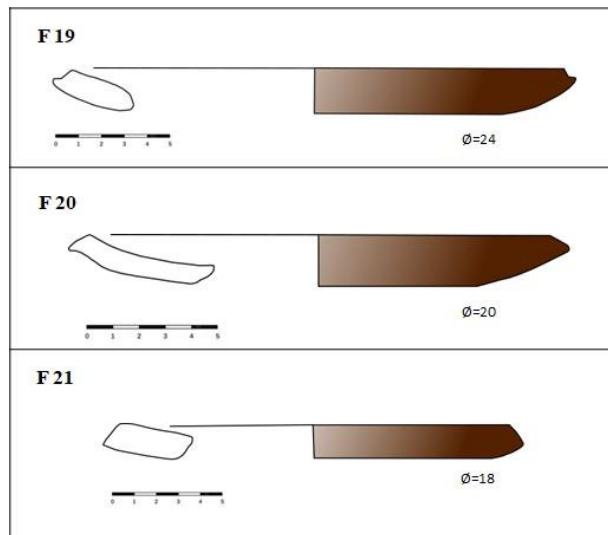


Figura 61. Fragmentos de borda dos pratos 19, 20 e 21.

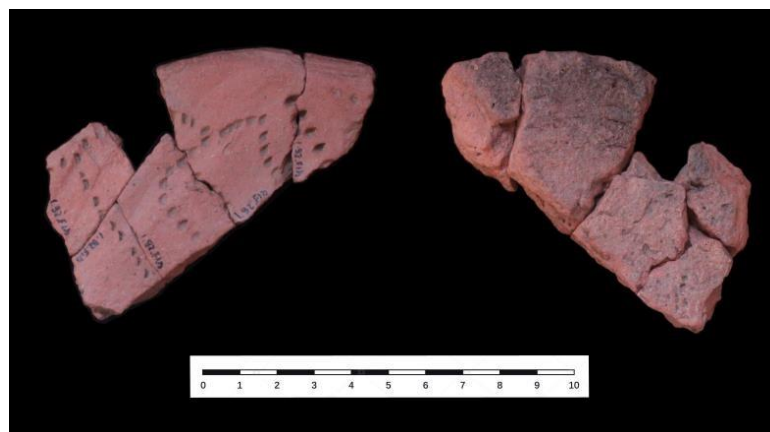


Figura 62. Imagem a. mostra a superfície interna do fragmento de borda 1.92.F1s. A imagem b. mostra a face externa, rugosa e irregular.

### Forma 22

Abertura restrita, contorno simples reto. Queima redutora, ambas as faces alisadas, borda reforçada externamente, diâmetro de 12 cm. Espessura do fragmento é de 5 mm, técnica de manufatura é o acordelado. Morfologia encontrada apenas no nível 5 da área NW (1790-1820).

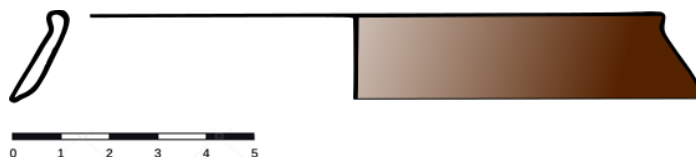


Figura 63. Projeção de borda baseada no fragmento de borda 1.38.5 (NW), Ø = 12.

### Forma 23

Borda direta, abertura do vasilhame é restrita, lábio arredondado contorno simples convexo. Espessura dos fragmentos oscila entre 6-8 mm, A técnica de manufatura é o acordelado, diâmetros entre 14- 19 cm. Essa forma foi identificada nos nível 1 da área NW (1835-1850).

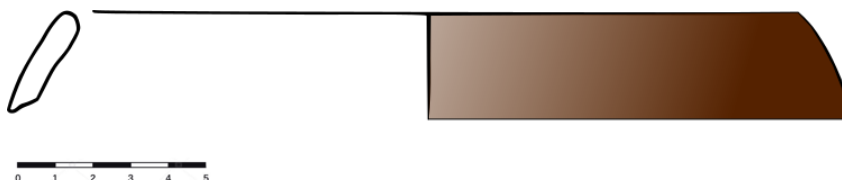


Figura 64. Projeção do fragmento de borda 1.19.1 (NW), Ø = 19.

### Forma 24

Borda direta, lábio plano, abertura não restrita e contorno simples. Espessura de 7 mm, queima redutora, brunidura na superfície interna, diâmetro de 18 cm. Técnica de manufatura é o acordelado. Vasilhame identificado apenas no nível 1 da área NW, (1835-1850).

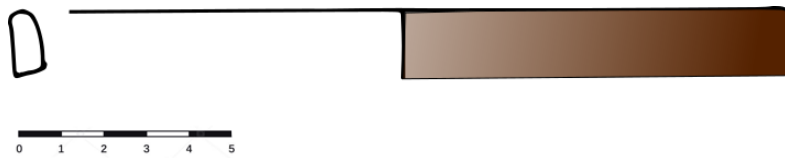


Figura 65. Projeção do fragmento de borda 1.22.1 (NW),  $\varnothing = 12$ .

### Forma 25.

Borda direta, lábio plano, abertura da borda não restritiva, contorno simples, diâmetro de 8 cm. Técnica de manufatura é o acordelado. Espessura de 6 mm, queima redutora, ambas as faces alisadas, decoração do tipo acanalada. Morfologia de pote encontrada apenas no setor NW, (1835-1850),

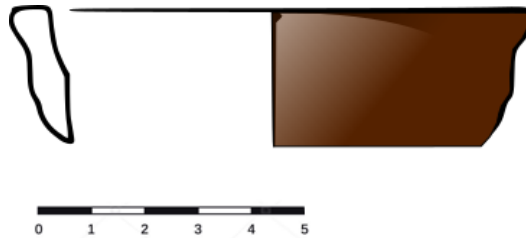


Figura 66. Projeção do fragmento de borda 1.15.1 (NW),  $\varnothing = 8$  cm.



Figura 67. Fragmento de borda 1.15.1 (Forma 25). Fotografia de luz rasante.

## **Função**

As formas baseadas nas projeções das bordas foram separadas em quatro grupos de acordo com as características gerais da morfologia e funcionalidade. Rice (1987) quando discute a identificação dos vasilhames cerâmicos, faz uma soma de vários atributos que considera pertinentes nessa identificação que recai na relação entre morfologia, tecnologia e a sua utilização. Os vasilhames são separados entre estocagem, preparação de alimento a frio, cocção, serviço e consumo e transporte. Como apresentada na metodologia, foi baseada nessa classificação que se tentou identificar a funcionalidade dos potes. Mesmo assim entende-se que algumas morfologias poderiam estar sendo usadas para mais de uma função e dessa forma foram colocadas no grupo de multifuncionais. E ainda no caso das formas 19, 20 e 21, onde não fica claro como elas eram utilizadas, foram colocadas no grupo de outros.

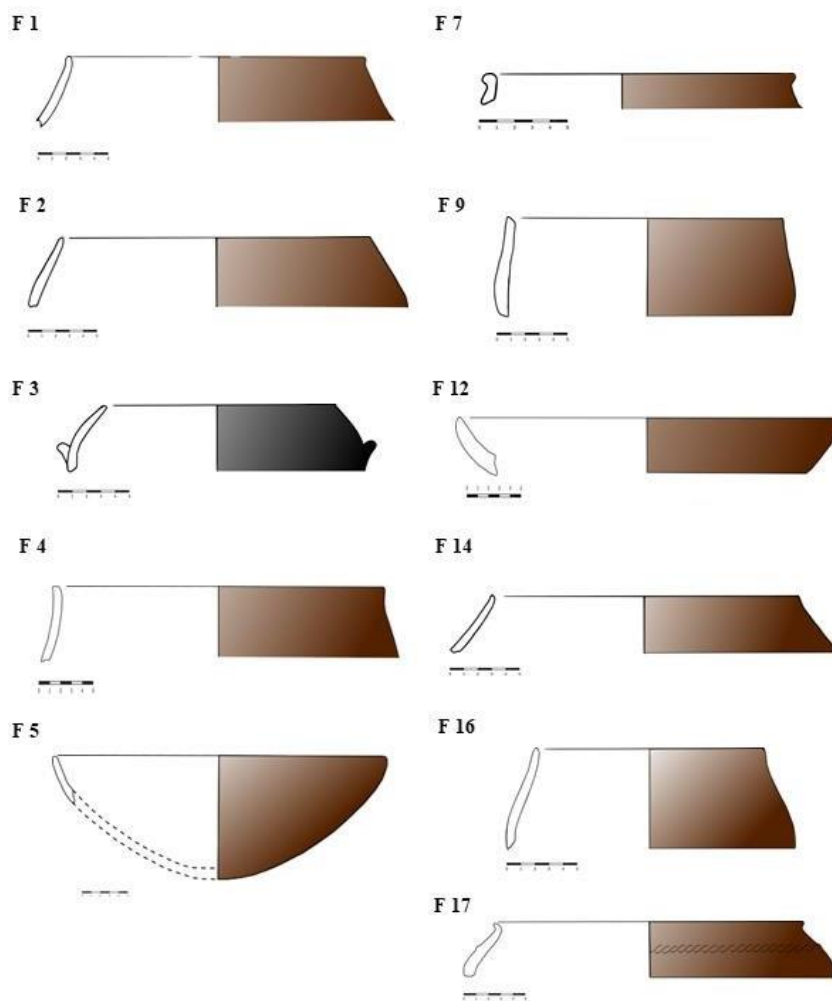
Foi levado em consideração característica de desempenho (Skibo, 2013). As análises dos fragmentos identificaram que 26% da amostra apresentam marcas relacionadas ao processo de cocção como fuligem e depósito de carbono. No entanto quando passamos para analisar os fragmentos de borda, apenas 13% apresentam essas marcas de uso. Partindo do princípio de Skibo (2013) que mostrou como a distribuição de calor dentro de vasilhames não é uniforme durante o preparo de alimentos e que dependendo da área do pote seria mais provável encontrar marcas ou não. Nesse sentido é esperado que as bordas e áreas superiores do vasilhame não apresentem a mesma tendência de marcas, quanto a base e áreas inferiores dos potes. Dessa forma devido a fragmentação da amostra das cerâmicas do Colégio, a observação de manchas nas superfícies das cerâmicas acaba sendo um terreno duvidoso por não se tratar de formas reconstituídas. Para auxiliar na identificação da função dos vasilhames levou-se em conta a somatória de vários atributos como também a comparação com outras coleções cerâmicas. O banco de dados de cerâmicas históricas do Prof. Marcos André Torres foi a que mais se aproximou das morfologias encontradas na Fazenda do Colégio, sendo elas utilizadas como referência para a classificação funcional das projeções de bordas.

A forma 1, a mais popular na amostra, apresenta uma variação no diâmetros. Dentro dessa morfologia quase 12% da amostra apresenta marcas associadas ao fogo como fuligem ou depósito de carbono na superfície externa. É importante ressaltar

que essas marcas só aparecem em vasilhames com diâmetros a partir de 18 cm. E apesar da abertura ser restrita, ela não chega a restringir o acesso ao seu conteúdo, sendo apenas um pouco mais inclina para dentro. Associando o diâmetro, com as marcas de uso nesse grupo foram classificadas os vasilhames da figura 68 como sendo relacionadas ao preparo e consumo de alimentos.

As morfologias 1, 2, 3, 14, 16 e 17 tem a abertura de pote restrita, segundo Skibo (2013) uma panela eficaz deve ter a abertura grande o suficiente para evitar estouros oriundos da fervura como também acessar a parte interna para agitar o conteúdo, mas ao mesmo tempo um abertura restrita o suficiente em relação a capacidade do pote auxiliando o aquecimento do conteúdo (p.29). Vale lembrar que 55,24% (n=1842) dos fragmentos cerâmicos apresentam queima redutora. Sendo que esta confere ao vasilhame maior resistência ao calor (Souza & Lima, 2017) que 7,8% dos fragmentos apresentam queima redutora na superfície externa. Esse pode ser o resultado da utilização destes junto ao fogo.

Tendo em vista outro trabalho sobre o Colégio, mas com o enfoque na análise zooarqueológica, indica a possibilidade dos cozidos terem sido amplamente consumidos por esses grupos. O que estaria de acordo com os vasilhames identificados na amostra cerâmica onde 20% dos fragmentos apresentam marcas de fuligem e 62% das bordas foram identificadas como sendo para cocção. As cerâmicas estão envolvidas numa dimensão fundamental da vida cotidiana desse grupo de cativos. Envolvem relações de compartilhamento, autonomia para o preparo de refeições e também como uma chave para a manutenção de expressões culturais fundamentais a esses grupos (Symanski & Junior, 2016). Vale ressaltar que alguns fragmentos na amostra (não associados as morfologias) tinham manchas carbonizadas encontradas na superfície interna, o que é comumente associado a cocção sob calor intenso, o que pode indicar também que algumas dessas morfologias estivessem sendo usados em fritura (Souza & Gardiman, 2016).



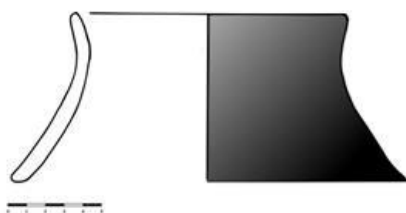
**Figura 68. Vasilhames utilizados no preparo e processamento de alimentos.**

Olhando para as outras tipologias de materiais escavados na senzala como as cerâmicas torneadas simples e vidradas fica claro uma divisão de funções em relação a manufatura das cerâmicas, com as artesanais associadas ao preparo dos alimentos e as torneadas, que ainda estão em processo de análise, mais vinculadas à armazenagem de alimentos. Da mesma forma que outra pesquisa (Lima, 2017) visou especificamente às cerâmicas vidradas do setor NW. Lima (2017) identificou que existia uma preferência morfológica relacionada à técnica de manufatura. Dessa forma, as cerâmicas vidradas foram identificadas majoritariamente como para o serviço e consumo de alimentos. Logo, parece haver uma complementariedade entre as tipologias cerâmicas, onde as artesanais são destinadas para o preparo do alimento, as torneadas para armazenagem e as vidradas para consumo. Ainda assim, essas foram tendências, da mesma forma que algumas cerâmicas vidradas foram utilizadas para cocção, algumas das cerâmicas artesanais também foram para o serviço e consumo de alimentos.



A forma 3 tem seu formato globular. Esse formato de vasilhame em alguns contextos específicos poder ser associado aos cativos de origem africana (Souza & Lima, 2017). Mas tanto os elementos de queima redutora, brunidura nas faces internas e externas e ainda as asas se assemelham muito com as panelas produzidas pelas Paneleiras de Goiabeira do Espírito Santo (Muniz, 2014). Essas tem como memória de identidade local a associação da produção de panelas com uma herança indígena. De fato escavações no litoral do Espírito Santo indicaram o formato globular dentre as morfologias da Tradição Una (Seda, Machado, Sene, & Silva, 2012). Independente de uma referência africana ou indígena é possível que ambos os referenciais estivessem envolvidos na confecção dessa morfologia ou mesmo nenhum deles. É curioso que essa morfologia surge na amostra a partir de 1850, num momento mais tardio. É possível que essa morfologia, junto com outras como a F8, estejam associada a novas rotas de comercialização dos cativos. Ainda para comprovar essa hipótese seria necessário estender a análise para uma escala mais regional.

F 6



F 18



**Figura 69. Grupo de vasilhames relativo à estocagem.**

Na forma 6 (figura 69), os fragmentos apresentam ambas as faces polidas o que pode indicar um processo de diminuir a porosidade das cerâmica e até mesmo para impermeabilizá-la, sendo utilizada inclusive para a estocagem de líquidos. A forma 18 foi identificada também como sendo para estocagem, apresentando uma

espessura mais grossa (14 mm), que destoa da tendência da amostra, assim também como seu diâmetro (32 cm) indicando um vasilhame de maiores dimensões.

A forma 22 (figura 69), pela espessura do fragmento (5 mm) e o seu diâmetro (12 cm) foi considerado para serviço e consumo devido ao seu tamanho. As formas associadas ao consumo de alimentos começam a aparecer na amostra a partir da virada do século XVIII e XIX. Ainda assim a sua proporção é pequena em relação aos vasilhames de cocção. Apenas 6 potes foram identificados dentro dessa categoria ao longo do século XIX. As formas 11 e 13 têm características distintas, de queima oxidante e não houve uma preocupação em fazer um acabamento alisado (figura 55). É possível que esses vasilhames estejam relacionados a um processo de aprendizado como também uma resposta rápida a uma demanda fortuita.

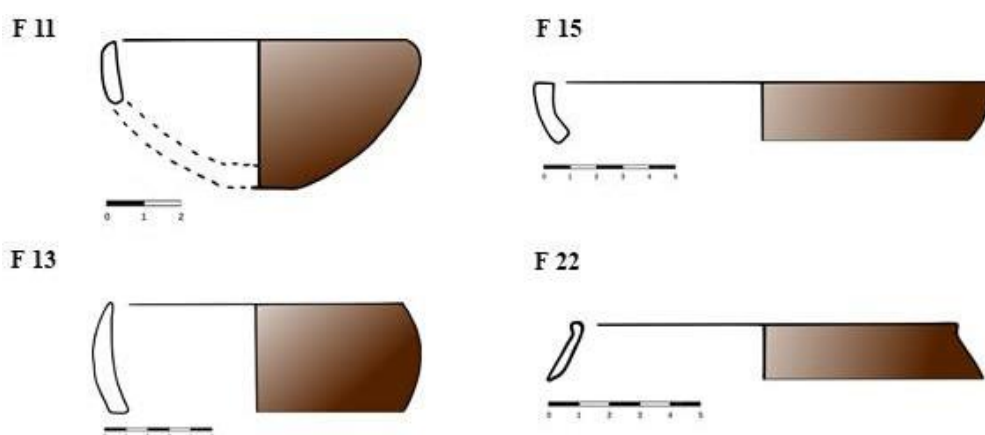


Figura 70. Serviço e consumo.

Das formas multivariadas a F8 se assemelha aos alguidares que foram identificados para distintas funções. Possui boca larga e não restrita e geralmente são rasos. Em Portugal existem referências a sua utilização nos serviços da cozinha e mesmo higiene. No Brasil essa morfologia é conhecida em rituais de matriz africana (Souza & Lima, 2017). No contexto da Fazenda do Colégio não há indícios que possam apontar para a utilização ritual dessa morfologia, a mesma também não apresenta marcas que possam associá-la diretamente ao preparo de alimento. Sendo assim, ela poderia estar sendo utilizada em funções diversas. As formas 10 e 25 têm tamanhos muito pequenos de 3, 6 e 8 cm de diâmetro. Os de 6-8 cm ainda poderiam ser colocados para serviço e consumo. Chama atenção, no entanto o vasilhame de

diâmetro de 3 cm (forma 10), é possível ainda que se trate de uma lamparina, mas a ausência de marcas de fuligem acabam deixando dúvida sobre essa caracterização.

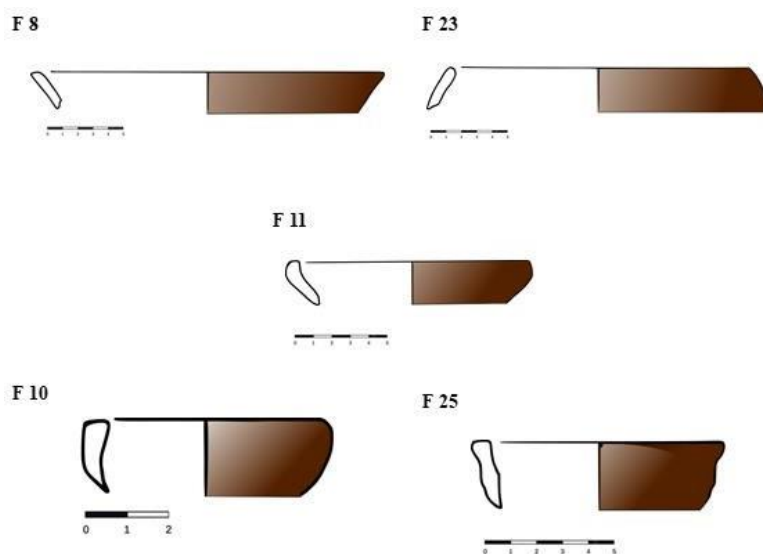
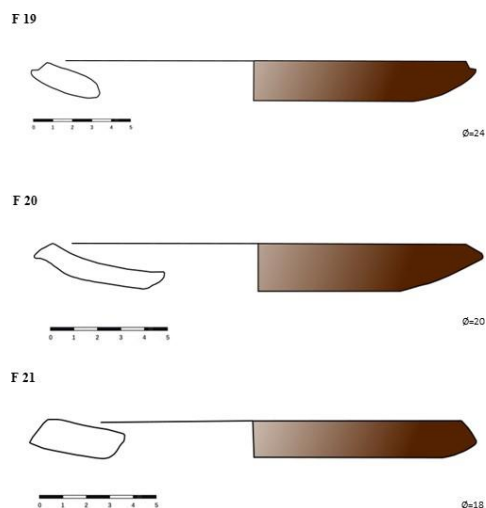


Figura 71. Grupo de vasilhames multifuncionais.

E por fim o ultimo grupo que são as formas planas. Existem duas possibilidades para essa morfologia. Poderiam ser pratos, mas as decorações ponteadas na face interna deixam dúvidas sobre essa possibilidade já que os sulcos poderiam acumular restos de comida. A outra possibilidade é que poderiam ser tampas, de vasilhames de dimensões medianas. No trabalho de Souza e Lima (2016), além dos recipientes utilitários, foi identificado na amostra um total de 81 tampas. O formato das tampas apresentada uma inflexão acentuada próxima da borda semelhante a pratos. A morfologia identificada pelos autores se diferencia da apresentada aqui por uma protuberância um pouco mais acentuada na área central. Como a reconstituição da peça foi parcial, o desenho apresentado abaixo acaba sendo uma projeção do que se imagina que poderia ser o objeto. Mas uma protuberância para encaixe como tampa fica sendo uma incógnita.



**Figura 72. Outras funções.**

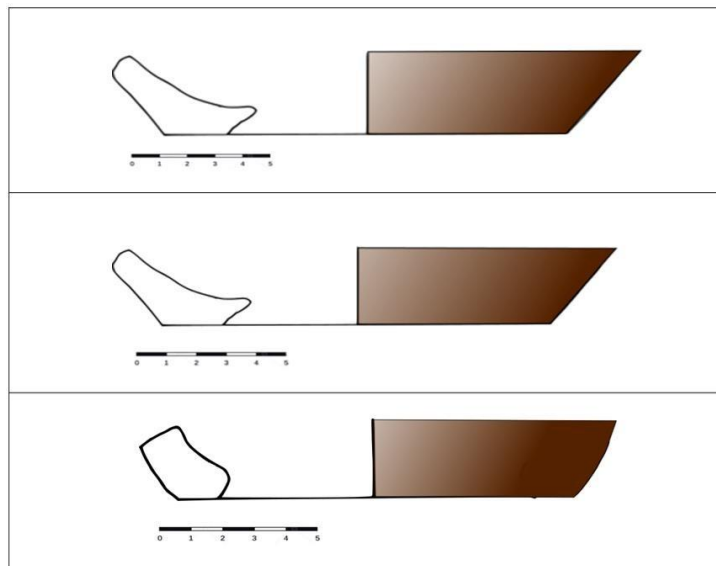
### **Bases**

A seguir são apresentadas as projeções das bases. Foram utilizados três fragmentos da área NW por ser esta onde há o maior número de bases (07). Eles foram selecionados, pois junto a base se encontra uma pequena extensão do bojo dando uma noção melhor do contorno dos vasilhames. Como foi dito anteriormente, todas as bases encontradas são planas. Os diâmetros das bases variam entre 13-14 cm. É importante ressaltar que das nove bases identificadas, 5 tem queima oxidante, 2 com queima redutora na face interna, 1 redutora na face externa e apenas 1 fragmento com queima redutora. Esse dado chama a atenção já que contraria a tendência da amostragem onde a maioria dos fragmentos é de queima redutora (53%) e apenas 12% da amostra de queima oxidante. Sendo possível ainda que o fragmento com a queima redutora na face externa pode ser resultado da utilização do recipiente para cocção.

Com relação a cronologia, foi encontrada uma única base no setor NE relativo ao início do século XVIII. Já no setor NW, as bordas aparecerem num período de 1790 até, pelo menos, 1850. E na SE, apenas uma base na camada de 1870 em diante.



**Figura 73. Primeira imagem, fragmento 1.17.4, segundo 1.54.3 e terceiro fragmento 1.23.1.**



**Figura 74. Projeções baseadas nos fragmentos 1.17.4, 1.54.3, 1.23.1, respectivamente.**

Uma explicação possível para o pequeno número de bases identificados na amostra pode estar relacionada a uma variação da base plana. Souza e Lima (2017) em sua análise das cerâmicas na Rua da Assembleia na cidade do Rio de Janeiro, os utensílios cerâmicos globulares eram os mais populares na amostra. Essa morfologia de pote estava geralmente associada a um “diâmetro de base muito pequeno e a uma junção bojo-base mal definida, sugerindo que os produtores desse tipo de recipiente aderiram de forma relutante à demanda colonial por bases planas” (p. 28).

Essa é uma possibilidade para os recipientes da senzala do Colégio, bases muito pequenas e curvas seriam difíceis de identificar e ficariam confundidas como fragmento de bojo. Poderia haver uma diferenciação já que a maioria das bases planas encontradas é de queima oxidante, ao contrario da tendência da amostra, havendo uma associação entre o tipo de queima e a morfologia da base. Outro cenário inclui a base plana, a queima oxidante e os espaços de queima. Lembrando que o colégio possuía uma olaria, onde o processo de queima era diferenciado. Destinada para uma produção de elementos construtivos como telhas e tijolos, o resultado eram materiais de queima oxidante. Saint-Hilaire (1833) observou que alguns utensílios domésticos também eram produzidos nesse espaço. A amostra analisada aqui tem a sua maioria com queima redutora que poderia estar sendo queimada em espaços mais próximos do âmbito doméstico. Ficariam relacionadas então bases planas com a queima redutora com a olaria. Mas devido a fragmentação da amostra de cerâmicas artesanais do Colégio, com baixo índice de reconstituição e nenhuma forma inteira, tais inferências ficam limitadas.

### 3.6. Relações sincrônicas e diacrônicas dos vasilhames

Para a análise diacrônica dos vasilhames foi feita a comparação da distribuição das projeções de bordas apresentadas anteriormente. Elas foram organizadas de forma a mostrar a sua distribuição ao longo da cronologia estabelecida para as camadas e setores.

Como podemos perceber a partir da figura 75, a Forma 1 está presente nas três áreas (NE, NW, SE) desde o início do século XVIII até os níveis superiores da SE que vão de 1870 até 1980. A forma F2 que surge na segunda metade do século XVIII e também tem continuidade até final do século XIX, enquanto que a F17 (única borda decorada) é específica desse período. Percebemos então que a maioria das morfologias do século XVIII continuou a ser utilizadas no decorrer do século XIX.

É interessante observar essas continuidades como também as formas e os momentos em que emergem novas morfologias. A forma F2, por exemplo, aparece apenas na segunda metade do século XVIII. Esse é um período de diversidade na amostra cerâmica com o surgimento de novas morfologias, com um maior número de

fragmentos com decorações plásticas e ainda, como foi dito anteriormente, com o pico da diversidade das asas. Indicando uma dinâmica cultural intensa nesse período que talvez esteja relacionado com o tráfico Atlântico.

É nesse período também que a gerência da fazenda passa por mudanças. Com a expulsão dos Jesuítas em 1759 a fazenda fica sobre a administração da Coroa para só no final do século XVIII ser vendida a Joaquim Vicente dos Reis. Então, a partir de 1759 deixa de ter a entrada de novos cativos na comunidade escravizada. A chegada de novas referências poderia explicar essa diversidade tão específica de um período. No início do século XVIII, as morfologias se resumem a três formas, com 76,9% apresentam brunidura na face externa, 69,2% (n=102) de queima redutora e 15,38% (n=22) com marcas de fuligem ou depósito de carbono e todas com a técnica acordelada. Ou seja, uma amostra com características similares, variando apenas na funcionalidade. Já na segunda metade do século XVIII as morfologias pulam de três para sete. Começam a aparecer vasilhas com técnica do modelado, decorações plásticas, aumenta o número de peças com queima oxidante, que vão de 7% (n=59) do período anterior para 20% (n=168).

Gomes (2012) aponta para um grande número de Africanos que foram trazidos para plantações de açúcar na Capitania do Rio de Janeiro no final do XVII e início do XVIII. O comércio de escravos teve um impacto entre 1710 e 1770, que foi provavelmente um período da recomposição demográfica de algumas usinas de açúcar e plantações no Recôncavo da Guanabara. Algo semelhante poderia estar acontecendo da Fazenda do Colégio até pelo menos 1759, onde a administração ainda alcançava os jesuítas e logo, poderiam ter tido novas entradas de cativo na comunidade da senzala, impactando assim a sua configuração. É possível ainda que isso estivesse se refletindo na variabilidade estética encontrada nas cerâmicas nesse período, onde a necessidade de demarcar fronteiras fosse mais intensa, impactando assim as formas de fazer cerâmica na região e na Fazenda do Colégio.

A diversidade morfológica tem seu ápice entre 1835-1850. Mas essa variedade deve ser contextualizada. O que acontece no século XVIII parece estar relacionado com escolhas estéticas que podem estar envolvendo afirmações de diferenças entre grupos da senzala. Enquanto que as variações no século XIX estão mais associadas a morfologia e conseqüentemente à funcionalidade desses vasilhames, que podem nos dar indicativos mais no sentido de mudanças nos hábitos

desses cativos, tanto alimentares, quanto do próprio processo de fabricação desses vasilhames. Vale lembrar que no XIX, a comunidade escravizada já se encontra totalmente crioulezada (Gomes & Symanski, 2018).

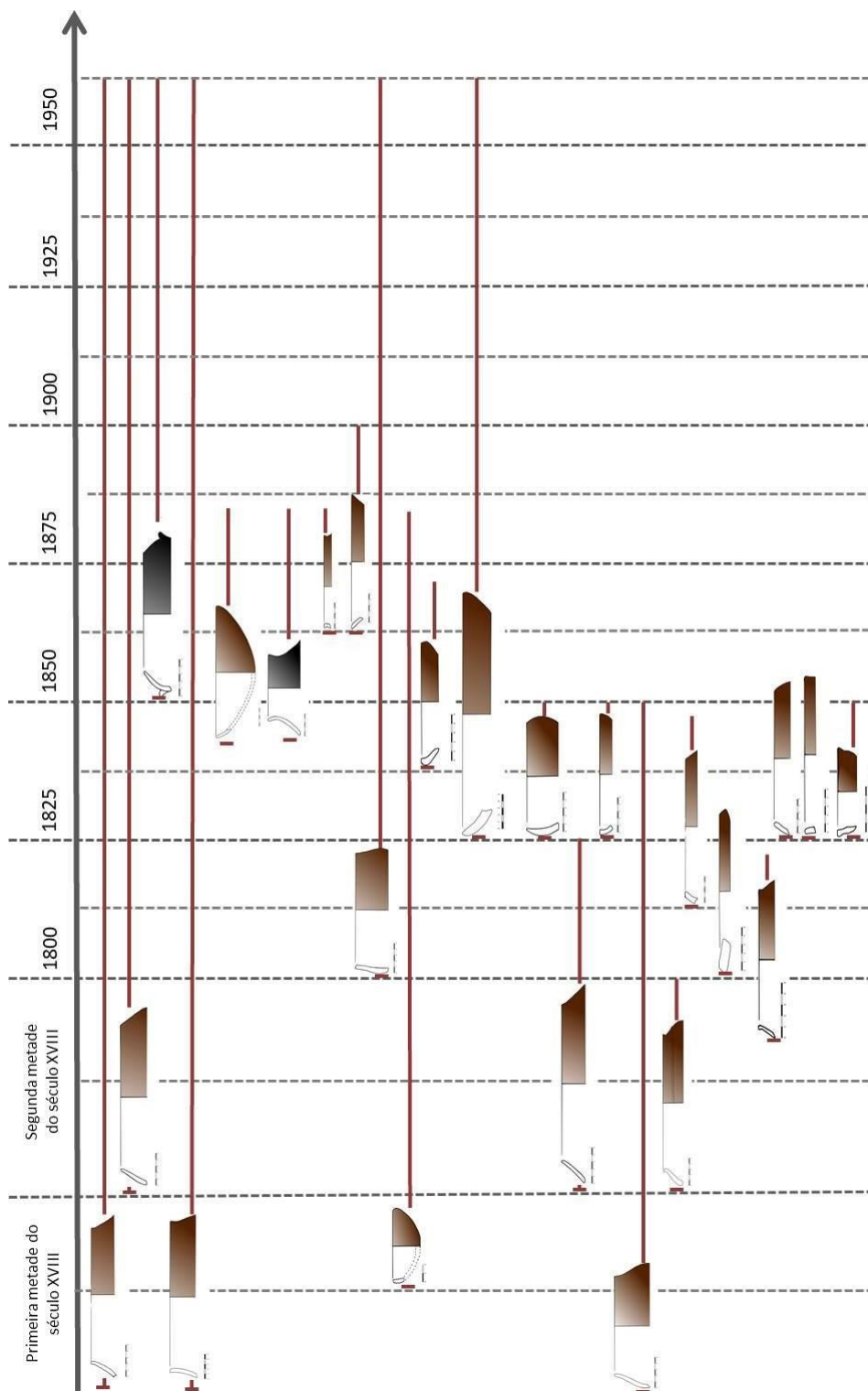


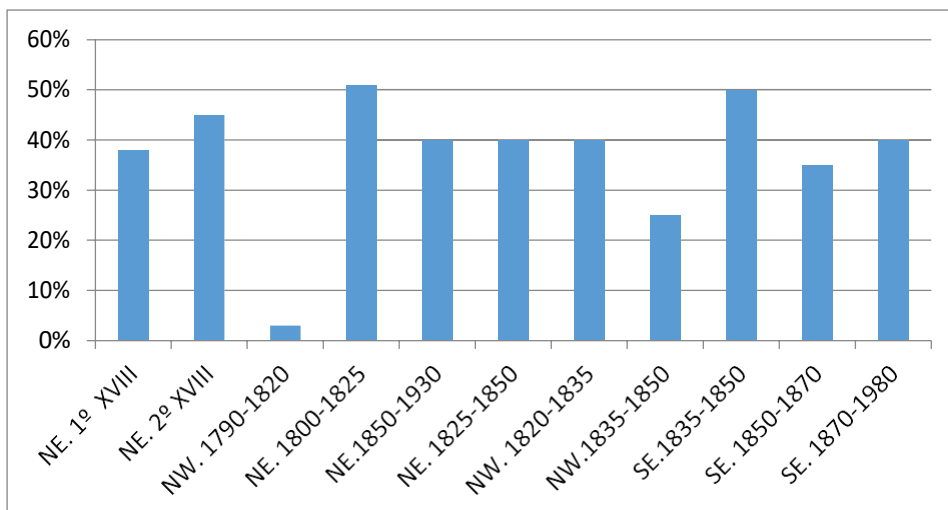
Figura 75. Distribuição das projeções de vasilhames desde o início do século XVIII até pelo menos 1870 em diante.



A figura 75 mostra graficamente essa variabilidade assim como a persistência de algumas morfologias ao longo do tempo. Um dado que nos chama a atenção é a grande variedade a partir do século XIX, em contraste com o século XVIII. Das 25 formas, apenas sete estão presentes nos anos de 1700. Isso cria um contraste muito interessante, pois segundo o que foi mostrado até aqui, na segunda metade do século XVIII tem prevalecido a variabilidade dos atributos decorativos, assim como das asas. O mesmo não se reflete na morfologia dos vasilhames, ou seja, há uma repetição das formas, mas com tratamentos estéticos diferenciados. Quando entramos no século XIX isso se inverte, cresce substancialmente a variedade das morfologias, somem as decorações plásticas, mantendo-se apenas o polido. Da mesma forma, as asas do grupo 1 deixam de ter variações como o ungulado e ponteadado dando preferência por asas menores e com menos trabalhos decorativos. Logo, as variações iniciais estão mais no domínio estilístico que funcional, são culturais. Já as mudanças morfológicas dizem respeito a mudanças nas práticas, vinculadas com o diálogo com a materialidade envolvente, como a oferta de novos materiais, a tendência à segmentação, etc.

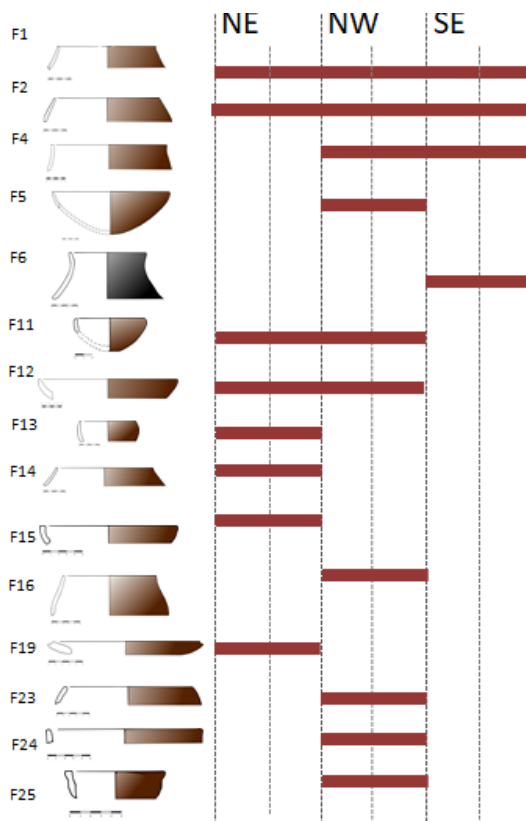
Isto não significa que não havia um apreço estético nesses materiais. Apesar de a decoração plástica deixar de existir, há uma manutenção das peças polidas na face externa. O gráfico a seguir mostra as porcentagens de fragmentos polidos distribuídos cronologicamente. Exceto pelo período entre 1790-1820 específico da área NW, as porcentagens aparecem pareadas, flutuando, em sua maioria, entre 40 e 50%. Ou seja, por mais de 100 anos foi mantida a prática de polimento nas cerâmicas. Ainda assim o polimento parece ser menos expressivo na NW, sendo uma variável mais em termos espaciais do que cronológicos.

**Gráfico 8. Porcentagem dos fragmentos cerâmicos polidos distribuídos na cronologia da senzala do Colégio dos Jesuítas (n=528).**



Foi no período de 1825-1850 que ocorreu o ápice no surgimento de novas morfologias. Os níveis F1s NE, 1 e 2 8.1 da NW e a mancha preta da área SE são contemporâneos no período de 1835 – 1850. Fazendo a distribuição das morfologias, para esse período, a área SE apresenta a menor variedade morfológica. Foram 4 vasilhames identificados em 4 morfologias, para esse período. Enquanto que na área NE foram 13 vasilhames identificados em 8 morfologias. E o maior número foi da NW com 22 vasilhames distribuídos em 10 morfologias. As formas 1 e 2 estão presentes nos três setores. Apenas as formas F11 e F12 são compartilhadas entre as áreas NE e NW. Ainda assim, posteriormente, a partir de 1850 essas formas são inseridas também no setor SE. Com relação à F4, compartilhadas entre o setor SE e NW, ela também aparecia no setor NE, mas só no século XVIII, o mesmo acontece com a F16, ambas deixam de ser utilizadas no setor NE a partir do século XIX.

Tanto a F1 quanto a F2 são os de maior alcance temporal, junto com a F4, porém esta última não está presente nas três áreas. As duas primeiras formas (F1 e F2) por seu alcance cronológico e espacial, representam os denominadores comuns de uma raiz histórica da comunidade, uma espécie de marcadores de uma identidade geral da comunidade da senzala. Formas que foram utilizadas e compartilhadas e principalmente, mantidas. E por serem formas gerais, ainda é possível pensar na manutenção de um mesmo vasilhame sendo passado entre gerações reforçando uma ideia de tradição dessas panelas, não só na transmissão das técnicas, mas também da panela em si.



**Figura 76. Distribuição das formas nas áreas SE, NE e NW no período de 1835-1850.**

Enfim, existe uma dinâmica que parece funcionar intra-setores da senzala. Algumas formas que foram abandonadas em um setor foram retomadas posteriormente em outro. Da mesma maneira que formas foram compartilhadas ao longo do tempo permeando diferentes setores, como o caso das formas que mais tarde foram inseridas ao setor SE.

Tanto a F6 quanto a F3, por exemplo, são particulares da área SE. Ambas as formas apresentam um polimento intenso na superfície interna e externa. A forma 3 se assemelha às produzidas pelas Paneleiras de Goiabeira. Tomando a sua forma de produção como comparativo, há a coleta do barro, a modelagem da peça, o período de secagem, antes de serem queimadas no forno (processo que pode levar até 12 horas). O polimento dos vasilhames e, depois a queima em atmosfera redutora alcançando o aspecto escurecido e uma superfície brilhosa (Muniz, 2014). Tudo isso para ressaltar o trabalho e tempo empregado na confecção desses vasilhames e ainda com o polimento que demanda mais tempo e habilidade da oleira.

Se levarmos em conta ainda o número total de formas e formas exclusivas por área (Tabela 5), em questões quantitativas, parece haver uma equiparação numérica entre elas. Mas o que as análises qualitativas nos mostraram é que na verdade existem diferenças entre essas áreas, principalmente com relação à NE.

**Tabela 3. Dados quantitativos de vasilhames e formas em relação as áreas SE, NW e NE.**

	SE	NW	NE
Total de vasilhames	39	32	53
Formas por área	12	11	11
Formas exclusivas	5	5	5

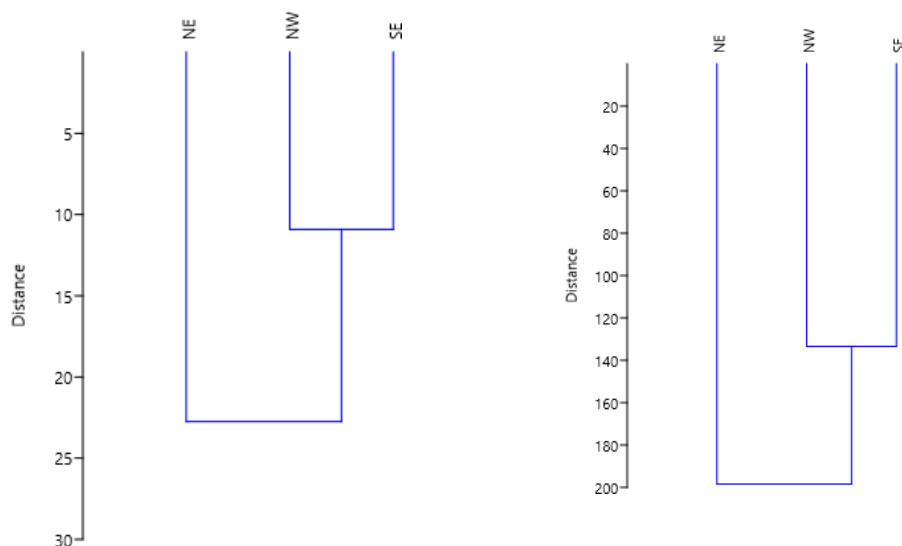
Mas quando é aplicada uma análise multivariada o resultado senguê em outra direção. O próximo gráfico (9) é o resultado da aplicação da análise estatística (*cluster*). Através dessa análise foi possível averiguar o perfil da diferença e semelhança entre as três áreas da senzala baseada na variabilidade das formas identificadas a partir dos fragmentos de borda. É interessante que a análise estatística permite pensar ao mesmo tempo as afinidades e a dissimilaridades. Como abordagem inicial, o que é visto é que as áreas NW e SE tem uma relativa proximidade e se diferenciam da área NE. É importante ressaltar que isso não significa que a área SE e NW sejam iguais, todas as áreas são diferentes entre si devido a quantidade de formas exclusivas. Mas existe uma equivalência, características que são mais comuns aos setores SE e NW do que o NE. Foi feita a tentativa de uma análise componencial, mas justamente por ter uma amostra onde as formas exclusivas sobressaem as formas compartilhadas, não foi possível aplicar o cálculo.

A mesma análise estatística (gráfico 9, figura a direita) foi aplicada para o tratamento estético considerando os atributos ausente, alisado, polido. Mais uma vez os dados mostraram que as áreas NW e SE compartilham de características e se distanciam da área NE. Isso pode indicar que existe uma correlação entre a morfologia dos vasilhames e o tratamento estético. Se adicionarmos a equação o fator das decorações plásticas, a área NE se afasta ainda mais das outras duas.

As análises de Chi Pearson são utilizadas em testes estatísticos aplicados a dados categóricos para avaliar quão provável é que qualquer diferença observada aconteça ao acaso. Mas para ser utilizada, é necessário que haja pelo menos 6

unidades para cada valor. Como na amostra cerâmicas, muitas delas são exclusivas, não chegando a 6 unidades, a análise de Chi<sup>29</sup> não funcionou.

**Gráfico 9. Gráfico à esquerda: resultado da análise estatística (*cluster*) da variabilidade de formas entre os setores NE, NW e SE. Gráfico à direita: resultado da análise estatística com relação do tratamento estético nas três áreas.**

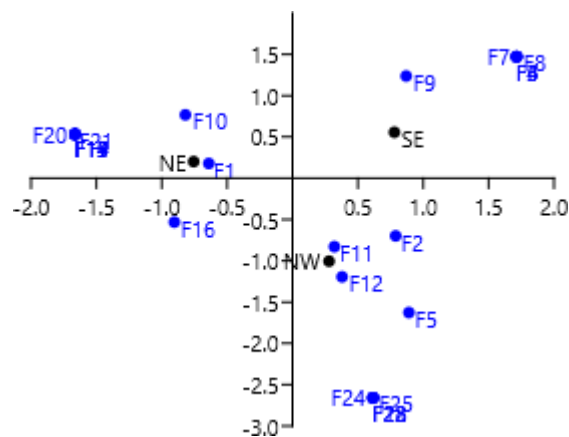


O resultado da análise multivariada<sup>30</sup> (Gráfico 11) mostra a distância da distribuição entre as amostras levando em conta as formas que foram mais importantes para diferenciar as áreas. O gráfico 10 é um análise de correspondência que compara associações e endossa os resultados encontrados com o *cluster*, aproximando as áreas SE e NW e afastando a área NE.

<sup>29</sup> Ver anexo dois.

<sup>30</sup> As tabelas com valores do Gráfico 11 de análise de comparação estão no Anexo II.

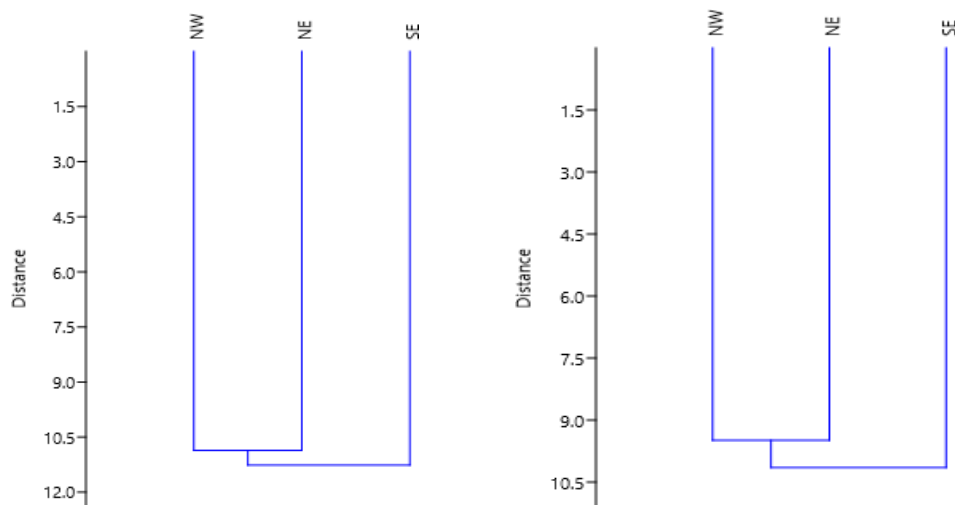
Gráfico 10. Resultado da análise multivariada com base na variabilidade das formas cerâmicas em relação as áreas SE, NW e NE.



Como as amostras cerâmicas não possuem formas completas e os fragmentos decorados (com exceção da forma 17) não são fragmentos de borda fica impossibilitada uma associação direta entre morfologia e decoração. Mas é muito possível que isso esteja relacionado. A forma 17 é um indicativo disso, temos uma decoração beliscada na área de bojo com essa morfologia de vasilhame não se repetindo na amostra. Mas outros fragmentos com decoração beliscada (mesmo nível e área) que poderiam ser dessa mesma morfologia. Parece haver uma conexão, os dados qualitativos indicam nesse caminho, entre forma e tratamento estético dos vasilhames.

A área NE se distingue das outras áreas principalmente em relação a sua cronologia, que vai do início do século XVIII, colocando uma diferença de 100 anos entre essa área e as outras duas. Quando retiramos as morfologias do século XVIII e refazemos a análise de *cluster* (gráfico 11) o resultado se inverte e as áreas NE e NW apresentam mais afinidade do que a área SE. Ainda que não seja uma diferença tão expressiva como apresentada nos gráficos anteriores. Esse resultado se assemelha do que foi apresentado por Symanski (No prelo) com relação às faianças finas, que mostraram diferenças de preferência de decorações entre as áreas SE e NW.

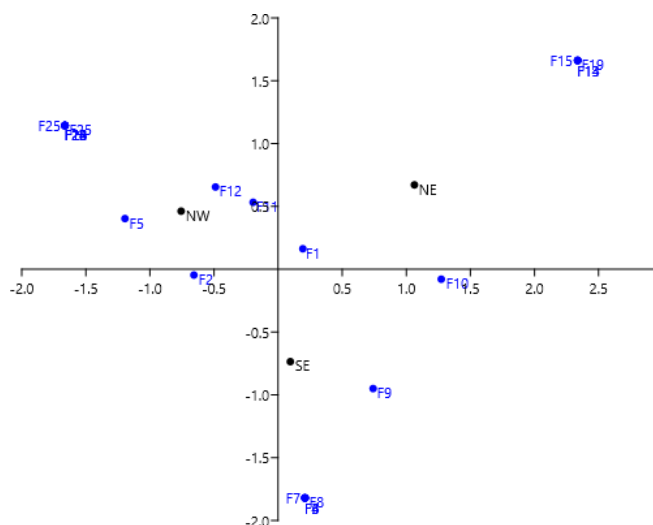
**Gráfico 11. Cluster das áreas no século XIX. Gráfico a esquerda com todas as morfologias. Gráfico a direita apenas com as morfologias relacionadas a preparação de alimentos.**



Essas escolhas e preferências podiam estar se refletindo não só nas faianças finas, mas também na produção e escolha por morfologias das cerâmicas artesanais. No gráfico 10, as formas que tiveram mais peso nos contrastes das áreas foram as F1, F2, F4, F5, F9 e F14. Todas essas formas foram classificadas como utilizadas para a preparação de alimentos. Para confirmar a hipótese que as morfologias associadas ao processamento de alimento são a mais relevante para definir distancia ou proximidades, foi feito um segundo gráfico (gráfico 11 a direita). Nele, foram excluídas as outras morfologias de vasilhames. Como podemos observar, o resultado foi muito semelhante, mantendo as áreas NE e NW como as mais próximas.

As formas associadas ao preparo de alimento são as que se destacam ao longo dessa análise em contraste com os outros grupos funcionais intencionalmente. Isso reforça o que já foi colocado anteriormente da relação entre funcionalidade e tipologias de cerâmicas. Mas o interessante, que fica ressaltado pela análise estatística, é a expressão que essas cerâmicas têm na construção de contrastes e semelhanças entre as áreas da senzala.

Gráfico 12. Resultado da análise multivariada com base na variabilidade das formas cerâmicas em relação as áreas SE, NW e NE.



Mas ainda ficam as questões, porque dessas diferenças entre as áreas? Qual o motivo dessa erupção de novas morfologias na metade do século XIX? O que as asas e decorações podem nos indicar nesse sentido? E porque as decorações plásticas estão restritas ao século XVIII? Tentarei responder essas questões na próxima parte do texto, discutindo os resultados que foram apresentados até agora em relação ao contexto da Fazenda do Colégio.



#### **4. Da argila às panelas de cozer.**

Durante o capítulo três foram feitos alguns apontamentos que serão retomados nessa última etapa do trabalho. Para refletir sobre a variabilidade da amostra cerâmica é necessário resgatar três tópicos fundamentais: o tratamento estético das decorações, os grupos de asas, e a variabilidade morfológica. Essas três categorias demonstram as diferenças entre as áreas, sobretudo entre a área NE e as SE e NW. A NE apresenta uma grande diversidade estética quando comparada às outras duas. Esse contraste entre as áreas funciona tanto numa escala cronológica quanto espacial.

O contraste entre a área NE/ SE e NW demonstrada nos gráficos 10 e 11 ajudam a pensar essa diferença. Devemos levar em conta a dimensão temporal das áreas. Visto que a área NE é a mais antiga, atingindo o início do século XVIII, em contraste com as outras duas que são majoritariamente do século XIX. A distinção entre as áreas demonstra uma diferença das cerâmicas numa escala cronológica, ou seja, uma amostra cerâmica que ao longo do tempo foi se modificando. E dessa forma ao longo do século XVIII e XIX as morfologias foram se diferenciando.

##### **4.1 Casos de resistência**

Na área NW foi identificada uma fogueira, composta de pedaços de tijolos soltos, que circundavam uma vala com grande quantidade de carvão e de material ósseo. Os materiais faunísticos identificados eram de animais domésticos como boi e porcos como também animais silvestres, como jacarés e gambas, e peixes (Symanski & Pereira Junior, 2016). A caça e coleta de elementos silvestres, assim como os quintais domésticos podiam apresentar possibilidades de escolhas (Souza & Gardiman, 2016). Guglielmo (2011) indicou também que no período de Joaquim Vicente dos Reis os cativos podiam cultivar suas próprias roças, sendo que um dia da semana era reservado para promover o auto sustento da sua força de trabalho. Não se tem essa informação com relação ao período dos inicianos. Mas vale lembrar que no século XIX é onde há um aumento substancial na variabilidade das morfologias. É possível que o período de Joaquim Vicente dos Reis e de seus descendentes oferecessem uma maior autonomia para os cativos.

A grande variedade de vasilhames pode estar relacionada a uma diversificação da alimentação, assim como acesso a outros bens de consumo. Para confirmar isso seria necessário o cruzamento com os estudos dos materiais

zooarqueológicos. No entanto a análise desses materiais está ainda em desenvolvimento, não tendo sido aplicada para as três áreas em questão. Mas outro estudo que segue nessa direção foi a análise das cerâmicas vidradas que também constataram uma maior diversificação morfológica dessas cerâmicas na área NW ao longo da primeira metade do XIX. Tanto as morfologias de louças como as das cerâmicas vidradas tem um pico de diversidade entre os anos de 1835 e 1850, indicando uma maior individualização no momento das refeições (Lima, 2017). Percebemos algo muito semelhante nas cerâmicas acordeladas, indicando que nesse período parece ter havido uma maior autonomia nas escolhas dentro da economia doméstica dos cativos.

Essas morfologias estão vinculadas a um processo mais amplo e de maior diversificação da cultura material na sociedade brasileira oitocentista, expressa também nas louças e vidros. Podem ser indicativas, assim, de um diálogo da comunidade de senzala com o mundo envolvente. É provável que os cativos tivessem certa autonomia na escolha de suas louças e essa diversidade pode ter estimulado as morfologias cerâmicas, explicando, desse modo, o alto índice de formas exclusivas na amostra ao longo do século XIX. Seja por um processo de produção interna, das escravas da senzala, ou mesmo externa, de ceramistas livres que comercializavam seu produto.

Aproveito aqui para fazer uma discussão ainda não realizada e de relevância para o trabalho, que diz respeito à questão de quem produziu essas cerâmicas. Durante a escrita foi assumido que as cerâmicas são de produção local, realizadas pelos próprios cativos da senzala. O registro histórico indicando a presença de escravos específicos para a atividade de olaria na Fazenda, a existência de uma olaria nesse espaço, a facilidade no acesso à matéria prima, alguns potes menores e mais toscos que poderiam ser indicativos de um processo de aprendizagem, são componentes que, somados, reforçam a ideia de que as cerâmicas tratadas nesse trabalho são de produção local. No entanto não se pode descartar ainda que esses vasilhames, ou alguns deles, tenham chegado à senzala através de um comércio de cerâmicas. Análises físico-químicas e de cerâmicas numa escala regional poderiam lançar luz sobre essa questão.

Há uma diferença de significado atribuída a essas peças se, por um lado elas sejam de produção local da comunidade, ou por outro, produtos de uma aquisição no mercado local. Na primeira hipótese a produção local realizada por artesãs da

comunidade indicariam a manutenção de práticas ancestrais, com as peças podendo fazer parte de uma economia interna da senzala, em que as ceramistas poderiam fornecê-las em troca de bens como alimentos, outros produtos artesanais e até mesmo dinheiro. Como foi apontado em outro momento do texto, era permitido aos membros da comunidade da senzala trabalhar e formar pecúlio próprio, mais utilizado no consumo de bens do mercado do que na compra de liberdade (Guglielmo, 2011). Essa atividade criou oportunidades para que os cativos consumissem uma diversidade maior de bens, seja através do comércio interno ou externo à senzala.

Um ponto interessante é com relação ao que foi mostrado através da análise de composição das pastas cerâmicas das três áreas. Como foi visto, pelo menos duas fontes de argilas diferentes foram utilizadas para a produção das cerâmicas. Vale lembrar também que esse contraste aconteceu entre as áreas, onde em momentos contemporâneos, dependendo de que área a cerâmica era proveniente, houve diferenças entre as pastas. Essa relação com as fontes de argila acrescenta pouco na discussão sobre uma produção externa, afinal é esperado que, sendo esse o caso, haja realmente uma variação. Mas também não exclui a possibilidade de uma produção local onde teríamos diferentes artesãs recorrendo a fontes distintas de argila. O que essa variação de fato demonstra é que a produção não era centralizada em um único núcleo.

Assim há duas possibilidades: uma aquisição dessas peças no mercado, ou pela produção local, de diferentes ceramistas que se utilizavam de diferentes fontes de argila. No caso da produção local, o apelo seria maior para a significância dessas peças no processo de construção identitária dessa comunidade da senzala, que nos remete para uma maior consistência das colocações feitas nos itens anteriores. No caso de aquisição pelo comércio, as reflexões recaem na questão da significância do consumo, com um material que para esses grupos da senzala tinham uma forte conexão identitária, pois remetiam ao ambiente material e às tradições, tanto indígenas quanto africanas; serviriam assim como marcadores do ambiente material da senzala e das práticas do preparo e consumo de alimentos, criando assim, um ambiente material que remetia à tradição e ancestralidade. Nesse sentido, as significâncias não são excludentes, mas no caso de uma produção local, temos um vetor de identidade que pode ter sido mais explicitamente empregado por esses grupos. Acredito assim que, sobretudo pela durabilidade dos tipos compartilhados, a

hipótese de que essas cerâmicas foram produzidas pelos cativos da senzala do Colégio seja a mais plausível.

Agora, considerando as práticas alimentares e a continuidade de algumas formas e técnicas, pretendo refletir sobre a tradição dessas cerâmicas e a ancestralidade. A estrutura de fogueira evidenciada na área NW está intimamente relacionada ao preparo de alimentos, assim como está próxima às áreas de habitação. Os cativos se sentavam em volta da fogueira e depositavam os resíduos por eles gerados nessa estrutura e em seu entorno (Symanski & Pereira Jr., 2016). Ao redor da fogueira se reuniam, compartilhavam e preparavam o seu sustento, momento em que as cerâmicas eram utilizadas tanto no preparo quanto no consumo dos alimentos. Dessa forma esses utensílios cerâmicos eram parte integrante das práticas de socialização.

Essa estrutura foi identificada numa área adjacente às áreas da habitação, isso indicando que as práticas alimentares estavam voltadas para um espaço fora da área da senzala. Em outras fazendas do Norte-fluminense, como nos engenhos de Quissamã, as cozinhas eram mantidas na frente da senzala (Marchiori, et al., 1991), essa divisão dos espaços reservados as práticas alimentares era provavelmente, uma prática regional. A estrutura de fogueira identificada na área NW da Fazenda do Colégio corrobora isso. Outros estudos que visaram a área NW chamaram a atenção na similaridade da divisão do espaço. Essa separação entre o local de habitação e a preparação de alimentos, e este junto a fogueiras, tem paridades a tradição de sociedades da África Ocidental e Central (Souza & Gardiman, 2016; Symanski & Junior, 2016). Os escravizados não estavam comendo conforme as práticas europeias de seus senhores, mas se aproximando das práticas dos seus ancestrais (Ferguson, 1991).

Outro aspecto importante expresso nas análises diacrônicas e espaciais é o processo de crioulização cultural a partir do século XIX. A variabilidade estilística diminui a partir desse século em contraponto ao aumento da variabilidade morfológica. Essa é uma época onde já não há a entrada de novos cativos na comunidade da senzala, mas que ainda são mantidas as estruturas familiares. Houve uma diversidade estilística no século XVIII, seguido do declínio da mesma a partir do final do XVIII, a qual pode relacionar-se a um processo de entrada de africanos no Colégio e na região, seguido de uma maior homogeneização cultural após a expulsão dos jesuítas.

Observando a continuidade que algumas morfologias têm na amostra, percebemos que esses vasilhames tem uma continuidade de 200 anos nesse contexto, ou seja, com uma alta profundidade temporal, sendo encontradas nas três áreas. Vale ressaltar ainda que todas as morfologias com longa continuidades estão relacionadas ao preparo de alimentos. Mais uma vez, da mesma forma que as panelas marcam diferenças, elas também participam de uma matriz cultural que estava sendo construída e compartilhada. Essas panelas poderiam estar sinalizando as similaridades intra-grupos embasando as paridades numa tradição, num modo de fazer.

Porém, isto somente é coerente se a cerâmica foi produzida por ceramistas da própria comunidade, o que ainda é a questão central. É possível que já no século XIX essa necessidade de marcar fronteira não fosse algo tão forte, dando espaço a um entendimento de identidade mais comum a comunidade da senzala.

O preparo e consumo de alimentos foi uma dimensão fundamental na vida cotidiana. Vasilhames cerâmicos tendem a cozer o alimento de maneira mais lenta e em temperaturas menores que panelas de metal, por exemplo. É visto ainda que, em alguns casos, comunidades crioulistas a partir do contato de escravos africanos e indígenas tenderam a escolher vasilhas cerâmicas. Ambos, africanos e indígenas, vêm de tradições onde é comum a fabricação e utilização de utensílios de barro (Ferguson, 1991). É possível ainda que o próprio barro possa ter sido um fio condutor entre esses contatos culturais. Uma linguagem comum, pela qual se pode expressar compartilhar e também demarcar diferenças. Uma materialidade que perpassa diferentes tradições, em diferentes espaços e cronologias e que está constantemente presente nas práticas tradicionais e cotidianas. Tanto na própria fabricação do vasilhame e na transmissão da técnica, afinal como foi visto ao longo do texto, alguns dos atributos identificados nos potes tem uma continuidade de quase duzentos anos dentro dessa comunidade. Da mesma forma que o preparo desse alimento que demanda tempo, que promove a convivência e o compartilhar do alimento. O comer entra então numa dimensão social e política, pois se trata de poder, costumes e memória (Rego, 2013). Podemos considerar ainda que o gosto tem a extensão do imaginário e no estabelecimento de lembranças afetivas. Relações que são construídas através das cerâmicas.

Contrastes entre a cultura material da casa grande e da senzala são sempre esperados, eles acontecem por dois movimentos. Um decorrente da própria agência

dos cativos que vão selecionar aqueles materiais que mais lhes fazem sentido, havendo ainda um processo de ressignificação. Mas há também o próprio contexto da sociedade colonial, onde era fundamental para os senhores manterem uma distância, e delimitar diferenças, afinal ao longo da história da humanidade, quem é escravizado é o outro, o diferente, e não o semelhante (Patterson, 2008). O controle de bens materiais e a manipulação ideológica são centrais nas disputas de poder. E o estilo da cultura material pode ser um importante componente na manipulação de estratégias de dominação. Elites recorrentemente tem acesso exclusivo a certos tipos de bens, status que são reforçados através da iconografia (Hegmon, 1992).

Dessa forma a própria materialidades assim como os hábitos cotidianos perpassam por essa delimitação de fronteira. Alguns dos objetos como as louças e algumas das morfologias encontradas na área da senzala têm semelhança com o que era consumido pela elite colonial na sede da fazenda. Se por um lado para o europeu romper com essa fronteira se constitui num perigo, para o cativo isso se transforma em ato de resistência uma vez que contesta um dos fundamentos da escravidão que é a segregação étnica, ao mesmo tempo em que subverte as fronteiras materiais impostas pela elite. Estas que eram mantidas nas esferas materiais, espaciais e de divisão do trabalho.

Não é preciso fazer uma rebelião para fazer resistência (Scott, 1990). A relação entre as elites dominantes e os subordinados tem a sua cota numa luta material nas quais ambos os lados estão buscando fragilidades e explorando pequenas vantagens. Essa resistência “velada” ou obscurecida se configura como uma forma de adaptação às relações de poder vigentes, uma vez que o confronto direto com a elite provavelmente culminaria numa derrota dos subordinados. As relações entre senhores e escravos são um processo de subordinação firmemente ancorado nas práticas materiais (Scott, 1990). Isso está posto no controle dos frutos do trabalho dos cativos, assim como na inibição ao acesso aos bens de consumo.

Existe então uma dialética entre a transcrição oculta<sup>31</sup> e a resistência prática. Um não é impeditivo da outra, nem precisam ser substitutas. A pressão material

---

<sup>31</sup> Scott (1999, p. 14) enfatiza três características principais da transcrição oculta. A primeira é que ela é específica para cada lugar social e de um conjunto particular de atores. O segundo aspecto é que a transcrição oculta não contém apenas atos de fala, mas toda uma gama de práticas por muitas vezes sutis, mas que também podem se traduzir como caça furtiva, furtos dentre outras. Por fim, as fronteiras entre o público e as transcrições ocultas se constituem como uma zona de luta constante entre dominante e subordinado. A transcrição oculta acontece num campo que é aquele “fora dos palcos”, onde se descobre contradições e possibilidades que estão abaixo da superfície plácida que a

contra o processo de apropriação é um desejo de responder e tem a sua própria lógica (Scott, 1990). O que é visto aqui é que através da agência dos grupos cativos sobre a sua cultura material foram adotadas estratégias que tem como conotação liberdades simbólica.

#### 4.2 Questões de identidades étnicas e individuais

Voltando a discussão que foi levantada sobre estilos. No que diz respeito diz respeito ao quanto que essa variabilidade das cerâmicas pode estar relacionada a uma diferenciação entre os grupos da senzala. E ainda o que essa variabilidade está sendo considerado como estilo para demarcar essas diferenças.

Pensando na questão das variações decorativas encontradas nas asas do Colégio, em alguns casos elas apresentaram marcas singulares na amostra com ponteados, incisos e ungulados (Figuras 30, 34, 37, 38, 40) que não se repetiram na amostra. Elas se encontram em pontos de pouca visualização e em tamanhos pequenos. Se seguíssemos a lógica de Hegmon, elas estariam numa instancia privada o que poderia indicar sistemas rituais ou de crenças. Esse é um argumento difícil de sustentar uma vez que não existam outros elementos no contexto arqueológico que indiquem isso.

Devido aos fatores de singularidade, é possível que a especificidade dessas decorações pudesse se tratar de um estilo individual da ceramista. Ou várias ceramistas com acabamentos distintos e imprimindo nas cerâmicas expressões individuais ou assinaturas baseadas na experiência e conhecimento pessoal (Schiffer & Skibo, 1997). Nessa linha me aproximo de Wiessner (1985), onde essas marcas caracterizariam um estilo e logo, uma ferramenta ativa usada nas estratégias sociais, e que deve ser entendida dentro do contexto mais amplo de identidade pessoal. Essa parece a suposição mais plausível para tratar a variação dessas marcas na amostra. Ainda assim não é suficiente para entender a variabilidade das asas, num espectro mais amplo, ao longo da cronologia e espacialidade da senzala da Fazenda do Colégio.

---

acomodação pública, à distribuição existente de poder, riqueza e status geralmente apresenta. Uma disputa que não ocorre em contato direto, mas através das estratégias dos participantes implicados na situação.

Dos pontos que foram apresentados até agora, todos os autores têm contribuições importante para a temática dos estilos. Foi visto que a variabilidade é um fator significativo na definição dos estilos. Concordo que estilo, forma e função não podem ser separados (Shanks & Tilley, 1988; Wiessner, 1985; Dietler & Herbich, 1988). Entender as técnicas e a cadeia operatória do material é importante, pois, elas estão entrelaçadas com questões culturais e de significância. Mas isso não pode ser visto como um reflexo da estrutura cognitiva uniformemente compartilhada, e sim em relação a um processo histórico para entender a mudança dos estilos dentro da sociedade.

Pesquisas mais recentes que abordam a temática dos estilos têm considerado o uso ativo deste nas estratégias sociais dos indivíduos e como produções sociais que são criadas e manipuladas pelos atores sociais. Utilizando o conceito de *habitus* de Bourdieu (1977), o estilo deve ser visto como resultado de uma gama de características de respostas a escolhas técnicas, formais e decorativas, interligadas e realizadas em todas as etapas de uma cadeia operatória, entendendo a cultura material como um fenômeno social, incluindo o processo de continuidade e inovação das suas trajetórias. Então a questão é entender os fatores que condicionam essas escolhas, as suas inter-relações e efeitos recíprocos, considerando os artesãos como atores sociais e a produção e uso desses objetos como uma atividade social (Dietler & Herbich, 1988). Assim o foco da análise é o estilo material como algo intencionalmente colocado, a fim de sinalizar a identidade de grupo.

Dentro dessa perspectiva, pensando no contexto colonial e mais especificamente no contexto de uma senzala, onde existe um controle sobre os bens de consumo assim como nas expressões culturais, essas pequenas marcas na cerâmica poderiam ser uma forma do ceramista reafirmar a sua individualidade. E isso poderia estar acontecendo não apenas nas cerâmicas, mas com outras materialidades dentro da senzala, como contas de colar, louças e outros objetos que os cativos tinham acesso. Dentro de um processo de ressignificação, esses materiais podem ter assumido outras conotações para o grupo de cativos.

Vamos voltar à discussão sobre a etnicidade. Esta é uma importante identidade social que organiza fortemente o cotidiano das comunidades e ao mesmo tempo desempenha um papel ativo fundamental na configuração da produção, distribuição e consumo de cerâmicas. Da mesma forma que o universo da cerâmica



participa ativamente da negociação permanente de tais identidades étnicas (Calvo et al., 2016). Num estudo etnoarqueológico em Gana, Calvo e colegas entenderam que houve diferenças importantes em relação às porcentagens de uso dos produtos cerâmicos e que essas diferenças podem ser explicadas, em parte, pela influência direta da identidade étnica e suas implicações histórico-políticas, tanto quanto as relações sociais que elas implicam. Para trabalhar esse aspecto foi utilizado o conceito de reputação, tanto de produtos cerâmicos quanto dos próprios ceramistas. Assim, relacionando a materialidade da cerâmica e a realidade percebida.

Nesse trabalho de Calvo e colegas fica muito claro como as relações entre os grupos baseadas na diferença de identidade étnica influenciaram as escolhas dos materiais cerâmicos. As inferências feitas pelos autores conseguem alcançar um nível de detalhamento no sentido das dinâmicas de grupos étnicos graças ao trabalho de etnografia que foi feito em associação à cultura material. Mas pensando no caso do Colégio, onde as inferências são baseadas apenas cultura material e no contexto histórico, a identificação de etnicidades nesses grupos seria no mínimo complicada.

Seguindo a discussão, Hegmon (2000) pondera sobre relações muito diretas. O que podemos tentar entender é por que alguns atributos da cerâmica se espalham enquanto outros se correlacionam com os limites dos grupos sociais. Às vezes a cultura material é usada ativamente para marcar, estabelecer e manter limites e às vezes diferenças sociais ou políticas resultam em diferenças materiais. Os estudos que desenvolvem essa temática têm fornecido uma compreensão das relações variáveis entre a cultura material e os limites sociais. Estudos arqueológicos na África Ocidental têm mostrado que a etnia é um aspecto mutável da identidade individual e de grupo e que a cultura material é usada na negociação da identidade (Hegmon, 2000).

Bowser (2000) demonstra como ceramistas da Amazônia equatorial usam decoração em cerâmicas para significar alianças políticas e assim, menos associada à identidade étnica. Mas, seja numa dimensão política ou de identidade étnica, o importante é ressaltar como a cultura material é usada para negociar aspectos mutáveis da identidade social. Assim de maneira interativa, heterogênea e dinâmica vão acontecendo processos onde são construídos o “nós” em oposição a “eles” (Bowser, 2000).

Os estudos de variabilidade na cerâmica e a consideração de diferentes tipos podem levar a entendimentos mais sutis das maneiras com as quais a identidade

se relaciona com essa variabilidade. Alguns trabalhos (Bowser, 2000; Calvo, et al., 2016) desenvolvidos na área chegaram a conclusão de que há alguma correlação entre grupo/ fronteiras políticas e tradições tecnológicas, embora não fique claro se as diferenças na tecnologia são percebidas como aspectos da identidade de grupo.

Com relação ao estabelecimento de identidades étnicas, acredito que os dados (arqueológicos, históricos ou etno-históricos) não forneceram subsídios para tratar mais profundamente dessa temática no caso da Fazenda do Colégio. O que pode ser dito é que o contexto histórico de formação da escravaria indica para uma diversidade étnica tanto de africanos quanto de indígenas. E podemos pensar nas negociações intra-grupos a partir da cultura material, levantando algumas hipóteses.

Num primeiro momento as decorações podem ter sido utilizadas como veículos de expressão identitária e de diferenciação entre os grupos da senzala. A identidade étnica é um fenômeno de formação de fronteira e logo situacional e relacional (Barth, 1995). Assim, da mesma forma que a senzala poderia estar se estabelecendo em contraste com o branco da casa grande, também se entende que essas relações poderiam estar acontecendo dentro da própria senzala, com grupos distintos buscando definir limites de individualidade e de identidade.

Refletindo sobre caracterização apresentada ao longo do capítulo três, entendo que os atributos tecno-funcionais devem ser considerados na análise estilística dentro dessa lógica de resposta, numa dialética entre estrutura e agência. A cerâmica apresenta algumas tendências nas escolhas técnicas. Preferência pela queima redutora, técnica do acordelado, vasilhames de tamanho médio. Essas são características comuns tanto numa escala cronológica quanto espacial. E podem ser pensadas como a manutenção e compartilhamento de um conhecimento que se tornou uma tradição dentro dessa comunidade. Podemos considerar que no começo do século XIX, esse modo de fazer já tinha pelo menos 100 anos de continuidade.

As escolhas por manter essas características podem expressar também afinidades. Em cerâmicas trabalhadas por Ferguson (1991) no contexto da Carolina do Sul, foi identificada uma grande similaridade nas formas e acabamentos dos vasilhames. A partir disso o autor indica que essas igualdades estariam arroladas a enfatizar as paridades dos escravizados e a sua herança em comum. Isso podia refletir também nos padrões de modo de alimentação na qual se incluíam essas cerâmicas, o que era consumido, a forma de preparo. As cerâmicas com alta profundidade temporal podem expressar uma herança comum, servindo como

referencial de uma identidade mais inclusiva, temporalmente embasada e reproduzida por meio da tradição. Sendo ela elaborada e significada socialmente, entendidas como indicadores de vínculos sociais.

As preferências também aparecem na perpetuação de algumas morfologias de vasilhames no Colégio dos Jesuítas assim como a duração de algumas práticas como o polimento e as asas com beliscado, indicando um exercício de compartilhamento de uma herança que foi se tornando comum ao grupo. Escolhas que foram aceitas e participadas. É possível ainda que no século XIX, com a comunidade já croulizada, a memória de grupo ficasse mais fortalecida. É justamente nesse período que houve uma preferência por cerâmicas mais semelhantes na dimensão estética. Dessa forma, a necessidade de marcar as diferenças intra-grupos não precisasse ser tão sólida. O que não significa que cada grupo tenha abdicado de sua particularidade. O que está sendo considerado, não é que cada área da senzala tenha desenvolvido um estilo próprio, mas que existiram variações desses estilos e que mudanças podem ocorrer como resposta a uma variedade de demandas.

Assim, o maior grau de similaridade encontrado nos contextos a partir dessa época contrasta com a de períodos caracterizados pela diversidade étnica, tanto indígena quanto africana. Essa paridade pode estar indicando no sentido da criouliização cultural, mas que não erodiu outras formas de diferenças, como de espaço ou mesmo da cor da pele. Assumindo que esse processo de criouliização ocorreu, acredito que as cerâmicas participaram ativamente desse processo ao representar similaridades, seleção e manutenção de certos atributos que no século XIX eram predominantes nas três áreas. É necessário ainda se estender para outras dimensões da variabilidade, que recai na construção da diferença em outros domínios particulares no socioeconômico.

Uma das questões levantadas é que, se por um lado a comunidade da senzala constituiu proximidades, principalmente em contraste com a sede da fazenda, isso não significa que era uma comunidade homogênea. Muito pelo contrário, as cerâmicas demonstram preferências distintas com relação ao tratamento estético que podem ser relacionadas às áreas da senzala. Indicando diferentes níveis de variabilidade, da mesma forma que a identidade pode se agenciar de várias formas. É entendendo que a cultura material neste caso, a cerâmica - constitui um mecanismo para a negociação dos aspectos mutáveis das identidades comunais (Hegmon, 2000).

Uma das características que marcou essa amostra foi o quesito da exclusividade de alguns atributos em relação às áreas trabalhadas. Comparando as asas, morfologia e tratamento estético essas diferenças nas escolhas ficam mais evidentes. Foi visto que existem preferências por asas com beliscado no setor NE enquanto que no setor SE surgem asas alisadas e mais representativas na amostra dessa área.

Associado ao beliscado nas asas, as cerâmicas da área NE também apresentam decorações plásticas. É possível que esses elementos façam referência a uma memória indígena, o que é contrastante com as morfologias que não parecem estar associados a uma tradição ceramista indígena. Pelo contrário, as formas dos vasilhames são comuns a outros contextos com cerâmicas históricas no Brasil a partir do XVIII (Souza & Lima, 2017; Souza & Gardiman, 2016; Souza & Lima, 2017; Souza & Symanski, 2009). Esse caráter polivalente e polissêmico da cultura material demonstra que mais importante do que identificar correlações sobre possíveis origens ou referenciais, é pensar-nos muitos domínios da experiência afro-americana e indígena (Silliman, 2010). Tais escolhas não são aleatórias, mas um conjunto de traços compatíveis com a estrutura que gera o *habitus* (Dietler & Herbich, 1988).

O grupo 2 das asas apresenta uma característica distinta com relação as outras por se constituir como uma protuberância em relação ao corpo cerâmico. As duas asas da segunda metade do século XVIII com decorações incisadas e ponteadas são abandonadas em seguida. Essas duas formas apresentam características intermediárias entre as decorações que estavam sendo adotadas na senzala nesse período, aplicadas num formato que talvez buscasse se aproximar mais das louças da sede da fazenda. Lembrando que essa foi a época da chegada da família de Joaquim Vicente dos Reis, as cerâmicas não eram alheia ao mundo a que faziam parte (Souza & Lima, 2017). Assim poderiam ser a materialização das negociações culturais com os novos proprietários da Fazenda, sendo que logo em seguida foram abandonadas, em contraponto à manutenção das asas de estilo beliscado.

Retomando ainda as análises estatísticas, para o gráfico de análise comparativa (gráfico 10), as formas que tiveram mais peso nos contrastes das áreas foram as F1, F2, F4, F5, F9 e F14. Todas essas formas foram classificadas como utilizadas para a preparação de alimentos.

Na análise de *cluster* a conclusão foi semelhante, com as panelas definindo as diferenças e semelhanças entre as áreas. Um desdobramento disso é, levando em consideração o peso e representatividade na amostra, nas cerâmicas artesanais, as morfologias relacionadas ao preparo e consumo de alimentos tiveram uma importância maior em relação às outras funcionalidades. Ou seja, das morfologias estatisticamente mais representativas para diferenciar as áreas, todas elas eram no preparo de alimentos, nenhuma de estocagem, serviço ou consumo. Além disso, vale ressaltar que o tipo F17 é a única panela que não tem continuidade na amostra, nem é compartilhada com as outras áreas. Esta também é a única morfologia que está diretamente relacionada a uma decoração plástica. Mais uma vez se percebe o contraste que as decorações criaram. É possível que a relação direta entre a morfologia e decoração possa ter feito dessa panela menos aceitável para outros grupos dentro da senzala.

O que foi mostrado e discutido ao longo do texto refere-se às diferentes camadas de significância que as panelas tinham dentro da comunidade da senzala. Elas foram utilizadas para marcar traços individuais dos oleiros. Apresentaram inovações, abandonos de formas, que podem ter sido substituídas. Acredito que isso pode indicar o espaço que essas panelas tinham nas relações de grupos. Um espaço fundamentado e relacionado a heranças no modo de fazer as cerâmicas e consumir os alimentos.

## **5. Conclusões e perspectivas futuras.**

A primeira vista, a amostra cerâmica da Fazenda do Colégio dá a impressão de ser uma amostra homogênea, com poucas particularidades, porém, com a aplicação de uma análise minuciosa, o uso de uma ficha com 27 atributos, projeções de borda, discussões de funcionalidade, distribuição espacial e cronologia de quase 200 anos, as cerâmicas se desdobraram em inúmeras possibilidades interpretativas. Depois de passar por este processo de análise, as cerâmicas mostraram singularidades como as decorações e as asas, assim como rupturas e inovações ao longo do tempo, escolhas diferenciadas na morfologia de potes para cada área dentro de um mesmo período. Enfim, uma multiplicidade que levou a novos desafios e

interpretações. Revelando assim um estilo cerâmico com diversidades que variam morfológicamente ao longo do tempo e do espaço.

Foi enfatizada a importância das relações sociais e dos agentes envolvidos no consumo da cerâmica. Uma parte considerável da pesquisa perpassou uma parte técnica de identificação e caracterização da amostra cerâmica, mas visando as possibilidades de vislumbrar as relações estabelecidas a partir da cultura material. Não só em termos econômicos e de eficiência, mas buscando as complexas redes sociais, políticas e históricas que configuraram esse grupo.

Refletindo sobre caracterização apresentada ao longo do capítulo três, entendo que as cerâmicas devem ser consideradas na análise estilística dentro dessa lógica de resposta, numa dialética entre estrutura e agência. A cerâmica apresenta algumas tendências nas escolhas técnicas. Preferência pela queima redutora, técnica do acordelado, vasilhames de tamanho médio. Essas são características comuns tanto numa escala cronológica quanto espacial, e podem ser pensadas como a manutenção e compartilhamento de um conhecimento que se tornou uma tradição dentro dessa comunidade. Podemos imaginar que no século XIX, esse modo de fazer já tinha pelo menos 100 anos de continuidade.

O tempo todo o trabalho dialogou com as similaridades e diferenças. Se por um lado foram identificados contrastes, rupturas e abandonos há, contudo semelhanças muito relevantes quando colocadas numa escala cronológica. Elas se referem a um compartilhamento tanto morfológico, quanto nas técnicas que se apresentam onipresentes e com uma grande profundidade temporal. Essas morfologias podem ter sido instrumentais na construção de um senso de coletividade na senzala, atuando como referências materiais e transmitidos por uma tradição nos modos de fazer e de usar essas peças. São como raízes ou eixos, que servem como uma base estável para a variação que se processa no tempo em direção a maior diversidade morfológica.

As análises das cerâmicas mostram uma comunidade com uma cultura material diversa. Pensando numa comunidade que está sendo formada desde o século XVII, as cerâmicas do século XVIII apontaram para uma maior diversidade tanto em atributos estéticos quanto a tendências na produção dessas cerâmicas. Num período onde ainda há entrada de novos cativos, essa variabilidade parece estar relacionada a contrastes culturais entre os grupos que se formavam dentro da senzala. Já a partir do

século XIX, onde se pode inferir a crioulização através dos dados históricos, são também nesse período em que a variabilidade morfológica nas cerâmicas é mais relevante, vasilhames caracterizados pelo aspecto escurecido e pelo polimento. Nesse caso o âmbito cultural parece seguir para uma maior similaridade, e essa variabilidade morfológica tem implicações socioeconômicas. Possivelmente relacionada ao acesso a novos produtos e ao comércio local.

Observando a continuidade que algumas morfologias na amostra, percebemos vasilhames com uma alta profundidade temporal, sendo encontradas nas três áreas. Vale ressaltar ainda que todas as morfologias com longa continuidades estão relacionadas ao preparo de alimentos. Mais uma vez, da mesma forma que as panelas marcam diferenças, elas também participam de uma matriz cultural que estava sendo construída e compartilhada. Essas panelas poderiam estar sinalizando as similaridades intra-grupos embasando as paridades numa tradição, num modo de fazer.

Numa comunidade tão diversa e com uma profundidade temporal tão grande seria perigoso querer defini-la de uma única forma. Parece ter ocorrido vários processos que pendulam entre a construção de igualdades e afirmações de diferenças. Relações essas que parecem ter sido fluidas com um trânsito entre ambos os casos.

Nessa amostra também foi muito presente as exclusividades. Tanto na morfologia quanto na decoração encontrada apenas na área NE na segunda metade do século XVIII. Período este, marcado pela diversidade na amostra também observada nas asas e em algumas marcas singulares deixadas pelas ceramistas. Durante o século XIX as variações decorativas foram diminuindo enquanto que a variabilidade morfológica foi aumentando, chegando ao seu ápice na segunda metade do XIX.

Essa diversidade morfológica com o pico no século XIX corresponde a maior diversidade geral da cultura material, sendo identificada em outros setores materiais da senzala, particularmente nas louças e cerâmicas vidradas. Ela esta relacionada ao diálogo dessa comunidade com o mundo externo, com as mudanças nos padrões de vida doméstico que estão se processando no Brasil Imperial a partir da abertura dos portos em detrimento de uma oferta muito maior de bens importados. É muito interessante considerar essas questões, pois, o trabalho foi construído de maneira focada na comunidade da senzala e suas relações intra-grupos. Mas é importante ressaltar que esses mesmos grupos não estavam alheios aos impactos e mudanças nas

práticas e nos costumes dos senhores do engenho, nem da sociedade que os circundavam.

Existe então um diálogo entre a manutenção de algumas práticas e morfologias e as inovações. Foi visto que as práticas de alimentação em torno da fogueira tiveram seu papel na manutenção de uma prática ancestral. Este tem um âmbito prático de nutrição, mas vai, além disso. Toda essa “cadeia alimentar” (Rego, 2013) envolve a convivência, compartilhamento de alimentos, transmissão de conhecimento, formação de uma tradição material, perpassando por um simbolismo, muitas vezes ligado a manifestações religiosas. Assim as panelas de barro ocupam um espaço fundamental na vida desses grupos que compunham a senzala da Fazenda do Colégio.

Uma nova proposta é a abordagem sobre a classificação das asas. Na amostra das cerâmicas da Fazenda do Colégio foi possível identificar quatro grupos de classificação baseada na técnica de confecção das asas. Elas foram mais um componente na variabilidade da amostra. E foi possível ainda perceber que as asas também tem uma distribuição temporal e espacial. A técnica do corrugado na aplicação das asas foi um desses denominadores comum nas áreas e no tempo, compondo também essa tradição cerâmica. Mas ainda assim ela não foi unânime na área SE apesar do corrugado estar presente, a preferência era por asas lisas e menores. Seria interessante ainda aplicar essa classificação sobre outras coleções e ver como alguns atributos podem ser adaptados além de perceber se as relações cronológicas são mantidas, visando perceber tendências.

Outro ponto é a questão da agência dos escravos sobre a cultura material envolvendo processos de negociação, resistência e resposta a esse contexto colonial. O que é visto aqui é que esses materiais foram adotados em estratégias com negociações em suas práticas. Com uma relativa autonomia sobre a sua vida material, os cativos encontraram um caminho para criar espaços de compartilhamento de conhecimento e a manutenção de uma tradição que era deles, de algo que não estava na esfera da casa grande. Uma criatividade característica dos espaços de crioulização, com diferentes grupos trazendo seus referenciais e se adaptando a uma nova realidade. E quando colocamos isso numa escala de poder, dentro de uma sociedade escravocrata colonial, essas criatividades, essa manutenção, são transpostas também para um espaço da resistência. É uma comunidade de



escravizados produzindo e consumindo bens, reinventando morfologias e as significando.

A própria materialidade, assim como os hábitos cotidianos, perpassa por essa delimitação de fronteira identitárias. Num primeiro momento as decorações podem ter sido utilizadas como veículos de expressão identitária e de diferenciação entre os grupos da senzala. Da mesma forma que a senzala poderia estar se estabelecendo em contraste com a casa grande, também se entende que essas relações poderiam estar acontecendo dentro da própria senzala, com grupos distintos buscando definir limites de individualidade e de identidade.

Foi visto que as morfologias associadas ao preparo dos alimentos foram as mais representativas dentro da amostra. Os dados estatísticos apontaram que essas tiveram o maior peso em estabelecer similaridades e diferenças entre as três áreas estudadas. A manutenção de algumas formas cerâmicas esta intimamente relacionada à manutenção dos modos de fazer, assim como aos hábitos alimentares.

Um dos objetivos era fazer uma caracterização sistemática das cerâmicas da Fazenda do Colégio a fim de constituir um estilo dessa amostra. Entende-se que essa noção de estilo aplicada não é estática, mas abrange a variabilidade dessa amostra ao longo da cronologia em relação às áreas da senzala. Não foram esgotadas aqui as possibilidades de pesquisa. Uma linha que pode ser seguida em outro trabalho é se estender para outras coleções de cerâmicas históricas no Norte-fluminense e perceber como esse estilo da Fazenda do Colégio se estabelece em relação a esses outros materiais. É possível que existam outros estilos contemporâneos, ou mesmo que eles se caracterizam não apenas numa escala local, mas regional. Essas são questões que podem ser trabalhadas em outro momento.

Essa análise mais regional ajudaria na questão da produção local ou aquisição no mercado. Caso estivessem sendo adquiridas no mercado, espera-se que as morfologias caracterizadas se repitam em outros contextos, inclusive com composições de pasta bem similares às encontradas na Fazenda do Colégio. Se forem locais, espera-se uma maior exclusividade desses tipos apenas do Colégio, embora nada impeça que suas ceramistas também comercializassem essas peças fora da senzala. Outras intervenções arqueológicas na própria Fazenda do Colégio poderiam revelar estruturas ou materiais mais diretamente relacionados à cadeia operatória da produção dessa cerâmica no local. E mesmo a análise química das pastas das

cerâmicas contrastadas com a argila local pode apontar para o uso de fontes de argilas locais ou de fontes externas. Enfim, questões que podem ser trabalhadas mais pra frente, pensando na expansão das análises que foram aplicadas neste trabalho.

O sítio arqueológico da senzala da Fazenda do Colégio apresenta uma temporalidade profunda oferecendo contexto único para trabalhar com a variabilidade interna das cerâmicas em uma escala espacial comparativa, em que três áreas foram contrastadas e tiveram suas similaridades e diferenças exploradas. O quadro assim esboçado demonstra artefatos de baixo apelo estético e aparentemente uniformes, que, quando minuciosamente analisados, com uma alta gama de atributos, remetem à dinâmica da vida na senzala, com significativas variações no tempo e no espaço. Variações que estão ligadas à tradição, à ancestralidade, aos modos de fazer, a mecanismos dinâmicos de construção identitária e a formas de negociação com a sociedade envolvente que vão muito além do quadro mais estático e uniforme revelado pelos registros escritos.

## Bibliografia

- Agnolin, A. (2108). Violence and Adaptability of the Word: Jesuits and Natives in Portuguese America (16 - 17 Centuries). In V. Lavenia, S. Pastore, S. Pavone, & C. Petrolini, *Compel People to Com In. Violence and Catholic Conversions in the non-European World*. (pp. 69-87). viella.
- Agostini, C. (2008). Africanos e a formação de indetidades no além-mar: um estudo de etnicidade na experiência africana no Rio de Janeiro do século XIX. *História & Perspectivas*, 241-259.
- Agostini, C. (2011). *Mundo Atlântico e Clandestinidade. Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX*. . Niterói: Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.
- Alencastro, L. F. (2000). *O trato dos viventes*. São Paulo: Cia das letras.
- Almeida, M. A., Amorim, A. M., Vaz, V. A., & Paula, M. H. (2016). Crioulo, mulato e pardo: análise lexical das qualificações aos negros no Brasil oitocentista. . *Linguagem em Perspectiva*, 159-170.
- Almeida, M. R. (2013). *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. (2º ed.). Rio de Janeiro : FGV.
- Almeida, M. R. (2014). Escravidão indígena e trabalho compulsório no Rio de Janeiro. *Mundos do Trabalho*, 6. 11-25.
- Almeida, M. R. (2015). Aldeias indígenas no Rio de Janeiro colonial: espaços de ressocialização e de reconstrução identitária e cultural. *Fronteiras e Debates*, 2, 119-147.
- Almeida, M. V. (2004). Crioulização e fantasmagoria . *Série Antropológica*, 1-13.
- Amantino, M. (2014). Reprodução endógena e mestiçagens dos escravos nas fazendas jesuíticas na Capitania do Rio de Janeiro, 1759-1779. *Revista Histórica e Cultura*. 250-273.
- Amaral, D. M. (2012). *Loiça de barro do agreste. Um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.
- Amaral, L. F., Vieira, C. M., & Monteiro, S. N. (2016). Formulation of ceramic body to produce roofing tiles using winkler diagram. In B. L.-Y.-D. Shadia Ikhmayies, *Characterization of Minerals, Metals, and Materials*. Springer. 219-225.
- Araujo, J. d. (1820). *Memorias Historicas do Rio de Janeiro e das províncias anexas a'juristição do Vice-Rei do Estado do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia.
- Barros, J. D. (2018). A construção social da cor: Desigualdade Escrava e Diferença Negra no processo de formação e superação do escravismo colonial. . *ResearchGate*. 39-55.

- Bartel, B. (1985). Comparative Historical Archaeology and Archaeological Theory . In S. Dyson, Comparative Studies in the Archaeology of Colonialism. BAR International Series. 8-37.
- Barth, F. (1995). *Gurpos étnicos e suas fronteiras*. Unesp.
- Binford, L. R. (1965). Archaeological Systematics and the Study of Culture Process. *American Antiquity*, 31, 203-210.
- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a Theory of Practice*. . Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowser, B. J. (2000). From pottery to politics: An ethnoarchaeological case study of political factionalism, ethnicity, and domestic pottery style in the Ecuadorian Amazon. *Journal of Archaeological Method and Theory* , 219-248.
- Calvacante, P. M., Baltar, C. A., & Sampaio, J. A. (2005). Mica. Rochas Mineirais Industriais - CETEM , 531-543.
- Calvo, M., Alberó, D., Rosselló, J. G., Javaloyas, D., Gavua, K., & Fornés, J. (2016). I Like You, I Like Your Pottery: An Ethnoarchaeological Approach to Ceramic Distribution and Acquisition in Northeastern Ghana. *Afr Archaeol Rev*, 297-320.
- Casal, M. A. (1817). *Corografia Brasileira ou Relação historico-geografica do reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade* . Rio de Janeiro : Impressão Régia .
- Certeau, M. d. (1984). *The Practice of Everyday Life*. . Berkeley: University of California Press .
- Chmyz, I. (1976). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, 119-148.
- Cintra, J. P. (2015). As capitânicas hereditárias no mapa de Luís Teixeira. *Anais do Museu Paulista*, 23(2), 11-42.
- Cohen, R., & Sheringham, O. (2013). Crioulização cotidiana e ecos diaspóricos: Resistência e cooptação em Cabo verde e Luisiana. *esferas*, 121-143.
- Deminicis, R. (2017). A escrita da história do Brasil através dos vasilhames cerâmicos das populações subalternas: o papel atual da arqueologia. . *Revista de Arqueologia* .
- Deetz, James. In *Small Things Forgotten*. Anchor Press, New York. 1977.
- Dias Jr., O. (1969). Fase Mucuri (Estado do Rio de Janeiro). *Algumas considerações*. 113-121.
- Dias Jr., O. (1979). Dados para o povoamento não Tupi guarani do Estado do Rio de Janeiro. *Relações arqueológicas e Etnográficas*. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira* , 11-24.
- Dias Jr., O. (1986). *A cerâmica Neo-brasileira*. Arquivo- IAB.

- Dias Jr., O. (1988). A cerâmica Neobrasileira. Arquivo do IAB. Tesxtos Avulsos, 3-13.
- Dias Jr., O., & Neto, J. (2014). Pesquisas arqueológicas no Sítio do Caju. Campos dos Goytacazes - RJ: Fundação cultural Jornalista Oswaldo Lima.
- Dias Jr., O., & Panachuk, L. (2008). Características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil. In A. Prous, & T. A. Lima, Os ceramistas Tupiguarani. Belo Horizonte: Sigma.91-116.
- Dietler, M., & Herbich, I. (1988). Habitus, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material culture and baounderies. In M. Stark, In the Archaeology of social Boundaries. Smithsonian Institution Press. 234-263.
- Dunnel, R. (2007). Classificação em arqueologia. São Paulo: EdUSP.
- Faria, S. d. (1993). Fontes textuais e vida material: observações preliminares sobre casas de moradia dos Campos dos Goitacases, séculos XVIII e XIX. Anais do Museu Paulista, 107-129.
- Faria, S. d. (1998). A Colônia em movimento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferguson, L. (1980). Looking for the "Afro" in Colono-Indian Pottery. In R. L. Schuyler, Archaeological Perspectives on ethnicity in America. Baywood Publishing . 14-28.
- Ferguson, L. (1991). Struggling with pots in colonial South Carolina. In R. H. McGuire, & R. Paynter, The archaeology of inequity. Blackkwell.28-39.
- Ferguson, L. (1992). Uncommon Ground: Archaeology and Early African Americans 1650-1800. Washington: Smithsonian Press.
- Fernandes, F. (1963). Organização social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão Européia.
- Fernández, F. J. (2002). El uso del Análisis de Correspondencia Simple (ACS) como ayuda en la interpretación del dato en arqueología. Un caso de estudio. Boletín Antropológico, 687-713.
- Galke, L. J. (2009). Colonowhen, Colonowho, Colonowhere, Colonowhy: exploring the meaning behind the use of colonoware ceramics in nineteenth-century Manassas, Virginia . Int. J. Histor. Archaeol. .
- Glissant, É. (2005). Introdução a uma poética da diversidade. (E. d. Rocha, Trans.) UFJF.
- Gomes, Flávio. The Atlantic demographics of Africans in Rio de Janeiro in the seventeenth, eighteenth, and nineteenth centuries: some patterns based on parish registers. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012.
- Gomes, F. d., & Symanski, L. C. (2018). Senzalas, crioulização e cultura material: uma proposta de arqueologia histórica em fazendas escravistas, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII e XIX. In L. M. Shwarcz, & M. H. Machado,

- Emancipação, inclusão exclusão. Desafios do Passado e do Presente. São Paulo: ed.USP.
- Gosden, C. (1999). *Anthropology and archaeology: a changing relationship*. London; New York: Routledge.
- Guglielmo, M. G. (2011, Março). As múltiplas facetas do vassalo "mais rico e poderoso de Portugal no Brasil": Joaquim Vicente dos Reis e sua atuação em Campos dos Goitacazes (1781-1813). Niterói: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.
- Guzzo, P. L. (2008). Quartzos. Rochas e Minerais Industriais - CETEM , 681-721.
- Hall, S. (2018). *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. (2ª ed.). Belo Horizonte: Humanitas.
- Hawkes, C. (1954). *Archeological Theory and Method: some suggestions from the old world*. *American Anthropologist*, 56, 155-168.
- Hegmon, M. (1992). *Archaeological research on style* . *Annu. Rev. Anthropol.* , 517-536.
- Hegmon, M. (2000). *Advances in Ceramic Ethnoarchaeology*. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 129-137.
- Hodder, I. (1990). *Style as Historical Quality*. In M. W. Conkey, & C. Ann, *The Uses of Style in Archaeology*. Cambridge University Press.44-51.
- Júnior, G. P. (2016). A carne e os ossos da escravidão: entendendo os hábitos alimentares de senhores e escravos com base em amostras zooarqueológicas do Clégio dos Jesuitas. . *Revista Três pontos* , 24-34.
- La Salvia, F., & Brochado, J. P. (1989). *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura.
- Lamego, A. R. (1974). *O homem e o brejo* (Segunda ed.). Rio de Janeiro: Lidador Ltda.
- Leite, S. (1945). *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Vol. Tômoo VI ). Instituto Nacional do Livro .
- Lima, N. R. (2017). *Em torno da senzala: a variabilidade morfológica da cerâmica vidrada em uma senzala oitocentista*. Belo Horizonte: Monofragia apresentada ao curso de Antropologia com habilitação em Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Marchiori, M. E., Mariani, A. W., Calvente, E. A., Guimaraens, D., Cavalcanti, M. L., Souza, M. d., & Travassos, E. (1991). *Quissamã*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura / Prefeitura Municipal de Quissamã.
- Marcussi, A. A. (2009). *Ambiguidades do conceito de criouliização entre a teoria e a empiria* . ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 1 - 9.

- Mattos, R. A. (2006). De cassange, mina, benguela a gentio da Guiné. Grupos étnicos e formação de identidades africanas na cidade de São Paulo (1800-1850). . São Paulo: Dissertação apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. .
- McCall, J. (1999). Structure, agency, and the locus of the social: why poststructural theory is good for. In J. Robb, *Material Symbols: Culture and Economy in Pre-History*. Carbondale.16-20.
- Mckern, W. C. (1939). Taxonomic Method as an aid to Archaeological Culture Study. *American Antiquity*, 4, 301-313.
- Meillassoux, C. (1995). *Antropologia da Escravidão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Meskell, L. (2007). Archaeologies of identity. In T. Insoll, *The archaeology of identities*. T. Routledge.23-43.
- Matthew, A., Woods, A. J., & Oliver, C. (1991). Spotas before the eyes: new comparison charts for visual percentage estimation in archaeological material. In A. Middleton, & I. Freestone, *Recent Developments in ceramic petrology*. British Museum .214-263.
- Monteiro, J. M. (1994). *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* . São Paulo: Companhia das Letras.
- Moraes, C. A. (2007). *Arqueologia Tupi no Nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual* . São Paulo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. .
- Moraes, C. A. (s/n). *A cerâmica arqueológica brasileira: princípios de análise*.
- Morales, W. F. (2001). Acerâmica "neo-brasileira" nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. *Revista do Museu de Etnologia de São Paulo*, 165-187.
- Moura, H., & Allen, S. (2015). O gosto do Barro: memória culinária e morfologia das cerâmicas utilitárias de Pernambuco. *Vestígios*, 9, 10-32.
- Muniz, G. D. (2014). *Panelreira de Goiabeiras & Paneleiros de Guarapari: Limites e influências entre patrimônio cultural, artesanato e mercado*. . Vitória: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Muniz, G. D. (2014). *Panelleiras de Goiabeiras & Paneleiros de Guarapari: Limites e influências entre patrimônio cultural, artesanato e mercado*. Vitória - ES: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Myashita, F. S. (2017). *Entre memórias, jogos e cultura material. Por uma etnografia arqueológica na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes - RJ*. 172. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa

de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

- Navarro, E. d. (2011). Curso de língua geral (Nheengatu ou Tupi moderno). A língua das origens da civilização amazônica. São Paulo: Paym Gráfica e editora.
- Nimuedajú, C. (1981 [1941]). Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes . Rio de Janeiro: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.
- Oscar, J. (1985). Escravidão e Engenho . Rio de Janeiro: achiamé.
- Paiva, E. F. (2014). Dar nome ao novo. Uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho). São Paulo: Autêntica .
- Panachuk, L., & Carvalho, A. (2010). Modelagens de barro em sítios Tupiguarani. In A. P. Lima, Os Ceramistas Tupiguarani (Vols. II - Elementos Decorativos , pp. 58-84). Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais.
- Paranhos, P. (1999). Controvérsias sobre os primeiros tempos da Capitania de São Tomé ou da Paraíba do sul. ASBRAP, 93-99.
- Parés, L. N. (2005). O processo de crioulização no Recôncavo Baiano (1750-1800). Afro-Ásia, 87-132.
- Patterson, O. (2008). A escravidão e Morte Solcial. São Paulo: Edusp.
- Perone-Moisés, B. (1971). Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVII). . Revista de Informação Legislativa., 115-132.
- Perrone-Moisés, B., & Sztutman, R. (2010). Notícias de uma certa confederação Tamoio. Mana, 16, 401-433.
- Pohl, A. I. (2014). A teoria etnoarqueológica: um debate do estilo . Revista LEPA – Textos de Arqueologia e Patrimônio, 52-62.
- Rego, H. M. (2013). As panelas de barro de Pernambuco - do século XIX ao XXI. . Recife: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.
- Reis, C. (2011). Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis 1785: descrição geográfica, política e cronográfica dos distrito dos Campos dos Goytacazes (Santos, Fabiano Vilaça dos; Freitas, Carlos Roberto Bastos; Ribeiro, Rafaela Machado; ed.). Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.
- Rice, P. M. (1987). Pottery Analysis. Chicago: The University of Chicago Press / Chicago and London.
- Rice, P. M., & Saffer, M. E. (1982). Cluster Analysis of Mixed-level Data: Pottery Provenience as an Example. Journal of Archaeological Science, 395-409.



- Ritzer, G., & Gindoff, P. (1994). Agency-structure, micromacro, individualism-holism-relationism. In P. Sztompka, *Agency and structure: Reorienting social theory* (pp. 2-23). Yverton: Gordon and Breach.
- Robrahn-González, E. M. (1998). Teoria e métodos na análise cerâmica em arqueologia. . *Ver. do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo*, 287-294.
- Rodrigues, I. M. (2011). *Fora das grandes aldeias: a ocupação do recôndito sítio arqueológico Vereda III*. Belo Horizonte: Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da FAFICH/UFMG.
- Rubertone, P. E. (2000). The Historical Archaeology of Native Americans. *Annual Reviews Antropological*, 425-446.
- Rubertone, P. E. (2005). Archaeology, colonialism and 17th-century Native American: towards an alternative interpretation. In R. L. Routledge, *Conflict in the archaeology of Living Traditions*. London and New York: Taylor & Francis Group.32-45
- Sackett, J. R. (1985). Style and Ethnicity in the Kalahari: A Reply to Wiessner. *American Antiquity*, 154-159.
- Saint-Hilaire, A. (1833). *Viajens pelo Distrito Diamantes e Litoral do Brasil*. (L. d. Pena, Trans.) Paris: Companhia Editora Nacional .
- Scatamacchia, M. C. (2004). Proposta de teminologia para a descrição e classificação da cerâmica arqueológicas dos grupos pertencentes à família linguistica Tupi-Guarani. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 291-307.
- Schiffer, M. B., & Skibo, J. M. (1997). The explanation of artifact variability. *American Antiquity*, 27-50.
- Schwarcz, L. M. (1994). Espetáculo da miscigenação . *Estudos Avançados*, 137-152.
- Scott, J. (1990). *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven, Londres.: Yale University Press.
- Seda, P. R., Machado, C. L., Sene, G. M., & Silva, L. d. (2012). Do cerrado ao mar: a Tradição Una no litoral do Espírito Santo . *Maracanan - Publicações UERJ* , 55-82.
- Setton, M. d. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, 60-70.
- Shanks, M., & Tilley, C. (1988). *Social Theory and Archaeology* . Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Shepard, A. O. (1956). *Ceramics for the Archaeologist* . Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington .
- Silliman, S. (2010). Indigenous traces in colonial spaces. *Journal of Social Archaeology*. 28-58.

- Silva, A. P. (2016). O Rio de Janeiro continua índio: território do protagonismo e da diplomacia indígena no século XIX. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Memória Social , 360. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro .
- Silva, L. S. (2007). Abolição da Escravidão Indígena: 1680 ou 1755? Educação Pública.
- Skibo, J. M. (2013). Understanding Pottery Function. New York: Springer.
- South, S. (1972). Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis in Historical Archaeology . Institute of Archaeology and Anthropology. Columbia: University South Carolina. , 71-116.
- Souza, A. M. (1834). Viagens e Observações de hum brasileiro que desejando ser útil a sua Pátria, se dedicou a estudar os usos e costumes dos seus Patrícios, e os três reinos da Natureza, em vários lugares e sertões do Brasil, oferecidas á NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Typographia Americana .
- Souza, M. A. (2008). Esencializando las cerámicas: culturas nacionales y prácticas arqueológicas em América. In F. Acuto, & A. Zarankin, Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueología latino-americana. Buenos Aires: Encuentro Grupo Editor.141-155.
- Souza, M. A., & Gardiman, G. G. (2016). A alimentação em dois engenhos brasileiros nos séculos 18 e 19: circulação, sujeitos e materialidades. In F. C. (org)., Comida, cultura e sociedade. Arqueologia da alimentação no Mundo Moderno. Recife: Editora Universitária UFPE.65-94.
- Souza, M. A., & Lima, T. A. (2017). Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. Urbania. Revista latinoamericana de arqueología e historia de las ciudades., 21-60.
- Souza, M. A., & Symanski, L. C. (2009). Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. J Histor Archaeol. , 513-548.
- Sugimatsu, I. C. (2012). A senzala do colégio dos Jesuítas: cultura material e processos de formação do registro arqueológico, Campos dos Goytacazes (RJ), século XIX. 105. Curitiba: Monografia apresentada ao curso de graduação, Bacharel em Ciências Sociais pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.
- Sugimatsu, I. C. (2016). Atrás dos panos: vestuário, ornamento e identidades escravas. Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX. 200. Belo Horizonte: Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Sugimatsu, I. C., & Symanski, L. C. (2015). Atividades cotidianas, deposição de refugo e ação do arado: processos de formação do registro arqueológico no espaço de uma senzala de Campos dos Goytacazes (RJ). Clio Arqueológica , 38-76.

- Symanski, L. C. (2014). A arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil. *Problemáticas e modelos*. Afro-Ásia, 159-198.
- Symanski, L. C. (No prelo). Cerâmicas, linhas de cor e a negociação do espaço social no Colégio dos Jesuítas.
- Symanski, L. C., & Gomes, D. M. (2012). Mundos mesclados, espaços segragados: cultura material, mestiçagem e segmentação no Sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais no Museu Paulista*.
- Symanski, L. C., & Gomes, F. (2012). Arqueologia da escravidão em fazenda jesuítica: primeiras notícias da pesquisa. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 309-317.
- Symanski, L. C., & Gomes, F. (2014). Café com açúcar: arqueologia da escravidão em uma perspectiva comparativa no sudeste rural escravista - séc. XVII e XIX. Belo Horizonte : Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
- Symanski, L. C., & Junior, G. P. (2016). Alimentação, socialização e reprodução cultural na comunidade escravizada do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ). In F. C. Soares, *Comida, cultura e sociedade: arqueologia da alimentação no Mundo Moderno*. Recife: Editora Universitária UFPE. 95-112.
- Symanski, L. C., Gomes, F. S., & Suguimatsu, I. C. (2015). Práticas de descarte de refugio em uma plantacion escravista: o caso da Fazenda do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes. *Revista de Arqueologia*, 28(1), 93-122.
- Symanski, L. C. (2010). Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *História Unisinos*, 294-310.
- Tavares, A. d. (2000). *A engenharia militar portuguesa na construção do Brasil*. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército .
- Tocchetto, F. B. (1991). *Acultura material do Guarani Missioneiro como símbolo da identidade étnica*. Florianópolis : Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina. .
- Vainfas, R. (1986). *O projet escravista-cristão*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Vainfas, R. (1999). Colonização, miscigenação e quetão racial: notal sobre equívocos e tabus na historiografia brasileira. . *Tempo*, 1-12.
- Vasconcelos, S. d. (1658). *Vida do P. Joam d'Almeida da Companhia de Iesu, na Provincia, composta pello padre Simão de Vasconcellos da mesma Companhia, provincial na dita provincia do Brazil*. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana.
- Vasconcelos, S. d. (1672). *Vida do venerável padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesv, Thavmatvrgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa.

- Vieira, C. M., & Monteiro, S. N. (2003). Influência da temperatura de queima na microestrutura de argilas de Campos dos Goytacazes - RJ. . *Cerâmica* , 6-10.
- Vieira, C. M., & Pinheiro, R. M. (2011). Avaliação de argilas caulínicas de Campos dos Goytacazes utilizadas para fabricação de cerâmica vermelha. *Cerâmica* 57, 319-323.
- Voss, B. L., & Allen, R. (2010). Cuide to ceramic MNV Calculatio Qualitative and Quantitative Analysis. *Technical Briefs in Historical Archaeology* , 1-9.
- Wheat, J. B., Gifford, J. C., & Wasley, W. W. (1958). Ceramic Variety, Type Cluster, and Ceramic System in Southwestern Pottery Analysis. *Society for American Archaeology*, 34-47.
- Wiessner, P. (1985). Style or Isochrestic Variation? A Reply to Sackett. *American Antiquity*, 50, 160-166.
- Willey, G., & Phillips, P. (1958). Archaeological units concept. In G. Willey, & P. Phillips, *Method and Theory*. University of Chicago. 11-43
- Wobst, M. (1977). Stylistic behaviour and information exchange . *Museum of Antrhropology Anthropological Papers* , 317-342.
- Young, A. E., & Stone, T. (1990). The thermal Properties of Textured Ceramics: An Experimental Study. *Journal of Field Archaeology* , 195-203.
- Zanettini, P. E. (2005). Maloqueiros e seus palácios de barro: o coditiano doméstico na casa dandeirista. São Paulo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arqueologia MAE/USP.
- Zuse, S. (2008). Os Guarani e a redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e Entorno. São Paulo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

## Anexo I

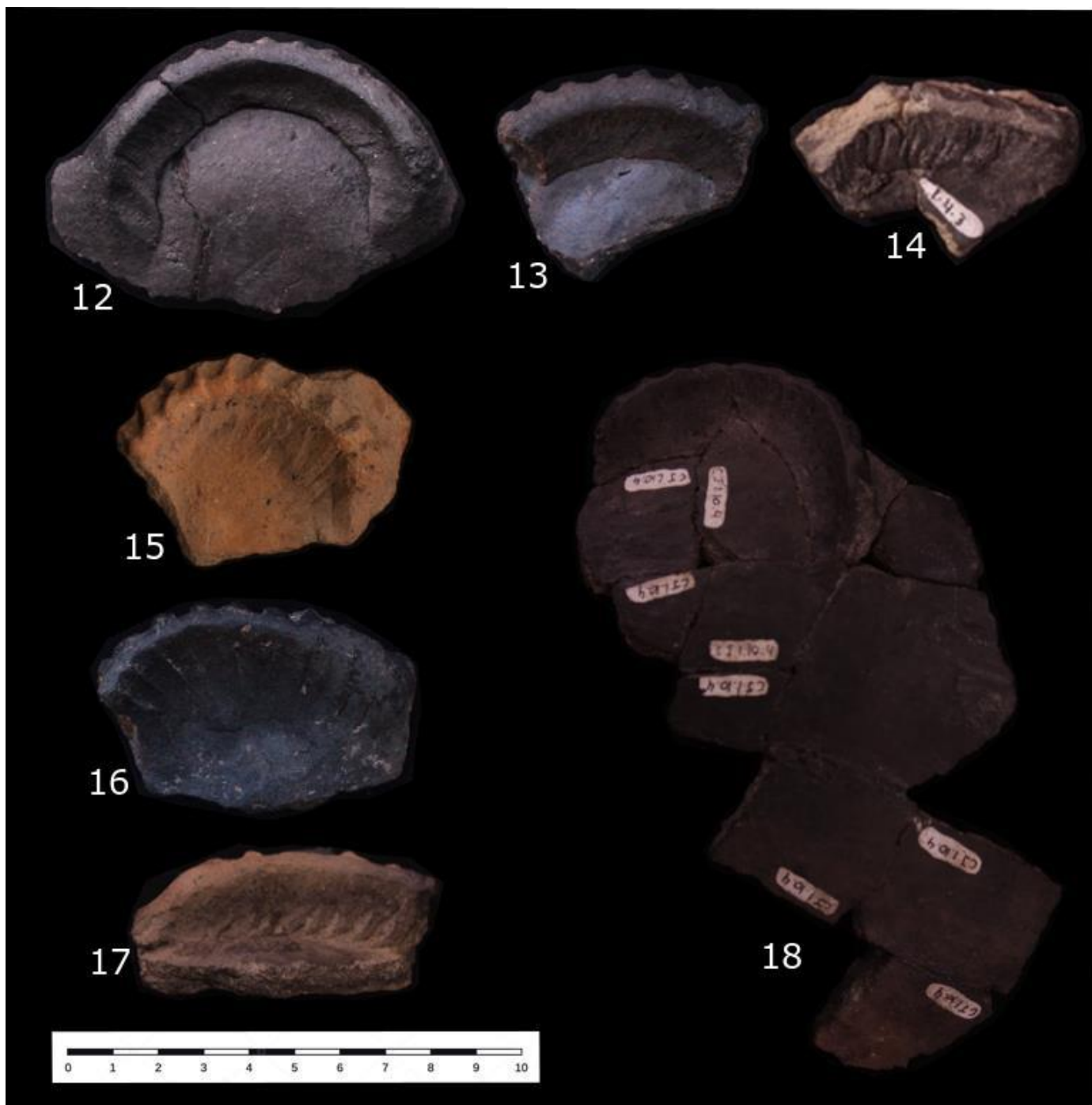
## **1. Classificação das asas.**

### **Grupo 1**



1. 1.90.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
2. 1.87.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
3. 1.95.F2, brunido na face externa, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
4. 1.84.F2, depósito de carbono na superfície externa, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
5. 1.88.C3, incisões próximas ao beliscado, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível C3.
6. 1.88.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
7. 1.88.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
8. 1.92.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
9. 1.93.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
10. 1.107.F1i, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F1i.

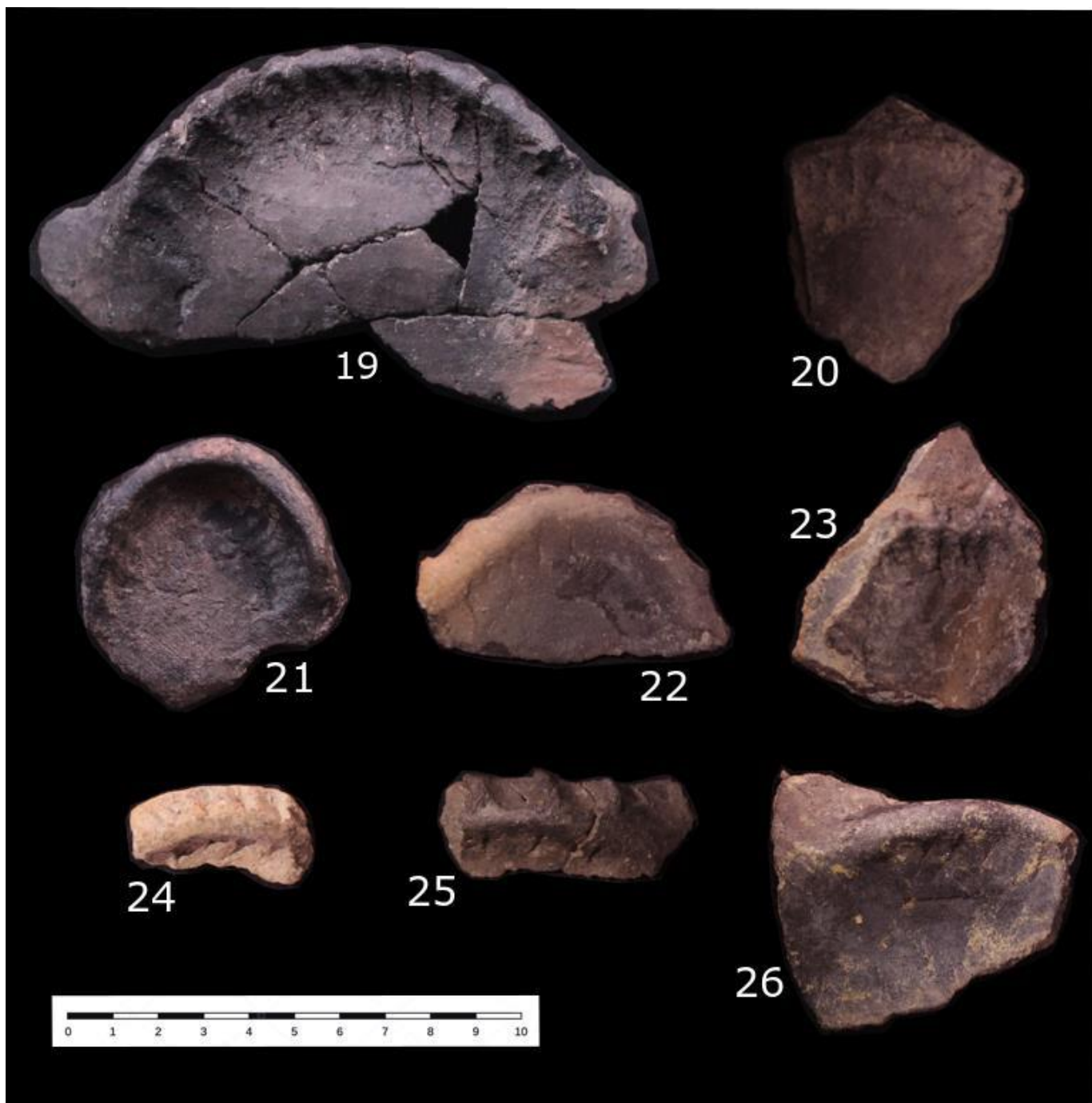
11.1.91.C3, marcas dos dedos mais proeminente, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível C3.



12. 1.101.F1i, depósito de carbono na superfície externa, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F1i.
13. 1.94.C3, brunido na face externa, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível C3.
14. 1.4.3, brunido em ambas as faces, depósito de carbono na superfície interna e externa. Costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NW, nível 3.
15. 1.43.1, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NW, nível 4.



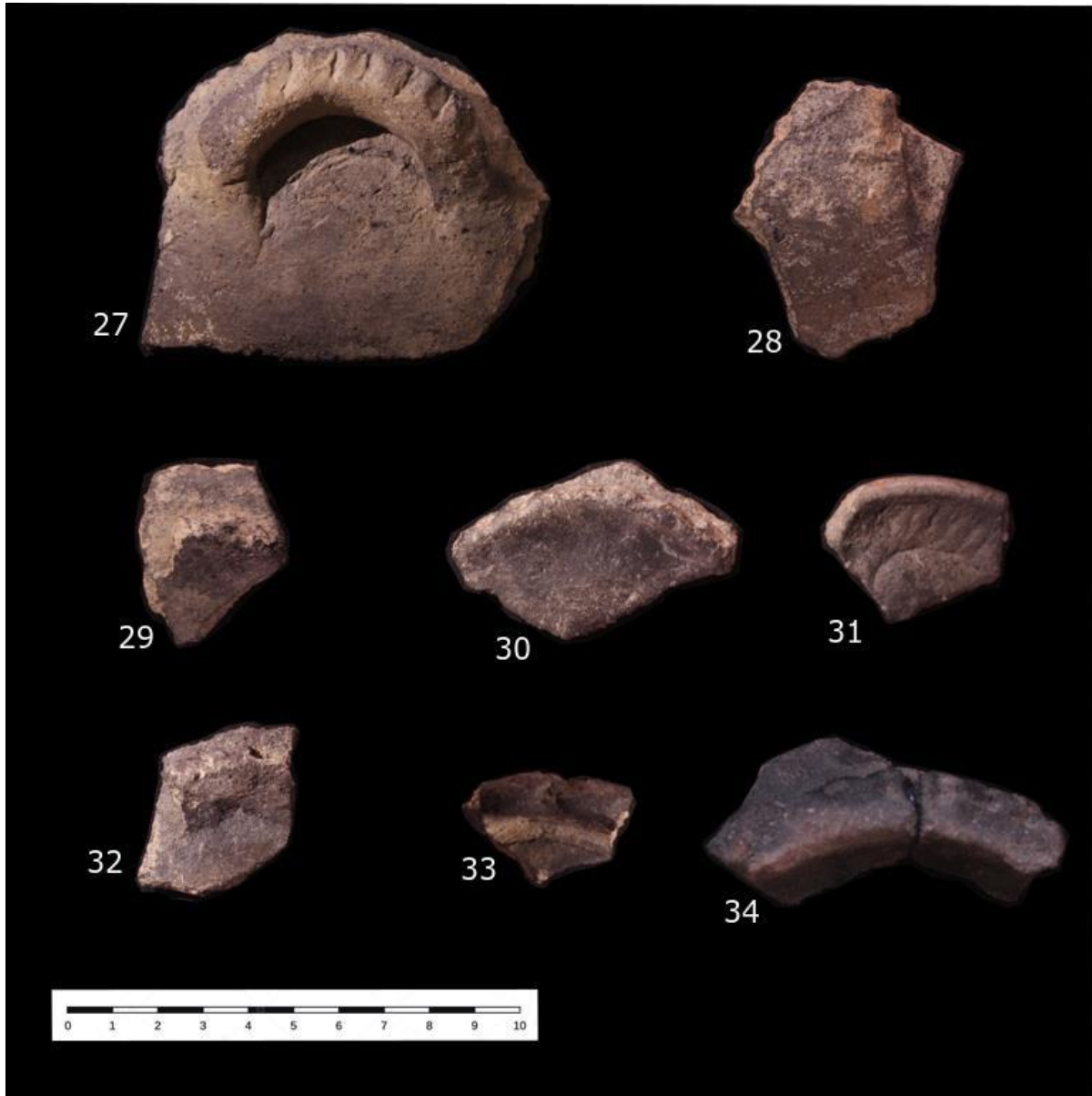
16. 3.6.5, brunido em ambas as faces, depósito de carbono na superfície interna e externa. Costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área SE, nível 5.
17. 1.89.F2, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.
18. 1.10.4, brunido na face externa, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NW, nível 4.



- 19.1.92.F2, brunido em ambas as faces, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível C3.
- 20.1.13.1, Depósito de carbono na superfície externa e interna. Brunidura em ambas as faces.. Desgastado na face externa dificultando a visualização, costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NW, nível 1.
- 21.1.91.F2, depósito de carbono na superfície externa, desgaste na superfície externa. costura na parte inferior e beliscado na parte superior. Área NE, nível F2.

- 22.CJ NE5.13, costura na parte inferior e belicado na parte superior. Área NE, nível 0-20 cm.  
 23.3.8.4, brunido em ambas as faces, marca de fuligem e de queima na superfície externa. costura na parte inferior e belicado na parte superior. Área SE, nível 4.  
 24.1.54.4, costura na parte inferior e belicado na parte superior. Área NW, nível 4.  
 25.1.89.F2, ungulado entre o beliscado. Costura na parte inferior e belicado na parte superior. Área NE, nível F2.  
 26.3.16 MP, Fuligem na superfície interna e depósito de carbono. Desgastado na face externa dificultando a visualização. Área SE, nível Mancha Preta.

## Grupo 2

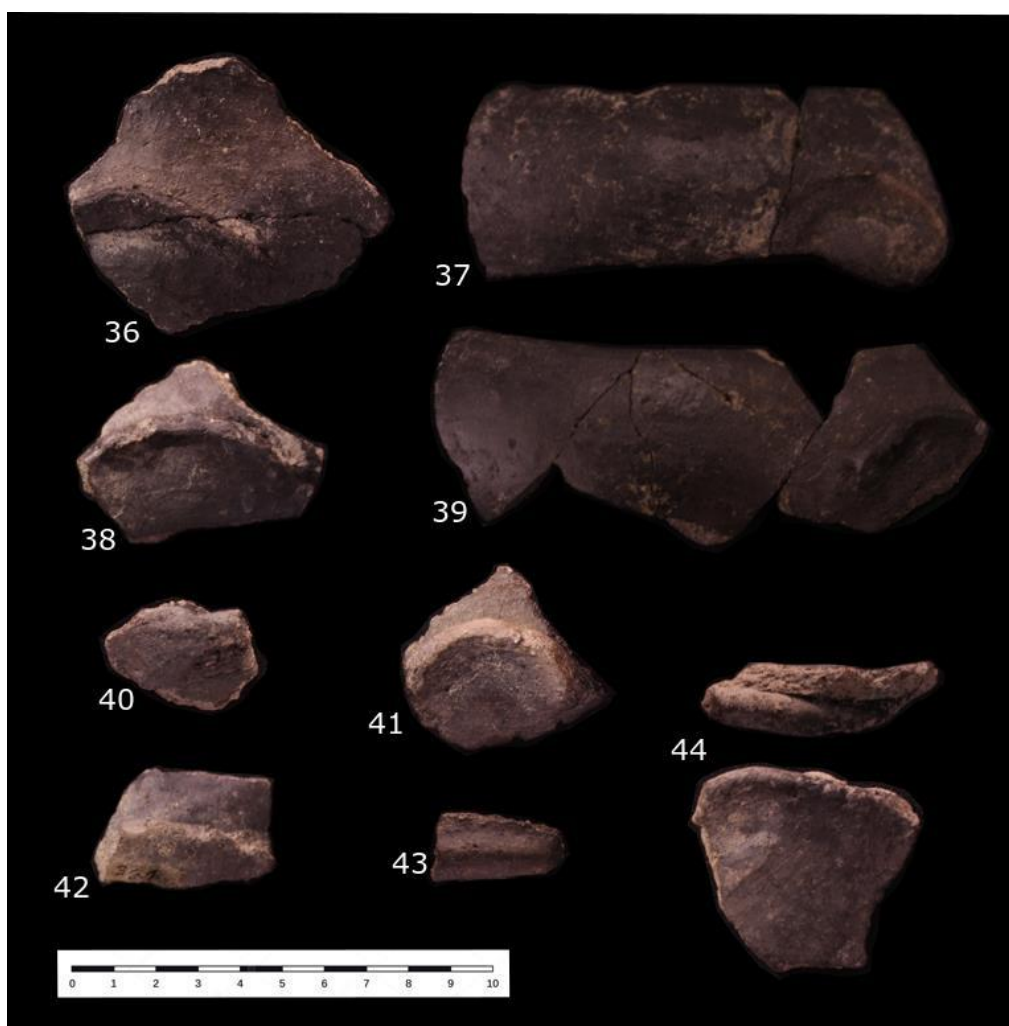


27. 1.106.F2, formato globular, contorno da asa mais protuberante. Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área NE, nível F2.

28. 1.54.4, contorno da asa mais protuberante, Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área NW, nível 4.

29. 1.20.2, desgastado na parte superior, Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área NW, nível 2.
30. 1.21.2, brunido na face externa. Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior.. Área NW, nível 2.
31. 1.104,F1s, brunido na face externa. Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior.. Área NE, nível F1s.
32. 3.15.3, depósito de carbono na superfície interna. Superfície externa desgastada. Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área SE, nível 3.
33. 1.88.C3, parte superior com quebra . Na parte inferior do fragmento tem a marca do alisamento, provocando um desnível na argila. Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área NE, nível C3.
34. 1.90.F2, Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área NE, nível F2.
35. Sem imagem, contorno da asa mais protuberante. Alisado na parte inferior e tratamento plástico na parte superior. Área NE, nível F1i.

### Grupo 3



- 36.1.28.2, brunido em abas as faces. Alisado na parte superior e inferior. Área NW, nível 3.
37. 3.11.2, fragmento de borda, brunido em abas as faces. Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 2
- 38.3.19.2, depósito de carbono na superfície externa. Fragmento de borda, brunido em abas as faces. Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 2
39. 3.13.2, fragmento de borda, brunido em abas as faces. Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 2.
40. 3.13.1, brunido na superfície interna. Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 1

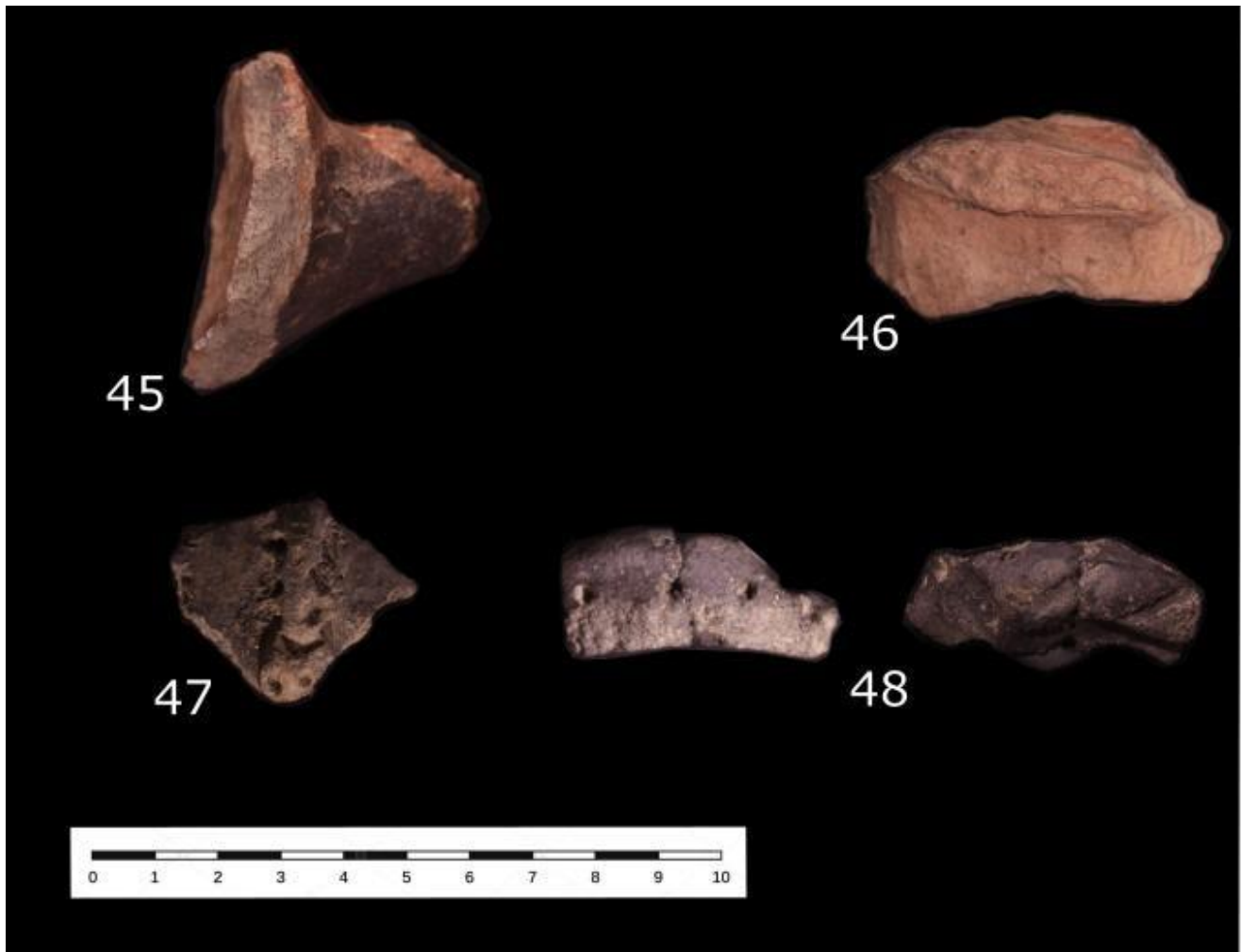
41.3.10.1, Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 1.

42. 3.6.1, depósito de carbono na superfície interna e algumas irregularidades na parte superior. Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 1.

43. 3.1.6, Alisado na parte superior e inferior. Área SE, nível 6.

44. 1.20.1, depósito de carbono na superfície externa. Alisado na parte superior e inferior. Área NW, nível 1. (imagem de frente do fragmento e da parte superior).

#### Grupo 4



45.2732, Alisado na parte superior e inferior. Área NE, nível 0-20 cm.

46.1.9?.F1i, técnica modelada, queima oxidante e marcas de pressão dos dedos. Variado. Área NE, F1i.

47. 1.94.F2, apêndice vertical. Variado. Área NE, nível F2.

48. 1.88.F2, ponteados e incisões, brunida em ambas as faces. Variados. Área NE, nível F2.

## Anexo II

### 1. Resultado da análise multivariada (CA).

Summary
---------

Axis	Eigenvalue	% of total	Cumulative
1	0,454497	54,596	54,596
2	0,377977	45,404	100

Row scores		
	Axis 1	Axis 2
SE	0,7789	0,556383
NW	0,279636	-1,00491
NE	-0,756258	0,201118

Column scores		
	Axis 1	Axis 2
F1	-0,640704	0,179331
F2	0,789212	-0,697758
F3	1,71376	1,472
F4	1,71376	1,472
F5	0,889888	-1,62599
F6	1,71376	1,472
F7	1,71376	1,472
F8	1,71376	1,472
F9	0,869334	1,23703
F10	-0,819518	0,767068
F11	0,320086	-0,828302
F12	0,379122	-1,19437
F13	-1,66394	0,53209
F14	-1,66394	0,53209
F15	-1,66394	0,53209
F16	-0,904208	-0,53149
F17	-1,66394	0,53209
F18	0,615264	-2,65865
F19	-1,66394	0,53209
F22	0,615264	-2,65865
F23	0,615264	-2,65865
F24	0,615264	-2,65865
F25	0,615264	-2,65865

Tabela com a distribuição das formas em relação as áreas			
	SE	NW	NE
F1	8	7	27
F2	7	9	2
F3	3	0	0
F4	6	0	0
F5	1	3	0
F6	3	0	0
F7	1	0	0
F8	1	0	0

F9	6	0	2
F10	1	0	3
F11	1	2	1
F12	1	3	1
F13	0	0	1
F14	0	0	5
F15	0	0	1
F16	0	2	4
F17	0	0	1
F18	0	1	0
F19 - F21	0	0	4
F22	0	1	0
F23	0	2	0
F24	0	1	0
F25	0	1	0
Tipos	12	11	11
Total de vasilhames	39	32	52
Tipos exclusivos	5	5	5

Obs. Em cinza estão as formas exclusivas de cada área. Na área NE os tipos F 19, F20 e F21 foram considerados como um único tipo com 4 vasilhames. O resultado da análise levaram esse fator em consideração.

## 2. Tabela das análises estatística

<b>Intitulé</b>	<b>Coord. 1</b>	<b>Contrib. Coord 1</b>	<b>Coord. 2</b>	<b>Contrib. Coord. 2</b>
F1	-0.43194	14.01713	-0.11025	1.09813
F2	0.53206	9.11496	0.42898	7.12487
F3	1.15536	7.16336	-0.90499	5.28487
F4	1.15536	14.32671	-0.90499	10.56973
F5	0.59993	2.57529	0.99965	8.59783
F6	1.15536	7.16336	-0.90499	5.28487
F7	1.15536	2.38779	-0.90499	1.76162
F8	1.15536	2.38779	-0.90499	1.76162
F9	0.58607	4.9154	-0.76052	9.95273
F10	-0.55249	2.1841	-0.47159	1.91348
F11	0.21579	0.33319	0.50924	2.23117
F12	0.25559	0.58428	0.7343	5.79888
F13	-1.12177	2.25099	-0.32713	0.23018
F14	-1.12177	11.25493	-0.32713	1.15089
F15	-1.12177	2.25099	-0.32713	0.23018
F16	-0.60958	3.98826	0.32676	1.37796
F17	-1.12177	2.25099	-0.32713	0.23018
F18	0.41479	0.30776	1.63453	5.74668
F19	-1.12177	2.25099	-0.32713	0.23018
F20	-1.12177	2.25099	-0.32713	0.23018
F21	-1.12177	4.50197	-0.32713	0.46036
F22	0.41479	0.30776	1.63453	5.74668
F23	0.41479	0.61553	1.63453	11.49337
F24	0.41479	0.30776	1.63453	5.74668
F25	0.41479	0.30776	1.63453	5.74668

Obs.: O peso que cada forma teve no cálculo de distancia entre as áreas SE, NW e NE. Em cinza estão ressaltadas as formas que foram mais relevantes para esse contraste.



### 3. Análise de Chi

As análises de Chi Pearson são utilizadas em testes estatísticos aplicados a dados categóricos para avaliar quão provável é que qualquer diferença observada aconteça ao acaso. Mas para ser utilizada, é necessário que haja pelo menos 6 unidades para cada valor. Como na amostra cerâmicas, muitas delas são exclusivas, não chegando a 6 unidades, a análise de Chi não funcionou.

Chi Pearson :
102.3943
Graus de liberdade:
48
Probabilidade de independência:
8.193162e-06
Chi-quadrado:
0.8324742

### 4. Tabela de fatores decrescentes

		% expressaram	% acumulado
Fator 1	0.454497	54.595963	54.595963
Fator 2	0.377977	45.404037	100

### 5. Tabela com cálculo de variáveis

Variável	Fator 1	Fator 2	Soma	Valor máximo
F1	0.939	0.061	1	0.939
F13	0.922	0.078	1	0.922
F14	0.922	0.078	1	0.922
F15	0.922	0.078	1	0.922
F17	0.922	0.078	1	0.922
F19	0.922	0.078	1	0.922
F20	0.922	0.078	1	0.922
F21	0.922	0.078	1	0.922
F16	0.777	0.223	1	0.777
F3	0.62	0.38	1	0.62
F4	0.62	0.38	1	0.62
F6	0.62	0.38	1	0.62
F7	0.62	0.38	1	0.62
F8	0.62	0.38	1	0.62

F2	0.606	0.394	1	0.606
F10	0.579	0.421	1	0.579
F9	0.373	0.627	1	0.627
F5	0.265	0.735	1	0.735
F11	0.152	0.848	1	0.848
F12	0.108	0.892	1	0.892
F18	0.061	0.939	1	0.939
F22	0.061	0.939	1	0.939
F23	0.061	0.939	1	0.939
F24	0.061	0.939	1	0.939
F25	0.061	0.939	1	0.939

Variável	Fator 1	Fator 2	Soma	Valor máximo
SE	0.662	0.338	1	0.662
NW	0.072	0.928	1	0.928
NE	0.934	0.066	1	0.934